

antologia dos signos

★
Glau Kemp &
Giovanna Vaccaro
Organizadoras

QUANDO O UNIVERSO CONSPIRA





Copyright© By Editora Coerência 2018

QUANDO O UNIVERSO CONSPIRA ©
GLAU KEMP /GIOVANNA VACCARO

1ª Edição — Editora Coerência — Brasil
Todos os direitos reservados pela Editora Coerência

Produção Editorial

Diretora Editorial: LILIAN VACCARO

Revisão: ARIANE ELEUTÉRIO

Capa: MIRELLA SANTANA

Diagramação: CINTIA RODRIGUES

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)

Kemp, Glau. Vaccaro; Giovanna;

Quando o universo conspira - 1ª edição — São Paulo — Editora
Coerência 2018

ISBN: 978-85-5327-031-6

1. Literatura Brasileira 2. Antologia I.Título

CDD. 869-3

Editora Coerência

Rua Pinhancó, 12A

Parque São Rafael — SP — Cep . 08320-350

Site: www.editoracoerencia.com.br

E-mail: lilian@editoracoerencia.com.br

Tel.: (11)2011-3113

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.



ANTOLOGIA DOS SIGNOS

QUANDO O UNIVERSO CONSPIRA

Glau Kemp
Giovanna Vaccaro
Organizadoras



ÁRIES

Raphael Miguel, com o nome de dois anjos, é apontado com destaque pela crítica especializada em literatura brasileira contemporânea. Autor de crônicas, poemas e contos sobre os mais variados temas, coleciona diversas participações em antologias, revistas, sites e blogs. Possui em seu currículo quatro livros solos publicados até o momento, sendo eles: “O Livro do Destino” (fantasia, 2016); “Ácido & Doce - A Rosa Fatal” (romance, 2017); “5 – Cinco” (suspense, 2017) e “Planeta Brutal” (distopia, 2017). O organizador da antologia “Playlist – Contos Musicais” (2018) e idealizador da coletânea “Os Supremos” (2018), não se limita por desafios e pretende produzir e lançar ainda mais projetos nos próximos anos. Este é apenas o começo da sua jornada.

Guru

Ressaca! Mais uma vez, como em outras incontáveis ocasiões, Leandro acordou com uma terrível e retumbante ressaca. Aquilo já era tão costumeiro que ao lado de sua cabeceira, no criado-mudo, repousava um belo frasco de remédio para o fígado, uma cartela de analgésico, outra de aspirina, copos descartáveis e uma jarra de água. Os olhos se fechavam sozinhos e mantê-los abertos era uma tarefa dificultosa para o rapaz, tanto pelo sono como pela dor de cabeça aguda que insistia em se fazer lembrar a cada milésimo de segundo. “*Glória Maria dos analfabetos, por quanto tempo eu dormi?*”, perguntou a si mesmo em pensamento. Arrependeu-se logo em seguida, pensar também fazia com que o cérebro ardesse.

Apanhou o celular e, amaldiçoando a claridade da tela, que mostrava sua foto ao lado do cãozinho Shih Tzu, Bibinha, tomou parte do horário: 14h12. Aquilo o fez soltar um gritinho de pavor, abafado pelas costas das mãos delicadas, mas peludas. Dentro de menos de uma hora deveria estar nos estúdios da RTV, onde faria sua estreia em um programa de fofocas vespertino. Logo, um carro enviado por sua empresária estaria lá, fazendo pressão para que desse jeito na vida.

Não, Leandro não estava preparado. Além da ressaca que o assombrava terrivelmente naquele começo de tarde, ainda estava um trapo. Seminu, apenas com sua cueca samba-canção com o tema de *Star Wars*, não conseguiu levantar de pronto. “*Ai, Iemanjá, não faça isso com a minha pessoa!*”.

Abriu um frasco de remédio para o fígado, engoliu o conteúdo com apenas um gole, fazendo cara feia. Odiava o sabor daquilo e não entendia o motivo de ter que ser tão ruim. Um saborzinho artificial de abacaxi já serviria para deixá-lo menos intragável. Se bem que se fosse de caipirinha seria melhor ainda, apesar de contraditório. Tomou água diretamente de um copo descartável para poder refrescar o paladar.

Ao colocar os pés para fora da *King Size* que o acomodava, pisou no Bibinha, arrancando um latido de repreensão pelo descuido, acompanhado de um leve choramingo.

— Ah, mas ninguém mandou você deitar ai, Bibinha! — gritou com a voz aguda o suficiente para afugentar o Shih Tzu dali.

Na sequência, cuidou de procurar roupas condizentes com o que as pessoas esperavam ver ao assisti-lo na TV. Havia conseguido uma linda carreira na rádio e agora seu público iria descobrir como era sua pessoa. Não que isto fosse novidade, ele adorava exibir seu visual nas redes sociais. Mas como ele mesmo dizia, a vida era muito mais glamorosa vista pela telinha. Ele não podia decepcionar.

O guarda-roupa apontava peças multicoloridas, coisa fina, de pura seda. Difícil era saber qual dos *modelitos* lhe faria jus diante das câmeras. *“Amarelo engorda, rosa é escandaloso demais para a primeira vez, verde é sem graça... preto nem se fala, azulzinho? Talvez. Não gosto muito de azul. Vermelho? Longe de mim! Roxo... roxo... Isso! Roxo!”*.

Municiado da bata roxa, com adereços prateados, correu até a penteadeira, onde viu seu reflexo no espelho pela primeira vez naquele dia.

— Madonna da minha vida, estou um caco! — Constatou em alto som para si mesmo. Suas olheiras não mentiam. A barba, embora bem desenhada, estava desgrenhada e o cabelo, uma lástima. Não teria tempo para se ajeitar, mas sabia que ao menos o turbante disfarçaria um pouco o desleixo com as madeixas. Já as olheiras, uma leve base poderia resolver, mas tudo isso depois de tomar uma bela ducha.

Só que Leandro não iria se dar ao luxo de entrar no banho sem separar o turbante que iria completar seu visual. Aquilo era um dilema sem fim. O que iria combinar com o roxo da bata sem parecer brega diante das massas? Ele queria tanto causar uma boa primeira impressão, mas a ressaca não lhe permitia pensar com clareza. Eram tantas cores, opções, combinações... Simplesmente não dava para escolher qualquer uma.

Pensou, pensou... pensou tanto que doeu. Preferiu ficar com o básico para a cobertura, ao contrário do que escolheu para o corpo. Branco ou preto? O branco poderia trazer uma mensagem de serenidade, mas o preto era o menos ousado e mais aceitável. Após muito discutir consigo mesmo e experimentar

as duas opções, ao menos cinco vezes cada, pautou pelo branco.

Com o *look* escolhido, correu ao banheiro anexo ao quarto. Ensaboou-se enquanto deixava a mente viajar um pouco. Os últimos dias vinham sendo uma correria sem fim, apesar de se sentir pleno por estar realizando um sonho que julgava ser inalcançável. Sempre almejou a fama, ser reconhecido, participar de festas, eventos, frequentar os melhores lugares. Agora, viveria aquilo que sempre quis.

Para acordá-lo das divagações, o celular começou a tocar e, mesmo de dentro do box e à distância, conseguiu ouvir Pablo Vittar gritar:

*“Seu amor me pegou
Cê bateu tão forte com o teu amor
Nocauteou, me tonteou
Veio à tona, fui à lona, foi K.O.”*

“Anitta virada na Marqueline, socorro! Quem é que já vem me apressar?” saiu do banho com o corpo cheio de sabão. Nu, atravessou o banheiro, chegou no quarto e pegou o celular. A tela mostrava a morena de boca carnuda e olhos enigmáticos o abraçando em uma *selfie*, uma foto tirada há poucas semanas.

— M-I-L-E-N-A! Nem vem, meu amor, ainda não estou pronto.

— Boa tarde para você também, Lê. — A moça riu do outro lado da linha.
— Não venha me dizer que perdeu a hora. Justo hoje, Lê?

— Menina, ontem à noite rendeu. *Nem te conto!* Aqui, estou tomando banho agora.

— Meu Deus, Lê! Tomando banho ainda?

— Não nasci gata como você, meu amor! — Leandro tentou utilizar de bom humor, embora a cabeça ainda o estivesse torturando de tanta dor.

— Poxa! Você só precisava se cuidar um pouquinho, não lhe pedi muito. Ainda bem que não mandei um *Uber* para buscá-lo.

— Ai, quem vem me pegar então? — A dúvida surgiu.

— Eu, Lê. Aliás, liguei por isto. Estou aqui embaixo, esperando no carro.

— Menina, não brinca comigo!

— Não tô brincando. Venha logo.

— Ah, então pode subir, meu amor. Vou demorar! Preciso tomar banho,

Não houve uma resposta. A moça desligou. Aquilo fez com que o jovem a amaldiçoasse em pensamento. “*Nariz arrebitado, nem deu tchau.*”. E voltou para baixo do chuveiro, onde iria deixar correr a água para, finalmente, terminar o banho. Demorou pouco para ser interrompido mais uma vez, agora, pela campainha.

“Jesus Luz, Cristiano Ronaldo dos meus pecados, Paulo Zulu! Como eu odeio essa m#\$%a de campanha! Preciso trocar essa b!#\$a U-R-G-E-N-T-E!”

— Já *tô* indo, meu amor! Já *tô* indo! — gritou ao mesmo tempo em que apanhou uma toalha para cobrir suas vergonhas e correu pelo apartamento, certo de que seria Milena a atormentá-lo para que abrisse a porta.

— *Xispa*, praga das Lituânias!

— Quer que eu faça o quê? Acabei de tomar banho. — Riu, mais para tentar disfarçar a gravidade da situação do que por achar graça no que estava acontecendo.

— Eu sei, meu amor, mas não se apressa um artista. Não sabe disso não?

Voltando ao quarto, acompanhado pela empresária, o rapaz arrancou a toalha sem cerimônia e atravessou o cômodo nu até encontrar a bata que havia separado momentos antes.

— Nossa, Lê. Eu juro que se não soubesse quem você é, cairia matando. O

que você tem eu nunca vi em nenhum outro homem. — Milena riu até o ponto de gargalhar, enquanto se servia de um copo da água do amigo. — E olha só esse corpo. Anda malhando, bi?

— Ih, eu, hein! *Cê tá* é louca, meu amor! Sabe muito bem que a fruta que eu gosto é outra. — Retrucou com bom humor, ao mesmo tempo em que vestia a bata roxa.

— Roxo, Lê? É sério?

Sabendo da possível indecisão do amigo sobre a roupa que iria usar, Milena se permitiu uma pequena diversão disfarçada de provocação. Só não contava com dois pontos: 1 – ao vestir a bata, Leandro já não era mais Leandro. Agora agiria como seu personagem e 2 – não se deixa em dúvida um libriano.

— Na-na! Não tem nenhum Leandro aqui, meu amor. E me diz, fiquei estranho com essa bata?

— Claro que não, Lê. Estou brincando.

— Quem é Lê?

— Ai, droga! — Milena teve uma repentina lembrança de que o amigo encarnava seu personagem quando estava “montado”. — Estou brincando, Said Min. Já escolheu o turbante?

— Apressa não!

Said sentou-se à penteadeira e passou a base por todo o rosto, com atenção especial às olheiras. Lápis e delineador nos olhos, escova na barba e, por fim, turbante preto na cabeça. Não se permitiria apresentar-se com má aparência. Deixou a peça branca de lado, afastou com os pés o cãozinho que se aproximava e levantou as mãos para o alto, se esbaldando e comemorando:

— Yeah! Estou pronto para arrasar, universo!

— Ual! — Milena agiu com sarcasmo. — Ainda bem que estamos com todo o tempo do mundo, não é, Said Min?

Ao chegarem nos estúdios da RTV, apesar do atraso, Milena e Said Min foram recebidos como celebridades de primeira grandeza. A estreia do guru, que fazia sucesso na rádio, era algo muito aguardado por todos e o programa vespertino tinha a melhor audiência do horário.

Tanto que até uma renomada apresentadora fez questão de cumprimentar o jovem antes de ele ser acomodado em um camarim próprio. Aquilo era surreal demais para ser verdade.

— *Hare, Krishna, Krishna, Krishna, Hare, Rama!* Olhe só para isso, Milena! — Said quase berrou ao constatar que em seu camarim havia frutas frescas e um enorme retrato do seu rosto estampado em uma única parede. — Eu sou uma estrela! E-S-T-R-E-L-A!

— Isso é incrível, Lê!

— Quem é Lê, menina?

— Isso é incrível, Min! — A empresária se corrigiu, girando os olhos, apanhando uma maçã verde e se aconchegando em um sofá. — O que acha de treinar o roteiro comigo? Logo irão chamá-lo.

— Precisa não, meu amor. Vou apostar no improviso, as pessoas gostam do Said Min o mais natural possível.

— Claro, Said, mas seria bom que você soubesse o que falar quando lhe perguntarem.

— O que vão me perguntar, criatura? Vão apresentar a banda *Sons At Mud* e devem pedir para que eu fale algo exotérico sobre eles, algo que tem a ver com o disco novo, ou com o vocalista gato. Sei lá. Hoje é só isto mesmo, só vão me apresentar para o público, é amanhã que vou começar *pra* valer com um quadro e tal.

— Mas qual é o nome do disco da banda, Said?

— Sei não — respondeu com dúvida na voz.

— Zodíaco! — Milena respondeu e suspirou, era fã de longa data da banda de rock e, sobretudo, do vocalista Rob Fyre. — E tem mais, por que o chamaram para o programa? O que você fazia na rádio que chamou a atenção dos produtores da TV?

— Ai, menina! Que chateação!

— Diz, Said. O que chamou a atenção?

— Eu falava o horóscopo.

— Cara, se você entrar naquele estúdio sem saber o horóscopo do dia, vai acabar se ferrando — Milena advertiu. — Eu não trouxe você aqui para que faça papel de palhaço em rede nacional, Said.

— P*%a que o pariu, meu amor! Quando você encana, é f*%a! — Said praguejou e abriu o celular. Usou o navegador da internet para acessar a página do famoso “guru das estrelas”, El Shapo, de onde costumava tirar toda a informação necessária que usava no programa da rádio.

— Nossa, eu juro que não acredito que você vai ler o celular no ar, como fazia na rádio. As coisas são diferentes aqui, Said.

— Eu sei disso, né, meu amor! Não sou tapada. Vou só decorar o que está aqui no Shapo. Nunca acreditei nessas bobagens. — Sorriu e massageou as têmporas, ainda estava com dor de cabeça pela ressaca.

— Isso que é ironia! Um guru que não acredita no horóscopo que lê. — Milena se divertiu ao abocanhar a maçã.

— Cê sabe mais do que ninguém que Said Min nunca foi um guru de verdade. Eu e o Dr. Paixão criamos este mito faz um bom tempo.

— É... só que ninguém pode saber que você é uma fraude ou vai acabar perdendo a boquinha na TV e sua carreira vai para o vinagre.

— *Jesus Luz*, menina, você está acabando com o meu estilo. Deixe comigo, Milena, Said Min sabe muito bem o que está fazendo. Muito bem! Fique caladinha, fique!

Novamente, as previsões do guru Said Min estavam certas. Como um verdadeiro guru, adivinhou como seria o roteiro da sua grande aparição na TV em rede nacional.

No decorrer do programa vespertino, a banda *Sons At Mud* foi chamada ao palco, tocaram uma música do novo disco, *Zodíaco*, e, em seguida, falaram sobre o trabalho inédito a um dos apresentadores. Como um gancho no assunto, aproveitaram a deixa para anunciar a estreia mais aguardada.

— E já que o novo disco da *Sons At Mud* tem tudo a ver com esse lado mais exotérico, nada mais justo do que chamarmos aqui o mais novo integrante do elenco do programa: o astrólogo, cartomante, exotérico e renomado guru. Senhoras e senhores, com vocês, Said Min.

O coração de Milena quase saiu pela boca ao assistir o amigo atravessando o estúdio para ser filmado para todo o Brasil e vê-lo ao lado do vocalista Rob Fyre e o resto da banda. Dois dos homens mais amados da vida da garota

estavam juntos.

— Said, já que está aqui, que tal exercitarmos um pouco seus instintos extra-sensoriais? Vamos lá, o que você tem de interessante para falar sobre o futuro do Rob Fyre? O que os astros dizem sobre o nosso *rockstar*? — O apresentador provocou.

Leandro, encarnado em seu personagem, mas também sofrendo de enxaqueca, elevou as mãos à cabeça e entrou na brincadeira.

— É claro, meu amor. Os astros sempre têm algo muito interessante a dizer sobre esses homens intrigantes. Diga-me, Rob, qual é o seu signo?

Sorrindo e ajeitando os cabelos marrons levemente compridos até a altura dos ombros, Rob balançou a cabeça em tom negativo, colocou as mãos no bolso da calça jeans e desafiou:

— Ah, *brother*, não vou dizer. Que tal nós dificultarmos as coisas para você? Tente adivinhar...

“*Madona, Cher e Gaga! E agora? O que vou dizer para esse bofe?*” Said quase se desesperou. De súbito, suas feições se transformaram em preocupação. Ele mesmo não fazia ideia do signo do roqueiro e sequer acreditava naquilo de horóscopo. Como iria sair daquela armadilha? Deveria ter dado mais ouvidos à Milena.

Nos bastidores, a empresária também estava apreensiva. Sabia que o amigo não iria se dar bem com aquele desafio. Ela conhecia bem o ídolo e tinha certeza sobre qual era seu signo, mas o mesmo não se aplicava a Leandro. O guru estava em uma enrascada. Como se aquilo pudesse funcionar, até tentou emanar boas vibrações, mas será que daria resultado? Poderia o pensamento positivo fazer diferença?

Alheio ao sofrimento da garota, Said procurava uma saída mais racional daquela armadilha que lhe colocaram. Poderia ser um cético quanto às crendices exotéricas, mas já havia lido colunas o suficiente sobre o tema no site do El Shapo para identificar padrões. Tudo que precisava era tentar encaixar o líder da banda em alguma característica sobressalente de um signo.

Uma tarefa difícil, mas não impossível. O maior problema, na verdade, era não acreditar naquilo.

Rob era conhecido por seus excessos. Um clássico *rockstar* com instinto autodestrutivo, inconsequente, impulsivo, exagerado, estiloso e levemente

excêntrico. Sujeito singular, de gestos e gostos peculiares. Além disso, Fyre parecia ter nascido para brilhar. Essas eram as características que chamavam a atenção no astro e que Said Min tinha para tentar adivinhar seu signo.

“Pela deusa, qual é o signo desse infeliz?” A questão explodia seus miolos, mais do que a própria ressaca. Tentou puxar pela memória as centenas de vezes que visitou o site do El Shapo. As características se encaixavam nos signos de Áries, Leão e Escorpião. *“Não pode ser de Escorpião, ele não é tão bravo. Também não pode ser de Leão, Rob não passa uma imagem forte de líder convicto.”* Por fim, como pura exclusão, acabou vencendo a própria indecisão e, então, permitiu um palpite:

— Rob Fyre, meu amor, você não me engana. Todo esse seu estilo, esse jeitão canastrão e impulsivo, fogoso... só pode ser de alguém de Áries. Os astros não mentem. — Ergueu a palma da mão, como quem diz algo que soa óbvio.

Ao mesmo tempo em que o amigo terminou de disparar a conclusão, Milena balançou a cabeça em tom pesaroso. No palco, Rob Fyre estampou um sorriso debochado no rosto e permitiu se divertir com o guru:

— Cara, você errou feio! Nasci em novembro, sou de escorpião!

Com a revelação, toda a equipe que acompanhava a transmissão caiu na risada, inclusive o apresentador, que tentou contornar a situação.

— Ah, mas nosso guru chegou bem perto.

— Madona, Cher, Britney, Gaga e Celine D-I-O-N! Eu disse Leão? Quis dizer escorpião, meu amor!

— Não, você disse Áries, irmão — Rob corrigiu. — Sei lá de onde tirou isso...

— Viu só como estou certo? — Said Min usou de seu melhor artifício, o bom humor, para tentar tomar a rédea da situação, arrancando boas risadas de todos, inclusive do próprio *rockstar*. — É o seguinte, querido: um cara como você não precisa de horóscopo para saber que tudo o que fizer será um sucesso. Olhe só, você é o Rob Fyre, R-O-B F-Y-R-E! — O guru se lembrou dos esforços da amiga para lhe apresentar o álbum Zodiaco, que a banda estava lançando e conseguiu fazer um link sensacional que iria render um ótimo desfecho para aquele quadro. — E sabe o melhor? Você é de escorpião!

Naquele instante, o guitarrista da *Sons At Mud*, Mike Pink, iniciou o bem compassado *riff* da canção oito do álbum, Escorpião. Rob Fyre entrelaçou o ombro do guru Said Min com o braço tatuado assim que começou a cantar a letra e o programa foi ao comercial.

No final da transmissão, Leandro foi elogiado por toda a produção e ainda garantiu que Milena conhecesse Rob Fyre e o resto da banda, além de proporcionar diversas fotos com o grupo e autógrafos no sutiã.

— Viu só, Milena? No fim, esse negócio de horóscopo é uma imensa bobagem. O que importa é como nos comportamos com quem está ao nosso lado! — Leandro disse, cheio de confiança, enquanto voltava para casa. — Cê sabe que eu *te* amo, né, miga?

— É sim, Said Min. Tem toda razão.

A empresária decidiu não tirar a falsa glória do amigo. Apenas disfarçou o sorriso sacana que invadiu seus lábios ao se lembrar o que havia lido no site do El Shapo sobre o que os astros previram para o signo do guru naquele dia.

Libra:

Hoje será um dia de muitos desafios inusitados aos librianos, mas força na peruca! Os astros convergem a seu favor neste momento de superações e conquistas. Utilize do bom humor para quebrar obstáculos e não deixe que desconfortos tirem seu foco. Evite tomar porres e fuja de ressacas. Cores do dia: roxo e preto. PS: passe longe do branco.

TOURO

Marcus Souza é carioca, nascido em 1993. Bacharel em direito e um dos fundadores do site Geekstart, onde escreve resenhas de livros e cinema. Já foram selecionados nove contos seus em quatro antologias. Escrever para a antologia “Quando o universo conspira” foi um desafio maravilhoso, tendo em vista que seus trabalhos anteriores foram no gênero de Terror. A tarefa, no entanto, foi facilitada graças ao auxílio de Rafaela Gama, para quem dedicou esta história e é grato pela presença e companheirismo dela em sua vida.

Centenas de pequenas razões

Era por volta do meio-dia e o tempo começava a fechar sobre a cidade de Nova Iguaçu. A população se agitava, andava rápido e conversava em alto tom, como um prenúncio do temporal que estava por cair.

Era também o horário do almoço de Julia, que ao escutar as fortes trovoadas vindas acompanhadas de uma ventania repleta de folhas e poeira, cerrou os olhos para protegê-los e abriu seu guarda-chuva antes mesmo do cair das primeiras gotas. Um relâmpago atingiu a rua a sua frente e carros frearam bruscamente com o susto do forte clarão, em seguida, a chuva veio com força, grossa e de uma vez.

As pessoas buscaram se abrigar nas lojas mais próximas dali, do grande centro comercial da cidade, mas Julia decidiu seguir seu caminho, mesmo em meio ao temporal. Atravessou a rua e teve seus planos frustrados pelos fortes ventos que arrancaram o guarda-chuva de suas mãos e o carregaram para longe. Encharcada e com fome, avistou uma logo a sua frente cafeteria que nunca havia notado antes, ela correu pela rua que começava a inundar e entrou no pequeno estabelecimento assim que as portas automáticas de vidro correram com a sua aproximação. Era um local pequeno e aconchegante, havia algumas mesas próximas a tomadas, com poltronas acolchoadas, em uma das paredes tinha uma estante repleta de livros, mas o mais surpreendente era que aquele lugar incrível estava vazio, sem um cliente sequer.

— Boa tarde, aqui está nosso cardápio — disse um homem simpático ao atendê-la.

— Muito obrigado, mas antes de escolher o que vou querer, será que poderia arrumar algo para eu me secar?

— Claro, trago uma toalha em um instante. Temos tomada a disposição, caso precise carregar seu celular e pode ficar à vontade para ler um de nossos livros — disse ele, retirando-se com um sorriso no rosto.

Quando o atendente voltou com uma toalha branca e a entregou, Julia tremia por conta do ar-condicionado

— Escolheu algo para comer?

— Sim, você pode me trazer um bolo de laranja e um café com leite, por favor?

— Claro, vou buscar e já volto.

A chuva não cessava, as ruas começavam a encher de água e era difícil até mesmo enxergar lá fora por conta dos fortes ventos. O atendente voltou com uma fatia de bolo quentinho, soltando fumaça e uma pequena jarra de café com leite, Julia estava parada em frente a estante, com a toalha sobre os ombros e um livro nas mãos.

— *Akai Ito - A Lenda do Destino*. Uma ótima escolha, meu livro preferido, diga-se de passagem — disse ele sempre sorridente.

As luzes começaram a piscar e logo a energia caiu. Julia deixou o livro na estante e foi até sua mesa fazer seu lanche. Alguns minutos se passaram e ela foi até o balcão.

— Quanto lhe devo pelo lanche?

— São sete reais, mas você vai precisar aguardar que a energia volte para sair, as travas das portas estão com problemas e elas não abrem manualmente — respondeu ele pegando o dinheiro.

— Tudo bem, eu não pretendia mesmo sair nessa chuva. Mas meu celular descarregou e eu preciso ligar para o trabalho e dar uma satisfação, tem algum telefone aqui que eu possa usar?

— O telefone daqui também não funciona sem energia, mas pegue, pode usar o meu celular — disse ele lhe entregando o aparelho.

— Obrigada... — dizia ela tentando saber o nome do rapaz.

— Pedro — respondeu ele com um sorriso.

— Julia! — disse ela estendendo a mão para cumprimentá-lo.

Após algumas tentativas, alguém finalmente atendeu ao telefonema no escritório onde Julia trabalhava.

— Oi, aqui é a Ju, estou ligando para avisar que fiquei presa em meio à tempestade e não sei se conseguirei voltar a tempo hoje.

— Tudo bem, estamos sem luz aqui e a maioria do pessoal ainda não

voltou, o expediente vai acabar sendo suspenso hoje. Está liberada para ir para casa quando sair do almoço.

— Está bem, obrigada — agradeceu ela, desligando. — Aqui está, muito obrigada — disse ela devolvendo o telefone de Pedro.

— Não foi nada, vou pegar umas velas para iluminar um pouco este lugar, está meio escuro aqui — disse ele voltando à cozinha.

Alguns minutos se passaram e ele voltou com as velas, acendeu-as e espalhou cinco delas pela cafeteria, trazendo de volta o clima aconchegante de antes.

— E então, sobre o que ele fala? — perguntou Julia.

— Ele quem? — questionou-a, o atendente confuso.

— *Akai Ito*. Fale-me mais sobre o livro...

Pedro se sentou à mesa junto a Julia, olhou em seus olhos e contou.

— Diz a lenda, que Yue Lao, antigo Deus lunar do amor, amarra as almas gêmeas com um fio vermelho, desde o momento de seu nascimento. E que em algum momento da vida, essas almas estarão predestinadas a se cruzarem e permanecerem juntas. Esse fio é capaz de se esticar, embolar e até mesmo dar nós ao longo da vida, mas jamais poderá ser partido. Ela conta também, que quanto mais distante as almas estiverem, mais tristes ficarão, mas sempre que se aproximarem, se sentirão bem na presença uma da outra. A Lenda do Destino, história que o livro aborda, se passa no Japão, onde um casal, amarrado pelos mindinhos da mão, se apaixona na infância e se afasta quando um deles se muda com a família para longe, mas décadas mais tarde se reencontram e, mesmo sem se reconhecerem, se apaixonam novamente — contava Pedro empolgado.

Julia escutava a história com um misto de fascínio e empolgação, quando então o interrompeu.

— E você acredita nessas coisas? — ela o questionou com um sorriso no rosto.

— Não, mas acho fascinante a forma como essas histórias são contadas, elas me inspiram e, às vezes, até confortam, mesmo que apenas pelos instantes onde pertença a elas e elas a mim. Por isso eu amo ler, o irracional se torna racional, o impossível se torna possível e o que não tem graça na vida passa a ter.

Encantada com a explicação do rapaz, Julia retruca.

— Então você não acredita em nada que possa fugir um pouco da realidade?

— Como o quê, Aliens? — perguntou ele rindo e sendo acompanhado por ela.

— Não! Signos por exemplo, a influência que o universo exerce sobre nossas vidas e tudo mais.

— Então você acredita que o universo, ou os signos do zodíaco, ou os dois, queriam que esse temporal caísse sobre a cidade, só para ficarmos ilhados aqui? — questionou ele novamente, rindo com simpatia enquanto ia até a cozinha e voltava com mais duas fatias de bolo.

— Existem centenas de pequenas razões para que as coisas aconteçam — disse Julia sorrindo. — É nisso que eu acredito.

— Quer o que para beber? — perguntou, dando-lhe um dos pratos.

— Ah, não precisa, meu dinheiro acabou e acredito que sua máquina de cartões não funcione sem energia.

— Esse é por conta da casa! — respondeu ele, voltando para trás do balcão e insistindo. — E então, suco, refrigerante... aproveite enquanto ainda estão gelados — brincou.

— Não posso aceitar, vão descontar de você depois — disse ela empurrando levemente o prato.

— Eu sou o dono e o cozinheiro daqui, não vai me fazer esta desfeita, não é? Além do mais, você pode me pagar com a sua companhia e boas histórias.

— Sendo assim, pode me trazer um suco de laranja, por favor.

— Você vai comer bolo de laranja com suco de laranja? — perguntou ele, soltando uma leve gargalhada.

Julia soltou um tímido sorriso e respondeu:

— Então traga para mim o mesmo que você vai beber. E venha logo, porque agora é a minha vez de contar uma história.

A tempestade não dava trégua, chovia como a muito não era visto, os relâmpagos clareavam a escura cafeteria, onde somente as luzes das velas tremulavam pelos cantos, evitando que o lugar ficasse em um breu total. Pedro voltou à mesa com duas latas de refrigerantes e canudos.

— Aqui está, mas antes da sua história, gostaria de lhe fazer uma pergunta. E depois veremos se sua história vale o lanche — brincou ele.

— Claro, pode perguntar.

— Você é daquelas pessoas que olham o horóscopo no jornal para saber como será o seu dia?

— Às vezes, você tem o jornal de hoje aí?

— Deixe eu ver onde foi que coloquei... — disse ele procurando atrás do balcão. — Aqui está!

— Qual é o seu signo? — perguntou Julia, pegando o jornal das suas mãos.

— Você não vai tentar adivinhar?

— Olhe, acreditar nos signos nunca me tornou vidente, então se puder dar uma forcinha... — brincou ela, recebendo uma gargalhada como resposta.

— Eu sou do dia vinte de maio — respondeu ele sem ser completamente claro.

Julia folheou o jornal procurando pelo horóscopo.

— Aqui, do dia vinte e um de abril a vinte de maio. Olhe só, você nasceu no último dia de touro, agora vejamos o que diz aqui: *“Um bom dia para conhecer pessoas, tenha cuidado com o seu ceticismo, ele pode prejudicá-lo com possíveis conquistas.”*

Pedro encarou Julia em silêncio, com sua sobrancelha direita levantada, enquanto ela ri da cara dele.

— É mentira, eu que inventei isso — acrescentou ela, revirando-se na cadeira e levando a mão à barriga em uma tentativa de conter o constante riso de sua expressão. — O que realmente diz aqui é: *“Pense em algo criativo que possa fazer para aumentar seus ganhos, mas evite negócios com amigos. Você pode sair no prejuízo se o fizer. O sol estimula a vida a dois, contudo você deve controlar sua possessividade.”*

— Mas isso poderia ser dito para qualquer pessoa.

— Sim, essas colunas são bobeiras, mentiras inventadas pela imprensa para tentar atrair o público mais sugestionável. Mas, às vezes, também parecem terem sido escritas especialmente para você, por exemplo, aqui ainda diz: *“Cor do dia: azul. Combinação do dia: libra.”*

— E qual é o seu signo? — perguntou ele curioso.

— Libra — respondeu ela, levando uma garfada do seu bolo à boca.

Alguns instantes de silêncio se fez presente enquanto comiam, até que Pedro se pronunciou:

— E o que você tem para me contar sobre libra?

Julia terminava de mastigar o último pedaço da sua fatia de bolo e ao engoli-la respondeu:

— Que tal se eu contar para você uma história sobre o seu signo ao invés de falar sobre o meu?

— Eu adoraria, não há nada melhor que uma boa história. É uma boa história né? — questionou ele rindo.

— Vamos fazer assim, eu conto e depois você me diz se ela é realmente boa... Eu tinha por volta de nove anos de idade quando a escutei pela primeira vez. Estava anoitecendo, e meus pais haviam saído para ir ao teatro, era uma peça adulta, então meu irmão de quinze anos ficou em casa comigo. Fora anunciado nos jornais uma grande tempestade para aquele dia, mas isto não estragariam os planos deles, eles haviam se programado com semanas de antecedência para este passeio. Meu irmão assistia a uma partida de futebol na televisão e eu o perturbava para brincar comigo, pois estava entediada e não tinha a mesma paciência que ele para futebol.

16 anos atrás

Era um grande temporal que caia sobre a cidade, a maior tempestade que Julia já presenciara, curiosamente, muito semelhante a do momento presente. As janelas da casa trepidavam com as fortes trovoadas e o clarão dos relâmpagos iluminavam todos os cômodos, até mesmo a partida de futebol teve que ser interrompida por conta do alagamento do gramado. Um grande relâmpago caiu na rua atingindo uma árvore que tombou sobre a rede elétrica, os barulhos da destruição combinados à falta de energia consequente em todo o bairro e a árvore que queimava caída em meio à rua bloqueada, constituíam um cenário apocalíptico perfeito.

— Bom, agora não temos mais luz, nem jogo. Do que você quer brincar? — perguntou o irmão mais velho.

— Não quero mais brincar, eu estou com medo!

— Então venha cá, sente-se aqui comigo no sofá que vou lhe contar uma história.

— Não é de fantasma, nem zumbi ou qualquer coisa de dar medo né?

— Na verdade, tem um monstro nela sim, mas não precisa ter medo, é só uma história e você vai gostar, ela é bem interessante.

— Está bem, mas se eu ficar com medo você para!

— Está bem! Vou lhe contar a história por trás do signo de touro. Reza a lenda, que Zeus, o deus dos céus e dos raios, apaixonou-se por uma jovem chamada Europa e se transformou em um grande touro branco para seduzi-la. Encantada com o quão dócil o touro era, Europa montou no animal e eles dispararam para a ilha de Creta onde o lindo animal se revelou como Zeus e conquistou a jovem. O poderoso Zeus ficou tão contente com seu feito, que pôs a constelação de touro nos céus e o seu signo passou a reger a fertilidade, os jogos de sedução, a persistência e também a teimosia.

— Irmão, será que foi Zeus que derrubou a árvore aqui da rua? — perguntou Julia, arrancando uma forte risada do seu irmão.

— Acredito que não, Julinha, mas você quer saber o resto da história?

— Sim, conte mais!

— A história do touro branco que seduziu uma jovem se repetiu anos mais tarde em Creta, quando Minos assumiu o trono da ilha e começou a combater seus irmãos pelo direito de governá-la. O rei rogou ao deus Poseidon para que ele o enviasse um touro branco, como o da constelação criada por seu irmão, o animal seria o sinal de aprovação ao seu reinado e, uma vez em posse do animal, ele o sacrificaria em homenagem aos poderosos deuses. Poseidon atendeu ao pedido de Minos que, ao consolidar seu poder, descumpriu sua parte do acordo. Afrodite, a deusa da sexualidade e do amor, ficou furiosa e como punição a Minos fez com que sua esposa Pasífae se apaixonasse perdidamente pelo animal, assim como Europa se encantara por Zeus no passado. Mas desse amor surgiu um monstro, o Minotauro de Creta. Pasífae cuidou do seu filho monstruoso por toda sua infância, mas conforme ele crescia, tornava-se teimoso e feroz, deixando, por muitas vezes, o que havia aprendido com sua mãe de lado e agindo por puro instinto. Mais tarde ele se tornou o devorador de homens, capaz de derrotar

qualquer guerreiro que o desafiasse e os consumindo como alimento. Minos então ordenou que construíssem um labirinto, onde exilou a fera. Mas para que o Minotauro não regressasse e desferisse sua ira a Creta, ele deveria compensá-lo com alimentos e sacrifícios. O rei passou então a enviar anualmente diversos homens jovens e mulheres para o saciarem. No terceiro ano, o príncipe Teseu se ofereceu para adentrar o labirinto e matar a fera.

— E aí o que aconteceu com ele? — perguntou Julia animada, mesmo sem entender grande parte do que seu irmão falava.

— Teseu matou a fera e trouxe sua cabeça para o rei, o jovem príncipe se tornou um lendário herói de toda Atenas, suas histórias correram o mundo e uma estátua foi erguida em sua homenagem.

As sirenes dos bombeiros piscavam em vermelho pela janela da sala, quando ele terminou sua história e a luz voltou dentro de alguns instantes, o jogo já havia acabado e já estava tarde para que Julia ficasse acordada. A menina pôs seu pijama e foi dormir olhando as estrelas fluorescentes que iluminavam o teto do seu quarto, pensando nas constelações e tentando imaginar que outras histórias estariam por trás delas.

De volta ao presente.

— Essa história é incrível, mas você não teve pesadelos naquela noite?

— Não, meu irmão tomou o cuidado de não dar detalhes explícitos e eu acabei ficando empolgada demais para ter sonhos ruins.

— E por que escolheu me contar justo essa história?

— Só queria mostrar para você que desde os tempos da Grécia antiga, o signo de touro já representava características como a sedução, persistência e a teimosia. A astrologia é bem antiga e muito mais significativa do que simples frases soltas de revistas e cartomantes. Eu sei que a mitologia grega também não prova nada, mas também não quero convencê-lo de que os signos são reais, apenas lhe mostrar que talvez possuam uma história para ser admirada.

— E conseguiu — respondeu Pedro fascinado com Julia.

A forte chuva já havia perdido força e começava a anoitecer quando a energia voltou. Julia juntou suas coisas e se preparou para ir embora.

— Mas lembre-se. Ainda não me convenci de que o universo não se

preocupa conosco! — falou Pedro.

— Talvez as estrelas só se sintam solitárias também — respondeu Julia, caminhando em direção à porta.

— E nós, você acha que nos veremos novamente?

— Quem sabe, se o universo conspirar — respondeu ela com um lindo sorriso, enquanto deixava a cafeteria.

Julia abriu seu guarda-chuva e seguiu seu caminho, lembrando-se da história de Pedro. Fazia tempo que não se sentia feliz assim na presença de alguém e, mesmo tendo sido a primeira vez que cruzaram seus caminhos, não importaria o tempo que passasse, o destino se encarregaria do restante.

GÊMEOS

Pedro Corrêa tem 24 anos e, apesar de ser Paraense com orgulho, mora em São Luís do Maranhão onde cursa Biblioteconomia na Universidade Federal. É criador do perfil literário: @caisdaleitura, onde demonstra seu amor pelos livros. Tem como paixão a escrita e seus projetos literários.

Save the date

PARTE I

Luiza

24 de janeiro, 11:35

Após uma intensa manhã de gravação de vídeo abrindo meus recebidos do mês de janeiro para postar no meu canal literário, em que tinha alguns presentes de casamento e livros enviados por editoras, meu celular toca sobre a mesa do meu quarto. É Amanda, não quero falar com ela, não aguento mais ouvir sua voz nos últimos meses me fazendo perguntas sobre a cerimônia. Mas como é minha amiga e cerimonialista do casamento, tenho que atender.

— Oi, Amanda — falo assim que deslizo o dedo pela tela do celular.

— Olá! Como está a noiva? — pergunta toda empolgada.

— Acabei de gravar um vídeo para postar no canal. — Embora eu esteja nas vésperas do meu casamento, nada me faz deixar aquilo que mais amo. Não foi fácil chegar aos 2,5 milhões de inscritos. — Vou editar e postar ainda hoje.

— Estou ligando para lembrá-la de que a prova final do vestido será às 15h, para ver se os ajustes ficaram bons como você pediu. — Com certeza ela deve ter pensado: “*que noiva grava vídeo para o Youtube em plena véspera do casamento?*”

— Tudo bem. Estarei lá no horário combinado — respondo, enquanto observo o livro da Jane Austen que a editora me mandou. Acertaram em cheio, pois é minha autora preferida de romance. O que dizer de *Orgulho e Preconceito*? Nada, apenas enaltecer.

Amanda, como boa virginiana que é, com certeza vai ficar me ligando de meia em meia hora para fazer com que eu não esqueça da bendita prova final do vestido, que é uma das partes mais importante para uma noiva. Da última vez que provei já estava ótimo, por mim não precisaria fazer mais nenhum

ajuste, mas minha mãe disse que tinha que melhorar a calda e apertar mais um dedo na cintura.

Eu e Amanda estudamos juntas na época do ensino médio e nos tornamos melhores amigas. Ela tem acompanhado cada passo da minha história. Por isso que a escolhi como uma das minhas madrinhas de casamento.

O grande dia estava se aproximando, 27 de janeiro. Um dos momentos mais aguardados por uma mulher: a hora de dizer o tão esperado “sim” para o seu noivo. Arthur me pediu em namoro logo depois do Baile de despedida do terceiro ano do ensino médio e o noivado aconteceu há pouco mais de um ano. Minha mãe ficou muito emocionada, bem mais do que eu, afinal de contas, um dos membros da família Machado, futuro advogado, estava me pedindo em casamento.

Confesso que fiquei um pouco balançada, mas acabei dizendo sim ao invés do não. Nosso namoro não estava caminhando muito bem, mas minha família e meus seguidores sonhavam com aquele momento, não podia desapontá-los. Todos queriam me ver entrando de branco na igreja. Eu também. Como boa taurina que sou, sempre sonhei com o meu príncipe encantado me esperando no altar.

Pego uma caixa que está dentro do meu guarda roupa, assim que a abro me deparo com algumas fotos que foram tiradas por uma polaroide, sempre gostei desses tipos de câmera, embora estejamos no século XXI. Olho para algumas delas, mas nem uma me chama atenção como a que está rasgada ao meio com a imagem do Léo. Geminiano teimoso, que adorava me tirar do sério. Depois que comecei a namorar com Arthur, eu me desfiz de todas as coisas que me faziam lembrar daquele garoto, exceto a metade desta foto que foi tirada no nosso último encontro.

Léo

25 de janeiro, 22:15

Após um longo dia de trabalho, chego em casa cansado e assim que abro a porta do apartamento, sou pego de surpresa com Zulu pulando em minhas pernas como se estivesse esperando por aquele momento há horas. Todos os dias têm sido assim quando chego do observatório de astronomia. Ele é minha grande companhia desde que mudei para São Paulo. Eu o peguei no

canil, quando ainda era um filhotinho, assim que olhei para ele nossos olhares se escolheram. “É esse!”

Sempre gostei de signos, planetas e admirar as estrelas. Por isto optei por fazer faculdade de Astronomia logo que sai do ensino médio. Trabalho para um jornal em que tenho uma coluna chamada: “Inferno Astral”, na qual falo sobre o horóscopo do dia de cada signo. Com meu fascínio pelos planetas e estrelas, sempre busquei me aperfeiçoar nesta área. Sou aquele tipo que sabe o signo das pessoas antes mesmo de perguntar. No ensino médio era conhecido como *Léo Bidu*. Ainda falta muito para ser o *João Bidu*. No meu caso, sou geminiano com ascendente em escorpião e lua em peixes. Alguns dizem que sou bipolar, às vezes até concordo, mas jamais um geminiano assumirá publicamente que é bipolar. Eu sou um deles.

Assim que saio do banho enxugando meu cabelo na toalha com o símbolo de Yin Yang, ligo o notebook que está sobre a minha mesa, que fica ao lado da minha cama. Embora eu chegue cansado do observatório, ainda tenho que ver as novidades e atualizações do dia, pois elas fazem de mim uma pessoa mais conectada com o mundo em que vivo. Vai que algum alienígena tenha deixado uma mensagem na Terra.

Zulu está deitado em cima da cama me observa rolar o dedo pelo mouse do notebook. Navegando pelos sites de notícias, uma me chama atenção: “*O mais novo advogado da família Machado levará ao altar no próximo dia 27 de janeiro a Booktuber queridinha dos leitores, Luiza Abati*”. Clico no link e sou direcionado para uma nova página, nela consigo ler a matéria completa. A cada palavra sinto um turbilhão de emoções. A notícia confirma o que estou pensando: é a Luiza que eu conheço. Jamais esqueceria aquele rosto. Jamais! Ela sempre foi fã de leitura. Lembro-me de quando dei a ela um livro da Jane Austen, sua autora preferida. Não sabia que tinha se tornado *booktuber* e das mais seguidas no país. Não a vejo desde o Baile de despedida do *terceirão*.

Embora os anos tenham se passado, ainda sinto algo por ela. E esta notícia que acabei de ler fez com que sentimentos, que até então estavam guardadas no meu interior, voltassem à tona. Abro a gaveta da mesa e pego um livro onde guardo uma foto da Luiza rasgada. Zulu se levanta da cama e vem para o meu lado, fica me olhando como se entendesse o que se passa comigo neste momento.

Enquanto observo a foto acaricio ele.

— Zulu, está vendo esta garota bem aqui... — Mostro a foto, ele observa atento e late. — Pois é amigão, ela vai casar — digo com um nó na garganta. — Sabe o pior de tudo? — Zulu se deita nos meus pés descalços, onde consigo sentir seu focinho gelado. — Eu ainda a amo.

Luiza

26 de janeiro, 08:03

Sou acordada com a claridade do sol que invade o meu quarto. Tento me desviar e entender o que está acontecendo, pois durmo com as persianas fechadas.

— Filha, não dá para ficar dormindo até esse horário — diz minha mãe, enquanto abre as cortinas da janela. — Ainda mais se é véspera do seu casamento e ainda tem uma lista de coisas para fazer.

Percebo que será um dia daqueles...

Pego meu celular e vejo que tem uma mensagem do Arthur...

Bom dia para a noiva mais linda do mundo.

Olho para ela e respondo apenas com uma carinha feliz. Enquanto isso minha mãe lista as coisas que tenho que fazer. Mas não dou muita atenção.

— Luiza. Luiza. Luiza! — diz ela, tentando chamar minha atenção. — Filha, o que está acontecendo? Parece que não está feliz pelo dia de hoje.

Minha mãe sabe muito bem que não estou feliz. O máximo que posso estar é “Ok”.

— Mãe, a senhora sabe por que estou me casando com o Arthur, não sabe? — Olho para ela assim que termino de dar o nó no meu roupão.

Ela não consegue me encarar, desvia o olhar para fora da janela.

— Luiza, ele ama você. — É o máximo que ela consegue dizer.

— Será mesmo? — indago. — Por acaso sinônimo de amor é me proibir de sair com minhas amigas para um passeio? Amar é sentir ciúme de qualquer cara que chegue perto de mim a ponto de me retirar do local onde estou a força? — Mais uma vez estou discutindo com a minha mãe. — Não, melhor, vou refazer a pergunta. — Eu me aproximo dela. — O que é amor

para a senhora?

O silêncio toma conta do quarto. Queria ouvir alguma palavra da boca da minha mãe. Mas sei que ela não dirá nada. Para ela, o meu casamento com o Arthur significava muito. Assim que o meu pai morreu, ela ficou tomando conta de tudo sozinha, as dívidas foram se acumulando, inclusive as parcelas da compra da casa. Casar com Arthur era a única oportunidade que tínhamos de mudar de vida. Era como se um príncipe estivesse se casando com uma plebeia. Por isso ela nunca gostou do Léo. Ficou feliz quando soube que nós havíamos terminado e mais ainda quando ele se mudou da cidade. O que um garoto que vivia no mundo da lua poderia oferecer perto de um futuro advogado de uma renomada família da cidade? Teoricamente, nada.

— Vocês formam um casal tão bonito. — Finalmente a ouço falando alguma coisa. — A família dele ama você. Você está prestes a se tornar uma Machado. — Seus olhos me fitam.

— Mãe! Todo mundo diz que somos um casal perfeito. Mas só eu sei o que passo com ele. — Sento-me com ela na cama. Neste momento seu olhar é de piedade. — A senhora sabe! Eu não o amo, ele é legal. Mas não é o homem com quem eu quero me casar.

— O que você quer Luiza? — Ela se levanta da cama enxugando as lágrimas que caem dos seus olhos. — Vai me dizer que não quer mais se casar? Vamos viver do quê, *me diga*? De vídeos que você grava neste quarto que não traz futuro nenhum? — Minha vista fica embaçada com as lágrimas até chegar ao ponto de sentir o gosto amargo que cada uma tem.

— Ok, Mãe!

Amanda

26 de janeiro, 11:40

— Amiga, aguarde-me que estou chegando — digo para Luiza, enquanto estou dirigindo o carro. Dou seta para direita. — Estou pegando um atalho aqui para ver se saio deste trânsito caótico. — Luiza responde que está a minha espera tomando café.

No momento estou me sentindo realizada. Quase. Se o casamento fosse o meu aí sim estaria completamente realizada. Como madrinha, estou muito

feliz por minha amiga Luiza. A conheço há bastante tempo, desde a época em que ela namorava o Léo. Como cerimonialista, nada melhor do que fazer o casamento da sua melhor amiga, assim como fazer o de uma das pessoas da família mais importante da cidade. Isso me traria status no meio dos profissionais.

Sempre fui muito organizada e metódica. Características de virginiana. Eu organizo os casamentos como se fosse o meu. Passo por isso umas 4 vezes por semestre. Tenho uma equipe muito capacitada para atender qualquer necessidade dos noivos. A Luiza até que tem sido uma noiva bem fácil de se lidar. À princípio, ela não queria uma festa grande. Mas como se trata de um casamento da família Machado, os pais do noivo disseram que deviam seguir a tradição.

Ligo para Arthur perguntando se ele já pegou o terno no alfaiate. Ele me responde que sim e me informa que hoje será a despedida de solteiro dele e faz um convite para eu comparecer à festinha. Ele é leonino nível *hard*. Na época da escola era um dos mais pegadores. Não existia uma menina novata que não caísse em sua lábia.

Léo tinha mania de dizer que os leoninos eram um dos piores signos para se relacionar. Não concordo muito com ele. Minha experiência com os Arianos não é das melhores. Prefiro os intensos e charmosos.

Arthur, embora já tivesse tentado inúmeras vezes ficar comigo, nunca conseguiu. Não cairia bem a madrinha ficar noivo.

Ao chegar à casa da Luiza, sou recebida por sua mãe. Já na porta de entrada, ela me dá todas as informações

— Oi, Amanda. — Vejo serenidade em seu olhar. — Acompanhe a Lu em todos os lugares que tiver compromisso hoje. O cabeleireiro já ligou dizendo que está esperando por ela. — Dona Ana sempre foi uma mãe muito preocupada e cuidadosa com a filha. Ela aparenta estar mais ansiosa do que a própria noiva.

— Não se preocupe, dona Ana. — Ela me abraça de imediato. — Fico sem entender. Em seguida, ela me pergunta se já tomei café. Respondo que sim e que estamos atrasadas, inclusive.

— Entre, vou avisá-la que você já chegou. — Sento no sofá enquanto aguardo.

Sinto meu celular vibrando dentro da minha bolsa preta de couro. Número desconhecido. Não sou acostumada a atender, mas pode ser alguém envolvido no casamento querendo falar comigo avisando que está de número novo.

— Alô? — digo, buscando saber de quem se trata do outro lado da linha.

— Amanda? — diz uma voz masculina que me soa familiar.

— Sim, pois não. Quem é?

— Léo.

Ao ouvir esse nome, sinto meu coração acelerar a ponto de sair pela boca. Pela voz familiar, tenho certeza que é o Léo do terceiro ano, ex da Luiza.

— Le-Léo? — gaguejo. — Léo Vieira? — pergunto.

— Sim. Desculpe-me por estar ligando assim do nada. Peguei seu número no seu site de Cerimonial. Preciso de uma informação e uma ajuda sua. — Não consigo pensar em outra coisa, a não ser no Baile de Despedida que tivemos do terceiro ano. Um dia que havia ficado marcado na minha memória. Essa tinha sido a última vez que o vi.

— Claro. Em que posso ajudá-lo? — Será que ele estava de volta à cidade? Não seria possível. Fiquei sabendo que ele havia se mudado para São Paulo. Ouvir sua voz novamente, era um cântico doce e saudável aos meus ouvidos.

— Vamos, a noiva não pode se atrasar nos seus compromissos na véspera do casamento. — Luiza aparece de surpresa na sala. Enquanto estou com Léo do outro lado da linha.

— Depois falo com você! — Desligo.

PARTE II

Léo

25 de janeiro, 23:49

Mesmo após ter feito minhas coisas e sentir um pouco de dores nas costas e tomar um copo quente de café, ainda não consigo parar de pensar em Luiza. “*Como ela pode estar casando com alguém que não ama?*”, eu me pergunto. Idealizamos aquele momento juntos. Cada detalhe, lugar, lua de mel... Tudo!

Com as luzes apagadas e Zulu posto em sua cama, deito minha cabeça no travesseiro e tento dormir. O barulho do lado de fora da cidade grande não

interfere muito para que eu pegue logo no sono.

De repente, eu me vejo na escola onde estudava. É a noite do Baile de despedida do *terceirão* do Colégio Elite. Vejo um casal se beijando e a música tocando de fundo. No final do corredor tem um homem à minha espera, vestido todo de branco com uma espécie de turbante na cabeça. Parece que ele me conhece. Caminho em sua direção, mesmo sabendo que nunca vi esse rosto. Pela tranquilidade e paz que ele transmite, posso dizer que é Deus ou alguma entidade do universo.

— Olá, geminiano.

— Como sabe meu signo? — pergunto. — O que estou fazendo aqui?

— Você não me conhece, mas sabe quem eu sou — diz com firmeza enquanto está com as mãos cruzadas. — Pode me chamar de Guru, se preferir. — Ele dá um leve sorriso.

— Então você é meu Guru? — pergunto, apontando uma das mãos para ele.

De repente, Luiza aparece falando o meu nome, com a Amanda. Ela não me vê. Seu sorriso contagiante faz meu coração acelerar.

— Olhe o que temos aqui, uma taurina e um geminiano — diz o Guru tirando minha atenção de Luiza. — Segundo os astros, taurinos deveriam ser o inferno astral dos geminianos. Mas percebo que há uma divergência nesse casal. — Seu olhar me observa.

Na época em que namorei Luiza, sabia que ela era meu inferno astral. Mas não entendia por que eu a amava tanto. Embora, às vezes não fosse fácil domar a taurina. Mas em nossas divergências encontrava-se o amor. O amor que não sentia por qualquer outra pessoa. Talvez o destino não quisesse que nós ficássemos juntos.

— Não temos chances — falo. — Ela vai se casar. Nosso destino é outro.

— Vocês não ficarão juntos somente se você não quiser. — Sou pego de surpresa com a fala do homem.

— Como assim? — pergunto.

— Quando duas vidas nasceram para ficarem juntas, não importa a distância, idade, sexo, muito menos o signo... vão ficar juntas. Até o universo conspira a favor delas. — Reflito sobre as palavras que o homem diz.

— Leonardo, se você a ama, vá atrás dela.

Acordo ofegante. Um silêncio paira no meu quarto. Nem os barulhos externos consigo ouvir. A não ser uma frase na minha mente: “*Se você a ama, vá atrás dela*”.

Olho para o relógio, são 6:20h da manhã do dia 26 de janeiro. Eu me sento à mesa do computador e busco pelo contato de alguém do Colégio Elite. Facebook, messenger, e-mail. Alguém que possa me dar notícias sobre o casamento da Luiza. Sem sucesso.

Cansado de buscar e não encontrar nada, acesso a matéria onde noticiava o casamento e vejo que o cerimonial será feito pela empresa da Amanda.

— Amanda, claro! Como não pensei nisso antes?

O relógio é meu maior inimigo neste momento. Próximo do meio-dia, consigo falar com minha antiga amiga.

— Amanda? — pergunto, assim que a ligação é atendida.

Primeiro me desculpo por aparecer do nada depois de tanto tempo e pergunto se ela pode me ajudar com algumas informações. Tenho um sim como resposta e em seguida faço a seguinte pergunta:

— Você sabe me dizer que horas a Luiza vai casar amanhã? Preciso falar com ela. — Por um minuto o outro lado da linha fica em um completo silêncio. Quando de repente, sou surpreendido com a voz da Luiza ao fundo. Aparenta estar superempolgada com o casamento. Sinto um calafrio subir meu corpo.

— Depois falo com você! — responde Amada, desligando o celular. — Aquela foi uma das poucas chances que tive para falar com Luiza. Tento ligar novamente, mas só dá sinal fora de área. Pego o número de outra pessoa do cerimonial e consigo as informações que preciso. Tenho menos de 24 horas para estar na igreja.

Imediatamente, compro a passagem sem pensar duas vezes. O voo está marcado para 18h.

Zulu me observa na correria, enquanto arrumo as coisas.

— Amigão, vou pedir para a Bia passar aqui e ficar cuidando de você, ok?
— Ele não entende muito bem o que está acontecendo. Ou não, talvez esteja entendendo.

— Vou atrás da mulher que eu amo. — Eu me abaixo até ele e peço que me deseje sorte.

Arthur

26 de janeiro, 19:16

Fazer parte da família Machado não é para qualquer um. Carregar um sobrenome desse, no meio da sociedade, tem um grande peso. A doce e sedutora Luiza está prestes a ser minha mulher e a mais nova agregada da família. Quem não se apaixonaria por ela? Impossível! Por isso não deixo cara nenhum chegar perto.

A conheço desde a época do ensino médio do Elite. Uma morena linda de sorriso cativante. Sabia que esse dia em que a levaria até o altar iria chegar. Fiz questão de convidar todos para festa, até minhas ex-namoradas e todo o pessoal do Elite. Menos o Leonardo. Este não faço questão e nem sei por onde anda.

Hoje é minha despedida de solteiro. Marquei com alguns amigos e garotas para uma festinha particular. Não vejo Luiza há dias. Mas deve estar tudo bem com ela. Tudo que ela precisar para o casamento está a sua disposição. Contratei os melhores profissionais da cidade. Quero este evento noticiado por todos os veículos de comunicação: jornais, revistas, sites de fofocas, televisão... “*Advogado se casa com a maior booktuber do Brasil*”. Não sei muito bem o que é *booktuber*, mas apoio. Dou uns livros do Augusto Cury para ela. Sei que gosta. É um dos seus autores preferidos. Eu acho.

Ela não sabe, mas um Machado jamais é um homem de uma só mulher. Quando ela me conheceu no colégio, eu namorava duas meninas ao mesmo tempo. Mas por algum motivo, ela passou a olhar para mim assim que terminou com o Léo. Nenhuma garota resiste ao meu charme. E sua beleza me chamara atenção desde que chegou no colégio. Vi que ela estava carente e fui me aproximando, até a pedir em namoro e ter um sim como resposta. Porém jamais abandonei o meu lado garanhão. Tentei ficar com a Amanda, mas ela não cede. Diz que não faço o tipo dela. Mas não era bem assim que ela me tratava na época do Elite. Vai dar uma de difícil logo agora? Mas tudo bem.

Pego o carro e vou ao endereço onde será a minha despedida de solteiro.

Ao chegar, dou de cara com meus primos: alguns já são advogados, outros estão cursando direito.

— É hora da festa, primo! — diz um deles. Avisto algumas meninas na pista de dança.

— Vamos nessa! É hora da despedida de solteiro do Arthurzão!!!

Léo

27 de janeiro, 13:00

Tudo que podia dar de errado deu. Engarrafamento, atraso de voo, extravio de mala. Mas graças a Deus cheguei à cidade. Estou me sentindo mais leve por estar pisando no mesmo solo que a Luiza está. Tudo parece mais fácil e mais perto de acontecer. Agora, só preciso saber onde será o casamento ou falar com ela antes dele. Já liguei diversas vezes para Amanda e nada de ela me atender. Talvez seja por conta da correria. Pelo menos consegui saber, com uma pessoa da equipe de cerimonial, que o casamento será às 15h, só não me informaram o lugar. Mas, como a cidade não é grande, suspeito que será na igreja onde os Machados se casam.

— Garçom, a conta por favor. — Estava morrendo de fome. Quase não me alimentei. Se o meu Guru disse que era para eu vir, aqui estou eu. Espero chegar a tempo e poder fazer alguma coisa.

Luiza

27 de janeiro, 14:31

Tudo pronto. Chegou o momento. Passei a manhã no salão, que mais parecia uma mansão de tão lindo e grande que era, fazendo o cabelo e tirando fotos dos bastidores com algumas das minhas madrinhas. Aparentemente está tudo lindo.

— Filha, como você está maravilhosa! — diz minha mãe ao me ver com o vestido de noiva tomara que caia justo ao corpo com uma cauda sereia, véu e grinalda. Flash! Que fotógrafo chato. Está tirando foto desde a hora que eu acordei.

— Você pode me dar licença, por favor? — pergunto, abrindo a porta para

que ele entenda o recado.

Aquele momento era para ser um dos mais importantes da minha vida. Mas não estava sendo. O que eu estou fazendo? A decisão estava tomada!

— A limusine já está aí fora esperando você para levá-la até a igreja. — Amanda está feito louca cuidando de cada detalhe.

— Vamos. Estou pronta! — Flash!

— A igreja está lotada de convidados — diz Amanda. — Todo mundo quer ver a *booktuber* de branco.

— Meus seguidores terão uma surpresa hoje! — afirmo.

Ao chegar, percebo que o lugar está mais lotado do que imaginei. Um filme passa pela minha cabeça. O que meu pai pensaria de mim se estivesse vivo. Todo mundo está aqui, menos ele. Talvez ele esteja lendo o meu pensamento agora. O nervosismo toma conta do meu coração. E mais uma vez me pergunto interiormente se estou segura do que vou fazer.

Amanda me dá os últimos retoques.

A marcha nupcial começa a tocar. As portas se abrem e vejo todos em seus devidos lugares. Optei por entrar sozinha. Sem a figura de uma pessoa ao meu lado. Eu estou indo para o altar por conta própria, com um leve sorriso no rosto. Flashes estouram sobre o meu rosto. Luzes estão em minha direção. A cada passo que dou, engulo o pouco de saliva que resta na minha boca seca. Minha mãe está no altar com um sorriso no rosto que não se contém de felicidade. Do outro lado vejo a família do Arthur me observando dar cada passo, torcendo para que eu não pise na aba do vestido, tropece e pague mico caindo na igreja e indo parar como capa do jornal do dia seguinte. A última pessoa que vejo além do padre é Arthur, depois de praticamente quatro dias sem vê-lo, com uma cara de satisfação imensa. Chego até o tão esperado altar. O padre cumprimenta a igreja e os noivos e começa a cerimônia.

A igreja é linda, a decoração está impecável! Tudo ideia da Amanda. Todos os Machados já haviam se casado ali. E agora é a vez do Arthur e eu firmarmos nossos votos. Olho para ele enquanto o padre fala sobre a importância de o homem ter uma mulher ao seu lado. Ele abre um sorriso para mim que não via há tempos. Olho para minha mãe, que segura meu buque de rosas vermelhas. Todos, a minha volta, sorriem, menos eu. Estou com uma expressão séria, como se tivesse prestando atenção no que o padre

dizia. Nada me faria mudar de ideia.

Até que o Padre faz a pergunta...

— Se tem alguém contra a união deste casal, que fale agora ou cale-se para sempre! — Em seguida olha em direção à plateia da igreja.

— EU! — diz uma pessoa. Ouço suspiros e burburinhos.

O que todos não esperavam era que eu, a própria noiva, diria que era contra a união dos noivos.

Arthur me olha surpreso, como se não estivesse entendendo nada.

As lágrimas ameaçam pular desesperadamente dos meus olhos em direção ao penhasco abaixo. Todos, a minha volta, tentam entender o que está acontecendo. Ninguém pode compreender o que se passa, não sou eu que estou aqui, não é a minha alma, é apenas o meu corpo.

Quero poder gritar aos quatro cantos da igreja quem é o Arthur Machado e dizer que não o amo. Mas o máximo que consigo é:

— Desculpe-me, mas não posso!!

Tiro os sapatos apertados e saio correndo em direção a porta. Todos os celulares apontam com suas câmeras ligadas em minha direção buscando pelo meu rosto. Daqui a minutos eu serei a notícia do dia na cidade.

Assim que atravesso a porta da igreja, vejo um rapaz de costas que se vira imediatamente em minha direção.

— Léo? — Paro sem entender o que está acontecendo.

— Luiza! O que houve? — pergunta ele.

— Tire-me daqui, por favor — suplico, com lágrimas que mancham o meu rosto.

— Precisamos conversar — diz ele. — Venha comigo.

CÂNCER

Lilly Belmont tem 22 anos, mora em Itaquaquecetuba/SP. É atriz na Cia Teatral “Os Hermenêuticos”. A jovem escreve desde os oito anos, criando histórias onde imagina o seu final feliz. Mas foi em 2009, quando recebeu o desafio de escrever um livro com algumas amigas, que se apaixonou mais ainda pelo mundo literário, decidindo então escrever uma história para chamar de sua. Suas inspirações vêm da correria cotidiana, das músicas, dos filmes e dos livros que possui em casa. Seu sonho é transmitir as suas experiências e desejos através das palavras e dos seus personagens e mostrar o quanto é importante lutar por aquilo que se deseja.

Meu Escorpiano Favorito

Era sexta-feira à noite. O apartamento estava em completo silêncio, exceto pelas teclas do computador quando pressionadas. Mandy olhou as horas em seu celular e ficou preocupada pela demorada do seu amigo. Ele estava sentado em frente ao computador há horas. Como sempre havia se esquecido do compromisso que tinham. Isso a deixava estressada, mas em alguns momentos tentava relevar.

Decidida, ela se levantou da cama e foi até a sala, apenas para verificar o andamento dos trabalhos. A pouca luz do abajur deixava o ambiente com um clima agradável e aconchegante. Só era possível ouvir o som da respiração do seu amigo e nada parecia ser capaz de tirá-lo de sua concentração.

— O que você está fazendo? — perguntou Mandy com um tom infantil em sua voz.

Felipe desviou a atenção de suas muitas tarefas abertas no computador para olhar a dona da voz. Arrependeu-se no mesmo instante em que a viu vestida como se fosse um unicórnio. Era a coisa mais engraçada que ele poderia presenciar. Não conseguia entender de onde vinha esse gênio tão maluco da Mandy. Tinha que ter algo a ver com astrologia e tarô, só podia ser. Ela sempre fazia questão de falar o quanto o signo de câncer era dramático.

— Aonde pensa que vai vestida desse jeito? — indagou ele divertido.

Ela coçou a cabeça nervosa. Odiava quando Felipe a questionava, pois sabia que em poucos minutos acabariam discutindo por algo tão bobo quanto a roupa que ela vestia. Mandy gostava de sentir-se livre para vestir o que quisesse.

— Até onde eu sei... — começou ela devagar. — Pensei que fossemos até o bar comemorar com os nossos amigos.

Felipe voltou a atenção para o computador. Era certo que eles iriam sair, mas não com Mandy vestida daquele jeito. Parecia uma criança perdida no

jardim de infância.

— Claro que iremos, mas depois que você se livrar dessa fantasia idiota e ridícula — zombou ele.

A garota cruzou os braços incrédula.

— Ah é assim? Tudo bem! Você venceu. Nunca mais fale comigo. *EU TE ODEIO FELIPE!!!* — gritou a jovem voltando para o seu quarto.

Morando há tantos anos juntos, Felipe já decorara os próximos passos que poderiam vir depois de uma cena dessas. Primeiro ela bateria a porta com muita força. Em seguida seria possível ouvir um grito abafado. Algum objeto qualquer seria jogado contra a parede e viraria milhares de pedaços. Em sua vã tentativa de disfarçar o que estaria acontecendo, Mandy se abaixaria para pegar os cacos e ganharia um pequeno corte. Era sempre assim, ela era muito dramática, demonstrava com facilidade tudo o que sentia.

Porém havia uma pequena camada que ninguém era capaz de enxergar.

Não era uma tarefa fácil ter que conviver com Mandy e com a sua personalidade forte, tempestuosa e dramática, mas para Felipe havia um quê a mais. Se não fosse por sua amiga, a essas horas ele estaria perdido no mundo e não seria um bom designer gráfico.

Preferiu esperar até que todo o drama cessasse. Provavelmente em poucos segundos ela sairia do quarto. Felipe voltou para o trabalho, pois precisava terminar a apresentação de um projeto minucioso. Precisaria de toda a sua atenção para os mínimos detalhes. E assim também esqueceria todas as maluquices de Mandy.

O que era para ser apenas alguns minutos de cena, acabou se estendendo demais. Felipe já havia terminado o seu projeto e estava se preparando para tomar um banho antes de ir ao encontro dos seus amigos. Ao passar pela porta do quarto de Mandy a ouviu sendo destrancada. Quando a garota saiu ele sentiu o perfume adocicado que tanto amava.

O que ele viu foi uma nova Mandy, trajando um vestido preto que realçava as suas curvas delicadas. Ela soube como caprichar, mas ainda eram visíveis os seus olhos levemente avermelhados devido ao choro. Ela passou jogando o cabelo de lado, acertando-o propositalmente em Felipe e foi até a geladeira pegar água.

Para ela, não havia nada de errado, apenas queria se sentir diferente e

especial naquela noite. E quando ela se propunha a fazer algo inovador sempre conseguia. Com uma levantada de sobancelha olhou em direção a Felipe.

— Quer um babador? — perguntou ela, pousando as mãos na cintura.

Ele riu fraco.

— A criança aqui é você... — Ele tentou mudar de assunto. — Espero que esteja pronta. Vou tomar um banho e logo iremos.

— Como quiser — respondeu ela, voltando para o quarto. — O atrasado aqui é você, baby!

Felipe deu de ombros e foi tomar o seu banho.

Depois de estarem arrumados, Mandy apagou todas as luzes do apartamento e saíram. Ambos permaneceram em silêncio até chegarem ao seu destino final.

Era uma noite quente e abafada, uma garrafa de qualquer bebida bem gelada cairia como uma luva, ainda bem que o bar ficava a duas ruas de distância do apartamento. Era muita sorte eles morarem bem no centro comercial.

Ao chegarem no bar, todos os outros amigos já estavam reunidos em uma conversa animada e envolvente. Scott que era mais esperto e ligeiro, comentou imediatamente sobre a incrível mudança de Mandy.

— Você está um arraso!!! — elogiou o rapaz.

— Obrigada, baby! — agradeceu ela se mostrando. — Às vezes é bom mudar um pouco. Mas não pense que eu aposentei os meus unicórnios e as roupas coloridas, pois como diz Pabllo Vittar “*Eu tô linda, livre, leve, solta...*” — Ela foi interrompida por Felipe que não estava gostando do assunto e de como aquilo poderia terminar.

— Pode até estar leve e solta, mas não é para qualquer um.

Ela gargalhou divertida.

— Ciúme, baby? Isto é tão sexy, mas não combina com você.

Uma das garotas, notando que o clima estava ficando pesado entre eles, logo tratou de chamar todos para entrarem. Com a música tocando na alma, não poderiam discutir e com as bebidas a boquinha de cada um ficaria ocupada. Milena os guiou para uma mesa disponível. Scott preferiu ir até o

barman realizar os pedidos. Quanto antes começassem a beber, mais fácil seria para eles esquecerem o que acabara de acontecer.

Milena, Aretha, Aghata e Bianca começaram a manter a mente de Mandy bastante ocupada. Contavam-lhe a respeito de todas as suas aventuras, das pessoas que haviam conhecido em uma viagem, principalmente dos rapazes com quem conseguiram flertar. Tudo era motivo de gargalharem feito loucas, mas ao menos estavam colocando para fora tudo o que era necessário. Pelo canto do olho, Mandy viu quando uma moça loira se aproximou de Felipe. Sua respiração começou a ficar acelerada.

— Amiga, está tudo bem? — perguntou Bianca preocupada.

— Claro! — mentiu ela confiante. — Só preciso beber alguma coisa. O Scott está demorando demais.

Milena olhou seriamente para a amiga. Ela não conseguia enganar o que sentia durante muito tempo. Juntas, já haviam vivido aquela cena milhares de vezes e no fim de todas elas acabavam em casa, com potes de sorvetes para serem devorado enquanto um filme muito triste detonava ainda mais com as suas emoções.

— Pensei que já tivesse superado toda essa fase com Felipe — murmurou Aghata.

— Foi só uma recaída, meus amores.

Assim que Scott retornou para a mesa com as bebidas, para o espanto de todos, Mandy pegou dois copos e tomou de uma única vez. Preferiu ignorá-los, pois sabia o quanto reclamariam da sua atitude, o problema é que já estava cansada de sempre ser colocada de escanteio. Nunca tinha a sua oportunidade de mostrar o que ela tanto desejava.

Em pouco tempo tudo isso iria mudar de uma forma ou de outra.

Mandy já estava ficando alterada com algumas doses que havia consumido. Enquanto as amigas estivessem prestando atenção em todas as suas loucuras, Felipe ficaria despreocupado. Afinal, era apenas um pouco a mais de álcool falando por ela. Quanto mais aproveitassem a noite melhor se sentiriam no dia seguinte.

Algumas horas se passaram desde que os amigos se encontraram. Tudo

parecia correr muito bem entre eles, exceto pelo pequeno exagero de Mandy. Até aquele momento ela ficou sentada apenas apreciando a noite agitada. Parecia tranquila.

Felipe ficou assustado ao ver que a sua amiga começou a se levantar de seu lugar. O bar, que estava cheio, parecia ser o cenário perfeito para ela colocar para fora tudo o que estava sentindo. Seu coração e sua alma apaixonada não suportavam mais segurar todos os seus sentimentos.

— O que está acontecendo com a Mandy? Está tão doida — comentou Scott.

— Eu não sei, mas ela ainda vai guardar muitas surpresas para esta noite. Quando ela está com raiva não quer saber de nada, nem de ninguém — respondeu Felipe.

Scott olhou com atenção para a jovem que se movimentava ao ritmo da música agitada.

— Não me diga que você tem algo a ver com o jeito que ela está se comportando? — indagou ele preocupado.

— Talvez, mas quando se trata da Mandy é sempre briga, maluquices... Eu não aguento mais. Está na hora de darmos um fim em tudo isso. Ou simplesmente eu sair do apartamento dela.

A loucura de Mandy estava mais controlada. Puxou as amigas e começaram a dançar, a fim de esquecerem os micos da noite. Parecia até uma pessoa mais civilizada, ou não. Enquanto Milena, Aretha, Bianca e Agatha se moviam de acordo com o ritmo da música, alguns rapazes tentavam se aproximar, mas a brutalidade de Mandy os faziam desistir.

— Amiga, quer falar sobre o que a está perturbando? — tentou Bianca.

— Nãoooo — berrou ela por cima da música ensurdecidora. — Só quero me divertir. Não estou fazendo nada de errado... — Ela não se conteve e riu. — Ainda.

As garotas tinham a consciência de quão louca Mandy era, mas não tanto. Ela sabia como ser uma caixinha de surpresas.

Com passos decididos, Mandy começou a caminhar em direção a Felipe que estava encostado na bancada do bar. Não havia ninguém por perto, seria apenas eles dois. Já não aguentava mais todo aquele clima estranho entre eles e das brigas que duravam mais de duas semanas para serem acertadas. Não

gostava de vê-lo preso em uma máscara de seriedade.

Parou diante dele e esperou até que lhe desse a devida atenção.

— Vá ficar com as meninas, Mandy! — pediu ele gentilmente.

Ela ignorou completamente o seu pedido.

— *ME BEIJE FÊ!* — pediu Mandy, pousando suas mãos ao redor da cintura do rapaz.

Ele a olhou estranhamente.

— Eu não vou fazer isto. Você é minha amiga.

— Caralho! — resmungou ela. — Sou sua amiga... não a sua irmã. Eu não sou boa o suficiente... para você?

A garota poderia estar muito bêbada, mas sabia o que estava fazendo e falando. Todo o seu desejo reprimido falava através do álcool. Levemente suas mãos percorreram os braços fortes de Felipe, os lábios carnudos dele era um verdadeiro convite para o seu deleite. Tinha que o sentir ao menos uma vez. Não era fácil para Felipe resistir aos caprichos daquela jovem. Ele era homem e a carne fraquejava às vezes.

A rodinha de amigos os observava com atenção. Estavam curiosos para saberem qual seria o próximo passo daquele casal. De longe, notavam que Felipe lutava contra.

— Mandy... por favor! Não faça isso. — Ele tocou levemente o seu queixo para que ela o olhasse com atenção. — Nos conhecemos desde criança, todos sempre nos viram como irmãos e eu não quero que a nossa amizade sofra mudanças.

Ele estremeceu ao ver uma lágrima rolar no rosto da garota.

— Qualquer homem seria sortudo por tê-la, mas não é o que eu quero. Você é linda, uma amiga incrível, maluca e bem dramática, mas... — Ela o interrompeu.

— Não me venha com essa história de “mas...”

Rapidamente Mandy se soltou dos braços do amigo e se afastou o máximo que pôde. Ninguém se atreveu a segui-la, mesmo que estivesse tropeçando muito em suas próprias pernas. O clima não estava legal desde que saíram de casa.

Com um *shot* de tequila parado à sua frente, Mandy permitiu que a sua

mente viajasse para bem longe daquele cenário. Fechou os olhos por alguns segundos e voltou ao passado, revivendo os melhores dias de sua vida, o seu aniversário de dezoito anos, e muitas coisas das quais ela tinha vontade de fazer e não as realizou por medo dos pais a rejeitarem. Aquela noite seria diferente de todas as outras. Ninguém a faria parar por nada.

Num impulso, ela virou o *shot* e se levantou com graciosidade. Quem estava ao seu lado notou que ela estava sendo sedutora e única. Seu vestido preto a ajudou a arrancar olhares. Decidida, Mandy sentou-se na bancada, puxou o barman e lhe disse algo sussurrado em seu ouvido. Imediatamente o foco todo mudou, os olhares estavam fixados em Mandy. A sua estrela começava a brilhar...

— Será que eu não sou... boa o suficiente para você? — gritava ela, já de pé na bancada. — Não sou tudo o que você precisa? Uma hora você é quente... e depois frio... — Seu olhar o fuzilava a longa distância.

Bastou apenas alguns segundos para que algumas pessoas entendessem o seu verdadeiro recado. O barman tratou de trocar de música no mesmo instante. As mais variadas pessoas começaram a se movimentar com a melodia conhecida.

*You change your mind
Like a girl changes clothes
Yeah you, PMS
Like a bitch
I would know
That you're no good for me*

Enquanto a música da dominava todos os clientes, Mandy fazia questão de cantar a plenos pulmões apontando na direção de Felipe.

Por mais que ele lutasse para ficar escondido, sentia uma vontade imensa de tirá-la dali. Não suportava os olhares de outros homens em direção a ela. Mandy conseguia ser o centro das atenções, mesmo sem ter a intenção. Notou um brilho diferente em seu rosto. Seu coração se partiu em milhares de pedaços ao perceber que ela chorava.

*Cause you're hot then you're cold
You're yes then you're no
You're in and you're out*

*You're up and you're down
You're wrong when it's right
It's black and it's white
We fight, we break up
¹We kiss, we make up*

— Scott faça alguma coisa, por favor! — implorava Agatha. — Ela vai acabar se machucando.

— Eu não consigo passar no meio dessa aglomeração, mas o Felipe está mais perto. Ele vai fazer algo, só confiem.

Felipe estava paralisado diante da performance de Mandy, várias pessoas gritavam empolgadas pedindo por mais. Sentia-se péssimo em vê-la chorando por sua culpa, por expor tudo o que estava sentindo. Nunca a viu tão fragilizada como naquele momento.

Com passos firmes e decididos ele se aproximou da bancada.

— Mandy desce daí, por favor — pediu ele estendendo-lhe a mão.

— Deixe-me ser feliz... livre...

Ele passou as mãos pelo rosto e depois pelo cabelo. Conseguiu um pouco mais de espaço e se projetou para frente para pegá-la no colo. Não foi fácil tirá-la dali, pois algumas pessoas estavam bloqueando o seu caminho. Mandy batia desesperadamente em Felipe para que ele a colocasse no chão. Não precisava ser levada como se fosse uma criança.

“O jeito era dar por encerrado aquela noite”, pensou ele.

As pessoas que passavam por eles ficavam curiosas ao vê-lo carregando a garota. A sorte era que moravam perto e assim não sofreriam em ter que pegar um táxi. Só que estava ficando chato carregá-la, pois seus tapas e murros eram fortes e ele temia que em algum momento fosse deixá-la cair.

Ao chegarem em frente ao prédio, Felipe a colocou em pé. Desajeitadamente, Mandy tentou arrumar os cabelos que estavam completamente bagunçados. Seu olhar foi direto ao rosto de Felipe. Ele não parecia estar com raiva, não havia como definir o que ele estava sentindo.

— Pode começar com o sermão — reclamou Mandy cruzando os braços.
— Sei que está louco para fazer isto.

Ele começou a rir descontroladamente.

— Quer parar com isto? Ficou louco?

— Não... Mas acabei de descobrir como sou um burro por não ter notado o quão maravilhosa você é. Sempre a vi como minha amiga, mas porque tinha medo que me rejeitasse, demorei para perceber que os seus sentimentos por mim são maiores do que eu poderia imaginar. — Ele se aproximou mais dela levando sua mão até a nuca da garota. — Sempre gostei de você...

Ele não conseguiu resistir e a trouxe para um beijo apaixonante. Cada segundo entregue às sensações estava valendo a pena, todos aqueles anos de luta estavam fazendo a diferença. Os corações enfim batendo em um só ritmo, a respiração em sincronia e os desejos da alma florescidos.

Mandy tinha um sorriso maravilhoso nos lábios após interromper o beijo.

— Sabia que você é o meu escorpiano favorito?

— Lá vem você de novo com essas histórias de signos. Acredita realmente em tudo o que lê nas revistas? — quis saber ele.

— Acredito que o universo conspira a favor do que é bom para aqueles que creem numa força maior e inexplicável. Só nos resta agarrarmos as oportunidades e sermos felizes.

¹ Música Hot N'Cold – Katy Perry: “Você muda de idéia/Como uma garota troca de roupa/Sim, você tem TPM como uma vadia/Eu deveria saber/E você sempre pensa/Sempre fala/enigmaticamente/Eu devia saber/Que você não era bom pra mim/ Porque você é quente, depois é frio/Você é sim, depois é não/Você está dentro, depois está fora/Você está por cima, depois por baixo/Você está errado quando está certo/É preto e é branco/Nós brigamos e terminamos/Nós nos beijamos e voltamos...”

LEÃO

Giovanna Vaccaro tem 17 anos, é leonina com ascendente em leão e lua em leão, mora em São Paulo com seus pais e seu irmão, onde cursa Jornalismo na USJT. Publicou seu primeiro livro quando tinha 14 anos, intitulado como “Procura-se”. Com 15 anos lançou “E se...”, seu segundo romance e, no final de 2017, relançou “Procura-se” em uma nova edição. Também participou de algumas antologias com seus contos: “A Garota dos Meus Sonhos”, “O Fio Vermelho”, “Drink Inferno” e “Eu”. Tem um canal no YouTube chamado Passa Cola e é viciada em mostrar seu dia a dia no instastorie do Instagram.

Eu

— Não acredito que isso está acontecendo! — choraminguei, segurando a ponta quebrada do zíper rasgado em meu vestido vermelho. — Deus deve estar rindo da minha cara.

— Você deveria parar de envolver Deus no assunto toda vez que alguma coisa dá errado no seu look, Lê — Suzanne lutou para segurar a gargalhada, porém, falhou miseravelmente, explodindo em uma risada enquanto eu sustentava meu olhar duro para ela.

Revirei os olhos, bufando, enquanto descia o que restava do zíper invisível. Minha irmã parou de rir, notando o meu total descontentamento.

— Fique calma, Lê, é só um zíper... — ela tentou argumentar, mas eu a interrompi, indignada:

— Só um zíper? — Arregalei os olhos para ela, arrancando aquele lindo vestido vermelho pelos pés. — Essa droga de zíper arruinou a minha noite. Eu tinha planejado toda a combinação para esse vestido.

Não era qualquer vestido, era “o” vestido. *Mega* sexy, perfeito para aquela noite. Não daquele tipo de vermelho aberto feio, era um vermelho sangue que quase chegava a ser bordô, mas era o “quase” que fazia a diferença. Tão colado que respirar era uma tarefa complicada quando se estava dentro dele. Ele ia até meus joelhos e, em cima, tinha alcinhas tão finas, mas tão finas, que, um movimento mal calculado seria capaz de desfazê-lo por inteiro.

Foi isso o que havia acontecido. Eu devia ter segurado aquele espirro. Agora o vestido tinha suas alças ultrafinas arrebitadas e o zíper, praticamente, *explodiu*.

Eu tinha pensado em tudo. O vestido, meus sapatos Louis XV, minha bolsa *nude* estilo carteira da Channel, o casaco preto de pele falsa, meu par de brincos mais delicado e duas pulseiras sutis no braço direito... A maquiagem marrom levemente esfumada, o batom no mesmo tom do vestido e um contorno tão bom que nem a própria Kim Kardashian poderia ser capaz de

fazer.

— Eu não vou mais! — disparei, tirando os brincos.

Suzanne se levantou do puff que estava sentada e, em um piscar de olhos, encontrava-se à minha frente, segurando-me pelos braços e me impedindo de tirar o outro brinco da orelha.

— Pare com isso, Leona. — Minha irmã me olhou feio. — Ele é o último cara da lista. Você tem que ir.

— É por isso mesmo. Ele é o último — rebati, desvencilhando-me da Suzy e tirando o outro brinco. — Eu saí com quase todos os caras daquela lista e não deu em nada. Não acredito que vai dar alguma coisa com o último.

Minha irmã mais nova suspirou, dando um passo para trás, provavelmente pensando em alguma tática para me fazer mudar de ideia. A questão era que eu queria ficar em casa não apenas pelo vestido — embora ele tivesse uma grande porcentagem de culpa —, mas porque estava cansada de me arrumar por horas e no fim descobrir que aqueles caras eram todos iguais: idiotas.

— Amanhã é seu aniversário — disse ela. — Você vai fazer vinte e sete anos e, sem querer ofender, mas... Você não tem ninguém, Lê. — Suzy voltou para onde estava há seis segundos, segurando-me pelos braços e, dessa vez, tentou me impedir de arrancar as pulseiras. Ela falou: — É claro que você tem a mim, mas não é a mesma coisa. Na sua idade, mamãe já tinha nós duas e estava pensando em se casar pela quarta vez. Namore, Leona, aproveite a vida. Ela ia adorar ver a mulher em que você se tornou.

Puxei meus braços, afastando-me novamente. Caramba!

— Não venha com esse papo todo sentimental porque isso não pega comigo. A canceriana aqui é você. — Suzanne resmungou algo que não fui capaz de entender. — E, meu Deus, pare de falar da nossa mãe como se ela estivesse morta, ela mora no Egito não bateu as botas. E ela estava planejando o quarto casamento, com vinte e sete anos, porque é escorpiana e você sabe o tipo de fogo que esse povo de escorpião têm.

Estava tirando os grampos do cabelo quando ela voltou a falar:

— Entendi! Você está com medo. — Suzy ergueu a sobrancelha.

Balancei a cabeça, negando. Claro que não estava com medo. Por que estaria?

— Está sim! Acha que se esse último cara for mais um idiota não haverá

mais jeito de encontrar alguém — exclamou minha irmã, implacável. — É só mais um cara, Leona. Bem, o décimo quinto cara da lista, mas pense pelo lado bom... Ele é o último. Depois dele, se nada der certo, você pode fazer o que quiser, até mesmo se infiltrar em um convento. Mas, considerando as suas roupas, duvido que deixem você virar freira.

— Meu Deus, cale a boca! — reclamei, empurrando-a. — Você não cansa de encher o saco? Vá assistir TV enquanto eu coloco pijama.

— Quê? Não! — gritou Suzanne, indo em direção ao meu guarda-roupa e fuçando entre os cabides. — Você vai encontrar esse último cara, vai sorrir e avaliar se ele é legal. Se for, ótimo, se não for, dane-se, a gente pode investir no Tinder. — Ela puxou um cabide de dentro do móvel e jogou em minha direção. — Esse combina com todo o resto do look. Só se dê mais essa chance.

Peguei o cabide no ar. Era um vestido azul que eu nem mesmo lembrava que tinha. Ele não tinha zíper nem botões, era justo até os joelhos e tinha uma linda fenda na lateral, o busto era bem acentuado e, no lugar das minhas adoradas alças ultrafinas, havia mangas ajustadas no ombro, acompanhadas por um decote incrível.

Fiquei olhando para o vestido, ainda no cabide, e me perguntei se realmente queria sair de casa para encontrar um cara que não via há mais de treze anos. E se ele fosse só mais um babaca?

— É o último cara, Lê, entre logo nesse vestido e vá embora. — Suzy estreitou os olhos, suas mãos na cintura, observando-me de longe.

Revirei os olhos, suspirando enquanto tirava o vestido do cabide e o passava pela cabeça.

— Essa é a leonina que eu conheço! — Minha irmã comemorou erguendo os braços.

Caminhei até o espelho e, para minha surpresa, aquele vestido estava bem melhor do que o vermelho. Minhas curvas ficaram mais visíveis e o azul-escuro iluminou minha pele clara. Reparei que minha maquiagem ainda estava ótima, mas meu cabelo... Voltei para a penteadeira e me sentei, passando a escova entre os fios.

— Foi só falar de leão que você já começou a se perder no próprio reflexo. — Suzanne sentou-se no puff de antes, cruzando as pernas.

— Não posso chegar com o cabelo mal arrumado naquele restaurante caro — respondi, lembrando-me de que Marcos, o cara com quem eu ia me encontrar, fizera reserva em um dos meus restaurantes favoritos.

— E por falar nisso... — começou Suzanne. — Já são sete e quarenta e oito. Você tem apenas dois minutos para se olhar no espelho e chamar o Uber se quiser chegar lá às oito em ponto.

Entortei o nariz. Aproveitei meus dois minutos no espelho com muito prazer e me levantei. Calcei os saltos, vesti o casaco e chamei o Uber. Guardei o celular na bolsa e corri até a porta, chamando o elevador. Quando apertei o botão do térreo, Suzanne apareceu.

— Eu falei para não tirar os brincos — reclamou, entregando-me o par, que coloquei nas orelhas enquanto o elevador descia.

Dois meses antes do meu aniversário — que, no caso, seria no dia seguinte, dia sete de agosto —, recebi o convite para o casamento de uma das minhas antigas amigas da faculdade e, naquela mesma noite, minha prima me mostrou o anel de brilhantes que seu namorado havia lhe dado como pedido de noivado. Coisas assim, normalmente, não mexem comigo. Nunca mexeram. No entanto, faltava pouco para eu completar vinte e sete anos e eu nem mesmo havia sentido o poder do amor como as outras pessoas dizem ser.

O problema nunca esteve em mim, óbvio — sempre fui linda, inteligente, engraçada, moderna, empoderada, independente... posso citar milhares de boas características —, a raiz do problema sempre esteve grudada nos homens, pelo menos nos que me relacionei.

Foi por isso — e pelo fato de não querer ser ultrapassada por minhas amigas no quesito “amor” — que decidi pelo que estava fazendo há dois meses.

Encontrar, conhecer e me apaixonar por uma pessoa totalmente nova estava completamente fora dos termos. Isso nunca aconteceu antes e não seria naquele momento que aconteceria, por isso, procurei por minha antiga agenda — da época em que não havia *WhatsApp* — e encontrei o que queria: O top 15 da minha adolescência. Eram quinze caras diferentes que haviam se tornado adultos e — por favor, Deus! — homens maduros.

Eu e a Suzanne começamos o trabalho. Se havia algum homem pelo qual

meu coração pulsaria forte no mundo, estaria naquela lista — pelo menos, na minha adolescência, eles fizeram eu me sentir nas nuvens, não foi à toa que entraram no top 15.

Dos quinze candidatos selecionados, sete já estavam casados — cinco dentro desses sete já tinham filhos e um deles se assumiu gay —, quatro não tinham o mesmo número de telefone e os outros quatro aceitaram sair comigo.

O primeiro foi o Fernando — que não era tão bonito, mas era engraçado. Fomos ao cinema, nada muito elaborado. O filme foi “Cinquenta Tons de Liberdade”, a sequência de uma das minhas trilologias literárias favoritas. Eu só queria assisti-lo — e contemplar a beleza de Jamie Dornan, mas eu não disse isso em voz alta —, porém, pelo visto, Fernando queria copiar as cenas comigo. Eu não tenho nenhum problema com esse tipo de coisa casual, mas... Dentro da sala do cinema, com pessoas em volta? *E eu ainda perderia o filme?*

— Dá para você esperar o filme acabar? — perguntei, tirando sua mão das minhas pernas.

— Não... — ele resmungou, rindo.

Eu não tive vontade de respondê-lo, por isso, levantei e fui à bilheteria comprar um ingresso para a próxima sessão — sem Fernando e com muito mais Sr. Grey.

O segundo foi Danilo, havíamos feito o último ano do Ensino Médio e, nossa, como o tempo havia feito bem a ele. O problema, no entanto, foi que durante aqueles longos anos que passamos sem nos ver, o rapaz desenvolveu uma paixão louca por esportes radicais. O nosso encontro foi praticamente um mini *Iron Man* — começamos pedalando, depois corremos, escalamos um penhasco... Quem, em sã consciência, leva alguém para escalar um penhasco em um encontro?

No final, Danilo me pagou uma água de coco, quando, na verdade, eu só queria beber uma Coca-Cola e comer uns três hambúrgueres. Eu nunca fui uma pessoa saudável, muito menos atlética.

Fiquei meio traumatizada depois da maratona de exercícios, por isso, só marquei o próximo encontro para duas semanas depois.

O terceiro da lista foi o Gustavo, nos conhecemos quando eu tinha

dezessete anos em uma boate, a qual eu entrara com um documento falso.

Para minha surpresa, ele quis me encontrar no mesmo lugar. Abri minha cabeça e dancei com ele, bebemos, rimos, ficamos e tudo mais... Dez minutos depois de nos beijarmos, Gustavo disse que ia buscar uma bebida e nunca mais voltou. Meia hora depois, eu o encontrei dando um beijo desentupidor em outra garota.

Nenhum daqueles caras tinha sido exatamente o que pensei e, se não fosse por Suzy, estaria em casa assistindo *Outlander*. Porém, esperava que Marcos, o cara com quem estava indo me encontrar, fosse diferente. Pelo menos, treze anos atrás, ele era uma das minhas paixõezinhas e sempre foi muito legal comigo.

Aqueles dois minutos a mais que passei em frente ao espelho foram os responsáveis pelo meu atraso. Já se passavam das 20h40 e eu ainda estava trancafiada no trânsito com Rodrigo, o motorista do Uber.

O céu piscava, às vezes, em relâmpagos. A chuva ainda não caíra, mas eu tinha certeza de que não faltava muito tempo para aquilo acontecer. O vento forte soprava os cabelos e as roupas das pessoas na rua, indicando que não seria apenas uma chuvinha e, sim, uma tempestade.

Peguei meu celular para ver a hora. Eu marquei de me encontrar com Marcos às 20h. Estava quase uma hora atrasada — e a culpa nem havia sido minha dessa vez.

— Onde estamos? — perguntei a Rodrigo, o motorista. Do lado de fora estava muito escuro para eu conseguir saber.

Rodrigo olhou para o banco traseiro, onde eu estava sentada, depois que dirigiu mais três centímetros para frente naquele trânsito horrível, disse:

— Não estamos longe, é neste quarteirão. — Piscou.

Olhei para fora novamente, conseguindo me localizar. O restaurante ficava há uns vinte metros de onde estávamos parados. Eu já estava atrasada demais.

— Será que você pode encerrar a viagem aqui para eu descer? — questionei, pegando a carteira dentro da bolsa —, eu estou muito atrasada.

— Claro. — Rodrigo tocou na tela do celular, onde apareceu o preço da viagem em verde.

Peguei o dinheiro e entreguei para ele, que começou a buscar por moedas no porta-copos. Agradei, abrindo a porta e saltando do carro ao mesmo tempo em que uma moto apressada cruzou meu caminho, espirrando água de uma poça em meus sapatos.

— O seu troco! — ouvi a voz do Rodrigo no meio da chuva, mas não dei muita atenção. Eram só algumas moedas. Respirei fundo, fechei a porta do carro e segui para o restaurante.

Para meu azar, quando pisei na calçada, ouvi um trovão ecoar, ao mesmo tempo em que uma garoa consideravelmente forte começou a descer. Xinguei, tentando caminhar embaixo dos toldos dos comércios para me proteger — embora não tenha realmente funcionado, já que a garoa caía na diagonal por causa do vento forte.

Não demorou muito até eu chegar ao restaurante, que tinha a parca iluminação alaranjada. Passei pela porta, onde uma garota me recepcionou:

— Mesa para um? — ela perguntou, ajudando-me a tirar o casaco molhado.

— Na verdade, eu vim encontrar alguém — falei, passando meus olhos pelo restaurante em busca do Marcos.

— Ah, sim — respondeu a moça, entregando-me o casaco pesado pela água —, fique à vontade.

Eu o coloquei sobre o antebraço e dei alguns passos em direção às mesas, ainda procurando por Marcos. Até que o encontrei — para mandar a real, encontrei o cabelo dele, loiro —, sentado de costas em uma das mesas do meio. Eu me aproximei, tentando ignorar o fato de estar totalmente encharcada — *Deus me free*.

— Oi — cheguei mais perto, entrando em seu campo de visão.

Ele se levantou, a cabeça virada em minha direção.

Nossa! Meu Deus!

A palavra “maravilhoso” era simples demais para descrever aquele homem. Caramba! Ele tinha cara de modelo — dos perfumes da Dior ou das cuecas Calvin Klein — e parecia ter saído de uma série de TV famosa, a qual todos os personagens são *super-mega-ultra-power* gatos. Ah, meu Deus, o Marcos era a cara do Chris Hemsworth.

— Está atrasada — ele disse, mas só consegui ouvir aquele tom áspero de

ator. — Eu a esperei por uma hora, Leona.

Dei de ombros, desculpando-me. Eu me senti da mesma maneira de quando estávamos no Ensino Médio: anestesiada.

— O trânsito me pegou, mas eu cheguei. E essa chuva... — Abri um sorriso, muito mais contente do que imaginei que estaria.

É claro! Quem não daria pulos de alegria nessa situação? Tirando tudo estar molhado, o cabelo estragado, a maquiagem borrada e a roupa pesada, eu iria jantar com o Thor. Meu Deus, o Thor!

Era incrível demais para ser verdade. Estava tão perplexa que nem mesmo tomei conta do que realmente acontecia.

Marcos se sentou novamente em sua cadeira e mandou que eu fizesse o mesmo. Quis negar e tentar ir ao banheiro me limpar, mas achei melhor não perder mais tempo. Eu me sentei à sua frente, reparando nos pratos espalhados pela mesa.

— Eu estava morrendo de fome, por isso já comi — ele falou, respondendo aos comentários que batucavam dentro da minha mente.

— Ah... — Sorri. — Não tem problema.

— Mas eu espero enquanto você come. — Marcos piscou um dos olhos, uma linha no lugar de um sorriso, enquanto levantava a mão direita chamando um garçom, que chegou depressa.

— Pois não!?

— Eu vou querer um macarrã...

— Traga uma salada para ela. — Sua voz alta saiu sobre a minha, interrompendo-me — E não se esqueça da garrafa de vinho que já lhe pedi.

O garçom saiu depois de anotar o pedido. Eu olhei para ele, sem conseguir entender o que havia acabado de acontecer.

— Não gosto de salada — falei.

— Nem eu. — Marcos deu o primeiro sorriso da noite, mas eu não o acompanhei.

— Então, por que pediu uma? — Eu quis saber, tendo certeza de que minhas sobrancelhas estavam superarqueadas, assim como ficavam quando eu estava irritada.

Marcos colocou os cotovelos sobre a mesa, apoiando o queixo nas mãos.

— Salada é coisa de mulher. — Deu de ombros. — Achei que fosse gostar.

Neguei com a cabeça.

— Isso não tem nada a ver. Eu prefiro fritura à salada.

— Eu percebi. — Seus olhos passaram pela extensão do meu corpo, analisando-me.

Sabe quando nos filmes está tocando uma música lenta no baile e o casal principal está dançando, prestes a se beijar, mas de repente o som para e faz aquele barulho de disco arranhado? Foi esse som que ecoou dentro — literalmente — do meu cérebro.

— O que você quer dizer? — inquiri, a um passo de ficar irritada.

— Que dá para perceber que você gosta mais de fritura do que de legumes... — respondeu calmo, esse filho da mãe. — pelo seu... hã... corpo.

Entortei a cabeça.

— Você me acha gorda, Marcos? — Minha voz já estava ardente.

Que tipo de leonina, com ascendente em leão, deixaria isso passar? Nem aqui, nem em outra galáxia, meu amor.

— Para falar a verdade... — ele começou, na maior cara de pau.

— Aqui está a sua salada, madame. — O garçom colocou um prato cheio de coisas verdes na minha frente, interrompendo Marcos, mas eu bem sabia quais seriam as suas próximas palavras. — E o vinho.

Peguei o garfo e comi um pedaço de brócolis. Ele voltou. Que nojo!

Joguei o guardanapo de pano sobre a mesa e arrastei a cadeira para trás, levantando-me.

— Com licença, vou ao banheiro. — Usei aquele tipo de entonação de novela, quando as pessoas ricas querem se livrar de alguma coisa e levantam no meio do jantar. Eu poderia dizer “Perdi o apetite”, como nos filmes, mas achei muito clichê e, na verdade, estava morta de fome.

Não olhei para trás, de modo que peguei minha bolsa e caminhei até o banheiro. Eu estava com ódio. Ódio!

Tudo bem que eu tinha atrasado, tudo bem que ele era maravilhosamente lindo e tudo bem também que ele estava com fome... Mas que droga, vai ser egocêntrico, machista e embuste assim em outro continente, otário!

Olhei no espelho. Meu Deus! Que desastre.

Meu cabelo estava completamente desgrenhado, minha maquiagem totalmente fora de cogitação e... Tudo estava horrível! Eu estava com muita raiva de tudo. Só queria voltar para casa e tomar um banho.

Respirei fundo, contei até dez quatro vezes e depois até setenta e sete para me acalmar de verdade. E, então, saí do banheiro. Caminhei em direção à mesa, repassando em minha cabeça o que eu diria para Marcos e escolhendo qual palavrão usaria para xingá-lo. Mas quando cheguei...

Onde ele estava?

Tentei pensar positivo e acreditar que fora ao banheiro, assim como eu. Esse pensamento durou exatamente trinta segundos, quando o garçom se aproximou novamente.

— A conta, madame. — Ele me entregou um envelope preto.

Olhei para o homem sem entender.

— Oi?

— O Senhor que estava aqui... — Começou a dizer, meio embaraçado. — Ele me disse que o jantar seria por sua conta.

Peguei o envelope, puta da vida.

— E onde ele está? — Eu me segurei para não gritar.

O garçom olhou ao redor, tímido.

— Ele acabou de sair, madame.

Arregalei os olhos. *O quê?*

Tinha certeza de que poderia bater em qualquer coisa que estivesse à minha frente se tudo naquele restaurante não fosse de cristal e eu não tivesse que pagar pelos danos depois.

Marcos tinha ido embora e me deixado a conta do jantar que *ele* comeu e da salada que *ele* pediu? Eu havia feito algo de muito errado para meu *Karma* ser tão pesado assim.

Respirei fundo e abri o envelope.

— Puta merda! — sussurrei, olhando o valor da conta.

Aquele filho da mãe tinha comido tudo o que havia de mais caro no cardápio. Ele pediu duas lagostas! Quem come *duas* lagostas? E aquele vinho... mais caro do que a parcela do meu celular. Porém, acima de tudo, o

que me deixou com mais ódio foi a salada, aquela merda, que só tinha mato e capim, custava oitenta reais. Eu queria pegar aquele único pedaço de brócolis que eu tinha comido e enfiar no...

— Algum problema? — O garçom limpou a garganta, chamando minha atenção.

Olhei para ele, indignada, querendo poder me transformar em um avestruz e colocar minha cabeça dentro da terra.

Eu sabia, com certeza, o valor exato que havia na minha conta bancária. Por sorte e um boleto atrasado tinha dinheiro para pagar aquela praga de conta. Peguei meu cartão, passei na maquininha e digitei a senha, implorando aos céus para não aparecer: *cartão recusado*.

Não apareceu. A notinha até se imprimiu sozinha. Engraçado como essas coisas funcionam nas piores horas.

O garçom agradeceu e saiu do meu campo de visão, enquanto eu, ainda molhada e, agora, sem dinheiro, peguei minhas coisas e saí do restaurante.

A chuva caía torrencialmente e tudo o que eu mais queria fazer era gritar, no meio da rua, sobre a grande idiota que eu era.

Peguei meu celular e entrei no aplicativo do Uber. O meu 1% de bateria durou tempo suficiente para eu conseguir solicitar o carro, e a viagem ser confirmada. Depois que vi as letras da placa do carro — ENM, de: “Esta noite está uma merda” —, a tela do celular apagou.

— Que ótimo! — Suspirei, adicionando mais um fracasso à noite. A lista começava no vestido vermelho que havia rasgado e ia até aqueles brócolis nojentos.

Depois de dez minutos esperando o motorista do Uber, decidi caminhar e procurar por outra maneira de voltar para casa. Se pelo menos eu soubesse o número da Suzy de cor... Eu poderia pedir um telefone emprestado ou sei lá o quê.

Eu não a estava vendo, mas ela estava ali, eu tinha total certeza. Havia uma “nuvem negra” sobre a minha cabeça, cheia de azar. Como eu sabia? Depois que decidi andar, só consegui dar dois passos até um dos meus saltos se quebrar. Molhada, descabelada, borrada, irritada e manca, continuei caminhando e bufando.

Eu só queria estar em casa...

Contei até cem várias vezes e me cansei. Encontrei uma praça e me sentei em um banco, ainda no meio da chuva. Já era tarde, eu estava cansada... Não sabia o que fazer. Nem me dei conta de que um carro havia parado à minha frente e abaixado o vidro.

— O que está fazendo nesta chuva? — Alguém gritou contra o barulho, fazendo-me erguer a cabeça.

Olhei pela janela e, por mais estranho que pudesse parecer, era o Rodrigo, o motorista do Uber que havia me levado — ou quase — ao restaurante.

Eu me levantei e me aproximei do carro. O que eu tinha a perder?

— Não consigo voltar para casa — Espirrei por causa do frio —, acabou a bateria do meu celular.

— Entre no carro! — ele gritou novamente.

Não pensei duas vezes. Sentei-me no banco do passageiro e fui atingida pelo ar quente do ar-condicionado. Ainda estava com frio, claro, mas era bem melhor.

— Você podia pegar um resfriado ou algo do tipo. — Rodrigo me olhou, embasbacado com a situação.

— Morrer eu não vou. — Soltei uma risada, apesar de tudo.

— Isto a gente não sabe. — Gargalhou ele, aumentando a temperatura do ar quente para trinta e dois graus. — *Tome*, vista isto. — Rodrigo me entregou sua jaqueta de couro.

Neguei com a cabeça, sentindo meus dentes baterem.

— Não precisa... — Tremi de frio. — Já tenho casaco.

— Ele está encharcado! — exclamou, empurrando-me a jaqueta, que aceitei.

Tirei o casaco molhado e o deixei cair no chão do carro, enquanto vestia a jaqueta de couro preta que, para ser sincera, tinha um cheiro muito bom.

Rodrigo deu partida e começou a dirigir.

— Que coincidência — Ele suspirou, me fitando.

— Pois é. — Concordei. — Eu estava mais seca na última viagem.

Ele riu, entretido.

— É verdade. O que aconteceu com você? — O carro parou em um semáforo vermelho.

Dei de ombros, recapitulando a noite e ponderando se queria contar sobre ela. Decidi que não me faria mal se ríssemos um pouco da situação, por isso, comecei a narrar os acontecimentos.

— Não acredito que o cara fugiu e a deixou com a conta! — Rodrigo me olhou indignado. — Que idiota.

— Eu que o diga. — Não entendi por que estava rindo. — Esse não era o cara.

— E quem é ele?

— O Marcos? Eu o conheci na escola, há muito tempo...

— Não. — Rodrigo riu, me interrompendo. — Quem é “O cara”? O certo. Ele me pegou desprevenida. Senti minhas bochechas esquentarem. Balancei a cabeça.

— Não sei... — soltei a verdade. — Espero conhecê-lo um dia.

Rodrigo sorriu, concordando com a cabeça, enquanto estacionava em frente ao meu prédio.

— Você vai! Ou talvez já até conheceu. O destino tem dessas de juntar as pessoas mais de uma vez — falou, encarando-me de lado.

Entendi o que ele queria dizer e não pude discordar.

Rodrigo era muito engraçado, mas também me deixava desconfortável às vezes, com algumas perguntas indelicadas. Ele não se parecia com o Thor, estava mais para o Capitão América, que também era lindo e sempre foi o meu Vingador favorito. Havia me salvado da chuva e me emprestado sua jaqueta para me proteger do frio. Eram pouquíssimas coisas, pouquíssimos momentos... Mas, considerando que levei Marcos e os outros caras a sério, o que eram apenas duas viagens de Uber?

— Então, eu acho, que tudo o que aconteceu hoje foi o universo conspirando para que nós nos encontrássemos de novo. — Sorri, virando-me em sua direção.

Observei seus olhos se acendendo e um sorriso se formando em sua boca. Gostei do que vi e, além disso, adorei sentir o que senti. Aquele arder subindo de não sei onde, e aquela adrenalina de conhecer novas coisas.

Rodrigo se aproximou lentamente e colou nossos lábios. Ele era quente e macio. Passei uma das minhas mãos no seu cabelo e a outra pousei sobre seu

ombro. Ele me segurou forte, experimentando mais de mim e eu adorei a sensação. Ele deslizou as mãos sobre as minhas costas e braços e acariciou meu cabelo ainda molhado. Todo o frio que eu estava sentido se foi e deu lugar a algo melhor: calor. Suspirei entre o beijo enquanto Rodrigo mordida meu lábio inferior, finalizando com um selinho casto e leve, segurando meu rosto.

Meu coração estava disparado e percebi as suas pupilas dilatadas. Sorri para ele, que correspondeu, afastando-se.

— Na verdade, eu vim lhe entregar o troco — falou, mexendo no porta-moedas.

Franzi o cenho, sem entender.

— O quê?

— Você saiu muito apressada da última vez, nem mesmo me deixou devolver o troco. — Rodrigo riu de verdade, entregando-me três moedas.

Olhei para a palma da minha mão. Eram quarenta e cinco centavos. Eu ri.

— Vamos torcer para que eu não saia mais tão apressada nas próximas vezes — respondi, sorrindo.

Foi um beijo e duas viagens de carro. Não era muita coisa, porém significara muito para mim e eu esperava que para ele também. Havia algo ali, entre nós dois, que fazia sentido. Como se fosse o certo a se fazer, como se aquilo *devesse* acontecer. Era diferente.

Abri a porta do carro, a chuva não caia mais, tirei a jaqueta e devolvi para o Rodrigo, sentindo frio novamente. Saí e me despedi com um aceno de cabeça, mas sabendo que nos veríamos muitas outras vezes — pelo menos nossos contatos estavam salvos no site e no aplicativo do Uber.

VIRGEM

Robson Cuer é paulistano, tem 47 anos. Lançou em 2016 o livro “O Diário do Erasmo” pela Editora Coerência. No dia a dia recebe inspiração para criar tipos e personagens engraçados e sensíveis. Inspirado em Marcos Rey, participa desta antologia com o conto “A virgem de Virgem”, enquanto prepara a segunda edição do seu livro de estreia e o lançamento de: “Os Diferentes” para 2018.

A virgem de virgem

Ela corria contra o relógio. Nunca os astros estiveram a seu favor, esperava que pelo menos hoje, neste dia tão especial, eles cooperassem.

Demorou muito para encontrar o possível amor da sua vida, mas, como disse Madame Zora, a conjunção dos astros e seu mapa astral indicavam que seria nesta quadratura dos planetas que ele surgiria.

Priscila era uma moça boa. Não posso dizer bonita, pois estaria mentindo. Estudava, trabalhava, era uma ótima amiga, mas nunca tivera sorte com os namorados. Não era vaidosa, o que dificultava tudo.

Passava seu tempo lendo romances de banca de jornal, daqueles bem melosos e dramáticos. Filha única, morava sozinha há alguns anos, nem animais em casa ela tinha.

Sentia muito medo de errar e por isso nunca acertava.

Ela quase fora feliz algumas vezes, apenas pela tentativa de ser feliz.

Tadeu era de Aquário. Os dois se estranhavam muito e entre beijos e carícias as reclamações surgiam, voltando à estaca zero. Ele liberal, ela careta.

Luís era de Peixes. Extremamente romântico, deixou a casa da Priscila parecendo um velório de tantas flores que mandava. Quando decidiram dar um tempo, era um buquê a cada duas horas. Muito cansativo.

Cláudio era de Sagitário. Melhor nem dizer o que aconteceu...

Raul era de Touro. Mas só tinham 9 anos. Cedo demais.

Priscila passava boa parte do seu tempo entre leituras de guias astrológicos e cursos de astrologia dos mais diversos, sempre com aquela pergunta: “*Eu serei feliz no amor?*”

Vários astrólogos charlatões, ao perceberem sua fragilidade emocional,

iludiam-na dizendo que sim. Eles pediam que ela levasse os dados dos namorados ou pretendentes, claro que cobravam por cada mapa astral.

Até que um dia ela viu na televisão a Madame Zora, renomada astróloga dos artistas, que morava em sua cidade e abria consultas apenas uma vez por ano. Ela aprendera astrologia com grandes estudiosos espanhóis, quando ainda era muito jovem e nunca deixou de se atualizar. Interpretava o mapa astral de vários prismas diferentes e sempre tinha conselhos a dar.

Quisera os astros que o caminho de Priscila cruzasse o de Madame Zora. Ela era muito séria e, com quase 70 anos, era a sabedoria em pessoa. O único problema é que cobrava bem caro, mas parecia valer a pena.

Madame Zora

— Você quer saber do amor? Nossa, quase nem me perguntam mais disso. Usam mais o Tinder do que os astros. — A astróloga foi irônica e direta.

— Sabe, Madame Zora, eu acredito sim no amor.

— É, tem gente que ainda acredita. Diga-me qual é a sua data de nascimento e o horário.

Priscila sabia estas informações de cor, entregou-as junto aos vários mapas astrais que fizera antes.

— Pode jogar tudo isso no lixo. Nem vou olhar.

Priscila sentia segurança nas palavras de Zora, por isso picou rapidinho aquele monte de papel antigo que nada acrescentara à sua vida.

— Olhe, preciso de alguns dias para fazer seu mapa, isso não é *fast-food* que você pede e já está pronto. Não farei previsões, apenas falarei de possibilidades e opções. Outra coisa, mapa astral não é algo que você posta no Facebook ou Instagram. Ah, e preste atenção, não se refira a mim como “minha astróloga”, eu só pertenço a mim mesma.

Priscila ficou curiosa sobre qual seria o signo de Madame Zora, mas teve medo de perguntar, preferiu deixar para o próximo encontro.

Demoraram muitos dias para a astróloga ligar e chamar Priscila para conversar. A lua mudou de fase duas vezes e estava quase entrando na terceira quando ela foi ao encontro do seu futuro.

O Mapa Astral

— Sente-se. Terminei o seu mapa astral. Muito interessante, viu?

Priscila deu um suspiro de ansiedade e ficou aguardando que Zora revelasse, segundo os astros, se ela seria feliz no amor.

— Olhe, no dia e horário em que você nasceu, Marte estava em aquário. Você tinha tudo para ser uma pessoa descolada, além do seu tempo, porém como a lua estava em peixes, você se tornou mais introspectiva e sentimental. Virginianos são sempre tão intensos e abertos, mas em você isso se inverteu.

— Verdade, Madame Zora?

— Claro que é verdade. Os astros não mentem! Deixe-me continuar. Percebo no seu mapa que as coisas sentimentais, como o amor, a paixão e a solidão, acompanham-na, mas somente uma delas a ataca: a solidão. Isso porque na sua virada para os 40 anos, Júpiter passou a dominar o seu mapa, e seu ascendente, câncer, mais sentimental ainda, virou você do avesso.

— Engraçado... havia lido que meu ascendente era leão...

— Impossível! Se fosse Leão, você seria uma *periquete*. Imagine: virgem com leão... seria um estouro!

Enquanto ouvia atentamente sobre suas características, as luas, o sol e os planetas, Priscila aguardava o que ela mais queria saber: o amor.

— Bem, você me disse que quer saber sobre o amor, não é? Sabe, eu acho o amor uma coisa tão anos 80, tão antiga. Hoje as pessoas fazem contratos e os cumprem e em alguns momentos são bem felizes. Mas vamos lá. No dia em que você nasceu, Marte estava em guerra com Plutão, ou seja, não tinha amor nas estrelas. Mas mesmo assim, você que é de virgem buscou em Vênus o amor que faltava em Marte, mas se esqueceu do amor que estava em Plutão! — Mostrou, então, no Mapa Astral, um local quase sem riscos de conjunções no momento do nascimento de Priscila.

— É por isso que ainda sou virgem?

Madame Zora se engasgou com a água que bebia, sendo socorrida por Priscila com alguns tapinhas nas costas.

— Francamente, você também não ajuda, não é? Como assim, aos 43 anos, ainda não teve um homem? Isso não é culpa das estrelas. Não existe

Zodíaco que resista à falta de atitude!

— Mas, Madame Zora, eu sempre planejei...

— Amor não se planeja, moça! Amor acontece! Amor não é uma poupança que você coloca dinheirinho e espera render! Mas eu vou ajudá-la. No seu Mapa aparece um momento muito raro de vibração da galáxia com os virginianos do seu dia, para ocorrer amanhã. Durante 24 horas, as estrelas estarão alinhadas com a lua e com a constelação de virgem na Via Láctea. Este período será a maior chance da sua vida de encontrar seu grande amor.

— Daqui a um dia poderei encontrar o amor?

— Pode encontrar, beijar, dar e se divertir...

— Vai ser para sempre?

— Sempre é tempo demais! Nem as estrelas são para sempre. Pense no momento. Se for para se perpetuar, acontecerá. Mas atenção com Saturno, não perca a ajuda dos astros!

Madame Zora já estava cansada com aquela conversa, logo cobrou seus honorários e dispensou Priscila.

— Boa sorte! E um conselho: ajude os astros. E atenção com Saturno!

Priscila saiu da casa da astróloga com a cabeça a mil, por causa das infinitas possibilidades que um possível amor poderia trazer.

“Será que ele é moreno ou loiro?”

“Engenheiro? Advogado?”

“Esportista ou intelectual?”

Em um dia começaria a ter esta resposta. Mas qual seria o signo dele? Esqueceu-se completamente de perguntar para Madame Zora este detalhe tão importante.

Fazer o quê. Agora precisaria se preparar para este momento.

Cabelereiro, manicure, roupas novas e maquiagem. Será que não ficaria exagerada?

Enquanto caminhava apressada, trombou de frente com um rapaz.

— Não olha por onde anda, não, tia?

— *Vem cá*, sua mãe não lhe deu educação? Não sou sua tia, no máximo seria sua irmã mais velha. Seu grosso!

— Fica andando falando sozinha, tromba comigo e eu que sou grosso...

— Olhe aqui, moleque...

— Eu não sou moleque, tenho 32 anos.

— E se veste assim?

Bermuda, camiseta de banda de rock, cabelo comprido, brinco e barba por fazer. Estava estiloso, mas muito moderno para o gosto dela. Perfumado. Devia estar indo se encontrar com alguma garota.

— Isso se chama estilo. Eu posso, pois ainda sou jovem, apesar de não ser moleque. Muito melhor do que você, vestida assim... — Apontou para Priscila.

— Assim como?

— Uma moça tão bonita vestida igual a uma beata... Comprou essa roupa em um brechó? Solte esse cabelo, bota um sorriso na cara e vai ser feliz. Bem, me dê licença que eu vou nessa. Tchau!

Saiu rápido, deixando Priscila com cara de tacho e pensativa com as palavras sobre sua apresentação pessoal. Estava ali a confirmação de que tinha que melhorar o seu estilo em um dia.

Pensou no rapaz. Era bonito e tinha boa energia, mas era grosso. Devia ser de áries. Disse que ela era bonita.

“Preciso me fazer bonita.” Pensou ela,

Ligou para seu amigo cabelereiro superdescolado para assumir esta missão.

— Pablo, preciso de você.

— Fale, Sacerdotisa do Zodíaco. O que você quer?

— Preciso mudar meu visual. Mas tem que ser rápido!

— Você não precisa de ajuda, precisa de um milagre. Além disso, nunca deixa eu executar as minhas ideias.

— Desta vez vou deixar. Tenho um dia para ficar maravilhosa. Caso de vida ou morte.

— Olhe, Priscila, não aceito reclamações! Venha já para o salão e vamos começar a resolver esta questão agora mesmo. Mas eu decido, tipo transformação da Xuxa. Pede para Nossa Senhora da Peruca Loira me ajudar, porque vai ser babado!

Sem titubear, ela se entregou aos cuidados das mãos taurinas de Pablo, que fez questão de retirar os espelhos para que em nada opinasse.

— Se quer mudança, desta vez vai ser do meu jeito. Só verá quando estiver pronto.

Este processo demorou três horas, que, dentro da cabeça da virginiana, se transformaram em milênios.

— Cleide, quero aquela cor... aquela que eu a ensinei.

— Pode deixar! — A colorista se escondeu em um balcão onde fazia sua alquimia sagitariana para mudar a cor do cabelo de Priscila, enquanto Pablo cortava, repicava, desfiava e dizia para si mesmo:

— Não... não... um pouco mais diferente.

Fez o corte do jeito que sempre sonhou. Enquanto a tinta preparada por Cleide agia e Liana, outra sagitariana, pintava as unhas da Priscila, Pablo ligou para um amigo:

— *Bicha, tá boa?* Preciso de você aqui no salão. A-G-O-R-A! Tenho uma amiga que precisa comprar roupas novas e descoladas para um encontro. Nada de Brás, ela é da geração Shopping. Venha.

Desligou o telefone e se virou para Priscila.

— Daqui a pouco Renatinho chega. Você vai comprar roupas novas e jogar fora essas fardas de moça pura, porque agora você é *vamp*!

Lavou o cabelo da amiga e o secou, penteou, escovou, retocou, ajustou pequenas pontas e falou:

— Está preparada?

Priscila fez que sim com a cabeça, morrendo de medo, mas sabia que era por uma boa causa: o amor da sua vida.

Olhou-se no espelho e o que viu a deixou boquiaberta.

— Pronto, agora você é uma mulher fatal!

O cabelo ganhou um tom avermelhada e um corte moderno um pouco mais curtos. Seu rosto recebeu uma maquiagem na medida certa, mostrando que ela poderia ser como quisesse. Inclusive, uma quase leonina.

Agora depilação, pois se iria conhecer o amor da sua vida, teria que estar lisinha, senão ele acharia que ela era a Monga do circo e fugiria na hora.

Uma depiladora surgiu para torturá-la: passa cera, puxa a cera, ouve o

grito e continua. Priscila não estava acostumada a essa dor, pois sempre se depilou em casa.

— Isso dói demais!

— Dói, mas é necessário! Não existe prazer sem dor!

Essa garota, que se chamava Paulinha, com certeza, era de sagitário. Sádica!

— Menina, isso dói demais! Vou começar a gritar de verdade!

— Estava gritando de mentira?

Em uma puxada rápida da cera, Priscila gritou como se estivesse tendo um filho de parto natural.

— Pronto, *depiladinha* e preparada. Uma verdadeira Afrodite!

Enquanto Priscila terminava de colocar a roupa, Ricardinho entrou gritando:

— *Para tudo!* Que furacão de mulher é esse nessas roupas de beata? Pablo, que horas eu posso sair para comprar umas roupas, porque eu A-D-O-R-O gastar!

— Agora!

Em um movimento rápido, puxou Priscila pelas mãos e foram direto para o ateliê de um jovem e descolado estilista e designer, que tinha peças exclusivas por um valor sensacional.

— Vamos, vamos! Ele vai nos ajudar.

O tal lugar era uma casa antiga no Bixiga, com uma escadaria que dava direto no meio de uma oficina de costura, lá estava Renan Lino.

— Renan, apresento-lhe Priscila, virginiana em processo de transformação em leonina. Precisamos de você.

O estilista mediu Priscila da cabeça aos pés e disse:

— Deixe-me colocar minha armadura e vamos guerrear. A primeira coisa que você fará será tirar essa roupa horrível e me esperar ali, na sala para pegar suas medidas.

— Vou ficar pelada?

— Deus me livre! Coloque um roupão e me espere. — Ele apontou para um cabide cheio de roupões.

Em meio a fitas métricas, testes de cor na pele com tecidos e gargalhadas, Renan saiu e voltou com algumas peças bem diferentes: uma calça jeans cinza, toda cheia de detalhes em tachinhas douradas e um cinto de tecido verde-musgo, que no corpo de Priscila revelou que ela era uma falsa magra, com mais curvas do que a lua e o sol.

— Está ficando gostosa, não *tá*, Pablo?

— Está sim, gostosa!

Coloca camisa, tira calça, coloca sapato, tira sapato, tira calça, coloca saia... Era cansativo ser *vamp*!

E os três foram escolhendo o visual da nova Priscila. Aquela que, enfim, conquistaria o seu amor.

No dia seguinte, ao entrar no seu trabalho, o porteiro emudeceu, o office-boy não piscou e ela foi o assunto do dia: Priscila mudou!

Mas foi no final do dia que a maior surpresa aconteceu.

Priscila ainda não se acostumara com aquelas roupas e seu pensamento não saía do prazo para encontrar seu grande amor que já estava chegando ao fim. Organizou a mesa de trabalho, desligou seu computador, pegou sua bolsa e entrou no elevador. No andar de baixo ele parou e um homem entrou.

Apressado, ele ficou de costas para Priscila. Mesmo assim ela começou a identificar aquele perfume, aqueles braços fortes embaixo da camisa...

O elevador parou de funcionar.

— Que droga, estou com tanta pressa — disse o homem

— Eu também! — Virou-se para ver quem era a dona da voz, mas não a reconheceu. Ao contrário de Priscila que ficou surpresa.

— Não acredito que seja você... — Era o cara da roupa de roqueiro, completamente formal, deixando-a sem entender nada.

— Você me conhece?

— De vista... — respondeu sem graça por ele ter ouvido o seu pensamento virginiano.

— Meu celular está sem sinal, você tem como ligar para alguém para saber o que...

Nesse instante, tocou o interfone que ficava no compartimento do elevador. O funcionário do outro lado da linha disse que demoraria uns 30

minutos até que os técnicos aparecessem.

— E agora?

— Podemos conversar... — Priscila quebrava uma timidez que ela não sabia ao certo porque vivia dentro dela.

— Meu nome é Matheus, sou empresário do ramo de esportes e você?

— Priscila, redatora da revista.

— Vim conhecer o Editor Chefe. Vamos fazer uma parceria.

— Bacana.

Ele era charmoso, belo e forte. Parecia um príncipe de filmes de reinos distantes. Braços tatuados e um cavanhaque sedutor.

Ele a olhou pelo espelho e pensou: *“Pelo menos estou preso com uma mulher interessante.”*

— Nunca fiquei presa no elevador antes.

— Eu já, mas saí pelo teto com a ajuda de um bombeiro. Parece que estamos em um local inadequado para isto.

“Que bom!” pensou ela.

Priscila olhou para a mão dele e não viu aliança: solteiro. Precisava apenas saber qual era o signo dele.

— Tenho um aniversário para ir hoje. Meu amigo é capricorniano, supermeticuloso.

— Eu não entendo de signos, mas dizem que sou mesmo um escorpiano.

Uau! Escorpião.

— Eu sou virginiana.

— Bem interessante. — Matheus a olhou com aquele sorriso típico de quem se interessou. — Eu olho para você e tenho a impressão de que a conheço.

— Será? Nossa, que vontade de tomar um café... E a gente aqui, presos.

— Eu até lhe pagaria um se não estivéssemos presos aqui, tenho que enrolar um pouco na Paulista, pois hoje é dia do meu rodízio.

Neste exato momento, como que por mágica, caso do acaso bem escrito nas estrelas, o elevador ligou e começou a descer.

— Pronto, agora podemos tomar um café.

E assim foi. Um café, dois, um suco. O papo entre eles estava muito divertido quando Matheus se lembrou.

— Você é a moça da trombada!

— Sou! — Priscila riu da situação.

— Priscila, perdoe-me pela grosseria, mas você me tirou do sério com aquela lerdeza. Ei, você está diferente, hein?

— Estou? Sério?

— Muito mais interessante.

— Você também está diferente. Todo arrumadinho.

— Ah, naquele dia eu estava indo tocar com a banda, aí fico mais à vontade. Depois, ainda saí para dar uma volta de skate.

Nossa, ele era superdescolado.

— Skate? Nossa, você é empresário e anda de skate?

— Coisas de escorpiano. Temos muitos mistérios. — Matheus já percebera que ela era ligada em astrologia.

— Quais segredos?

— Vários, mas um dos principais é este.

Um beijo rápido roubado da virgem de virgem e uma lua radiante se fez no céu, admirada na janela. Sinal de que Madame Zora estava certa. Os astros conspiravam a favor de Priscila.

— Você ficou sem graça?

— Um pouco inesperado, mas foi bom.

— Para mim não tem nada de inesperado, viu? Quero mais.

E já roubou outro beijo.

Que escorpiano atrevido esse!

Papo vai, papo vem, Matheus e Priscila combinaram de se encontrarem no dia seguinte. Ele a deixou em casa e roubou vários outros beijos na porta do prédio, sob os olhares incrédulos do porteiro.

— Seu namorado, dona Priscila?

Ela riu meio sem graça e entrou no elevador pensativa com a pergunta e querendo fazer duas coisas: tirar os sapatos e ligar para Madame Zora.

— Alô? Quem é?

Priscila, sem demora, despejou todas as novidades na astróloga, que assistia à televisão e ficou irritada.

— Respire, menina, deixe eu desligar a televisão. Por isso que quero distância do amor, o povo fica doido...

— E agora, Madame Zora? O que eu faço?

— Ué, saia mais com ele, conheça-o. Permita-se! Ele é bonito?

Foi então que Priscila percebeu que aquilo ainda não tinha sido processado em seus pensamentos e que a companhia tinha sido tão bacana que ela nem precisou reparar no olhar sedutor e no jeito atencioso de Matheus.

— É sim! Tem até tatuagem. Anda de skate!

— Então, menina, é sua chance. Apenas um cuidado: não se jogue completamente e se revele aos poucos. Homens de escorpião adoram mistérios.

Priscila agradeceu a Madame por atendê-la tarde da noite, desligou e sonhou com a felicidade.

No outro dia, levantou-se animada e otimista. Produziu-se com as novas roupas e trabalhou feliz da vida. O dia inteiro trocaram mensagens, pareciam dois adolescentes. O amor rejuvenesce a todos.

O escorpiano

— Cara, conheci uma gata. Mais madura do que eu, mas eu também já não sou um garoto. Estou entusiasmado.

— Já pegou? — Ciro, amigo cachorro de Matheus e suas perguntas óbvias.

— Não. Apenas nos beijamos. Conheci ela ontem. Vamos nos ver hoje. Sei não, mas acho que vai dar namoro.

Ciro achou graça que justo aquele amigo tão descolado, que não se apegava a ninguém, estivesse falando de amor.

— O negócio é sério. Boa sorte, irmão. Espero que esteja no caminho certo. Eu sou muito jovem para casar ainda, então vou curtir.

— Jovem? Você tem 35 anos!

— Minha mãe diz que eu sou o bebezinho dela, então eu sou jovem.

Risadas entre os dois, amizade e cumplicidade desde a infância era assim

mesmo. Somente Ciro sabia que Matheus, bem no fundo, era um cara que sonhava em ter uma família, casa, cachorro, lua de mel, filhos.

Claro que os astros dariam uma mãozinha. Madame Zora não errava nunca.

O Retorno de Saturno

Já fazia uma semana que estavam juntos e tudo corria maravilhosamente bem.

Priscila então resolveu revelar que ainda não estivera com um homem.

— Você está falando sério?

— Apesar de você achar estranho, é verdade. Eu nem posso dizer que me guardei para um príncipe ou coisa e tal, mas acho que, de tanto ler romances açucarados de banca de jornal, eu fiquei com medo da realidade.

Matheus ficou com um misto de excitação e relutância, mas resolveu esperar o melhor momento para tentar algo. Ele desejava a virgem de virgem.

Dias se passaram, Priscila estava com medo de transar com Matheus, que já subia pelas paredes, igual a um adolescente tarado.

Ela virgem inexperiente. Ele descolado e paciente.

Na sexta-feira, os astros se juntaram para ajudar o casal a finalmente avançar.

Após o jantar, regado a vinho e muito papo no pé do ouvido, enquanto Matheus levava Priscila para casa, quando o relógio marcou 23h02, algo aconteceu no universo.

Como por mágica, o carro quebrou em frente a um motel, enquanto uma tempestade se aproximava.

— O carro não liga!

— Arrume logo! Vai chover!

Eles ainda não haviam percebido onde estavam. Nada fazia o carro funcionar, quando um temporal começou a cair. Matheus entrou ensopado e foi tirando a camisa, enquanto Priscila corava de vontade de tocar no peito dele.

— E agora? Vamos ter que ficar aqui no carro?

Ele olhou para fora e percebeu o letreiro luminoso que os convidava a entrar, sorriu e apontou para Priscila o único lugar disponível e ainda teria que ser a pé, correndo na chuva.

“Motel Saturno”

Priscila se lembrou das sábias palavras de Madame Zora, abriu a porta do carro no meio da chuva e correu para dentro do motel, seguida por um atônito Matheus.

Na entrada, atrapalhada com a recepcionista que olhava para os dois com olhar de malícia, percebeu que tinha esquecido a bolsa no carro.

— Identidade por favor!

— Está no carro e está chovendo.

— Pode entrar de carro, aqui é um motel. Chama Saturno, mas não precisa vir de foguete!

— Eu vou me molhar toda!

— Sem identidade não pode entrar. De repente você é menor de idade e... bem, você não é menor de idade, com certeza.

A recepcionista era muito irônica.

Matheus, molhado da cabeça aos pés, pegou as chaves, pagou a estadia e, então, caminharam pelo Motel Saturno igual a dois astronautas pisando na lua.

Abriu a porta, pegou Priscila no colo, a jogou na cama e começou a tirar a roupa.

— O que você está fazendo?

— Tirando a roupa molhada, ué? Você está seca, mas eu estou molhado demais.

— Vai ficar pelado? Na minha frente?

— Vou!

Tirou camisa, meia, calça, cueca e foi para o banheiro, enquanto Priscila fechava os olhos e olhava pela fresta dos dedos aquele homem nu ao lado dela.

“Meu Deus, e agora? O que vou fazer?”

“Não perca a ajuda dos astros”

Lembrou-se das palavras da Madame Zora e, confiante, tirou sua roupa e se dirigiu ao chuveiro, onde já estava Matheus.

“Eu sou vamp! Virgem, mas isto vou resolver agora!”

O que aconteceu naquela noite e em outras eu não posso revelar, pois os virginianos e escorpianos são os signos mais discretos do zodíaco. Posso garantir que aconteceu muita coisa.

Madame Zora nunca se enganava.

Matheus cada vez mais apaixonado, e Priscila cada vez mais empoderada. Viajaram, dançaram, namoraram muito, brigaram, voltaram e planejaram uma vida a dois, como naqueles romances vagabundos.

Hoje são casados e pais de dois meninos gêmeos de libra. São felizes e todos os anos fazem seus mapas astrais com Madame Zora, que foi a madrinha do casamento, formando par com Ciro. Priscila atrasou duas horas para entrar na igreja porque estava com medo de Matheus dizer não diante do padre, enquanto a astróloga praguejava em frente a Santo Antônio, pois perderia a sua novela por causa do chique da noiva.

Mesmo com um barrigão de cinco meses de gravidez, ela estava linda como nunca estivera.

LIBRA

Sinéia Rangel, nasceu em Mutuípe, no interior da Bahia. Encontrou nos livros o passaporte para um mundo de sonhos e fantasias que transformaria a sua vida. Geminiana de carteirinha, seria difícil não viajar além das histórias criando e recriando enredos, assim, passou a escrever e dar forma aos inúmeros pensamentos que habitavam em sua mente. É autora de: “Rafani” e “Borboletas na Janela”, psicóloga, bookaholic, cinéfila, chocólatra e musicólatra, além de amante de rock, poesias e histórias de amor.

Um amor como nos filmes

Inacreditável!

Essas coisas só acontecem comigo.

Como vou dizer ao príncipe herdeiro que a sua noiva desistiu do casamento e fugiu levando o meu carro?

Era para ser um trabalho memorável. Fui cuidadosa nos mínimos detalhes, fiz questão de estar presente no dia da cerimônia para ajudá-la a vestir-se e garantir que estivesse impecável no vestido que desenhei e arrematei com minhas próprias mãos e a cretina, que ninguém me ouça, decidiu fugir só porque viu um vídeo do noivo curtindo a despedida de solteiro.

E ainda levou o meu carro!

Princesa uma ova!

Vadia, isso sim.

O castelo é enorme e estou entrando em pânico à medida que avanço pelos corredores revestidos com madeira e quadros em molduras de ouro com fotografias dos antepassados da família real.

O que será que o príncipe herdeiro fará comigo quando descobrir que deixei a sua futura esposa fugir?

Será que eles têm calabouço?

A cerimônia terá início em cinco horas, o que significa que preciso encontrá-lo, contar que não haverá casamento e dar o fora antes que a notícia se espalhe e a corte real decida me acusar de cumplicidade.

Por que tinha que concordar em levá-la para dar uma volta? Podíamos ter sentado em um dos coretos ou bancos e tê-la convencido de que o vídeo não significava nada, ele estava apenas curtindo seu último dia de solteiro, mas não, bastou ela me olhar com os olhos lacrimejantes e todos os meus argumentos desapareceram, apenas acenei em concordância, busquei um uniforme no armário dos empregados e a guiei para fora do castelo.

O que ganhei em recompensa?

A linda princesinha ficou parada ao lado da porta do carona esperando que eu fosse abri-la. Logo, a idiota aqui desceu do carro e foi abrir a porta para a Sua Alteza, que retribuiu saltando para o banco do motorista e dando partida, enquanto *euzinha* gritava para ela parar. O que é óbvio, não aconteceu.

Se eu coloco as minhas mãos naquele *pescocinho* real, ela vai aprender a não irritar uma libriana.

— Arghh! — bufo irritada.

A culpa de estar nesta enrascada é minha. Quem mandou nascer quando o sol estava em libra? Minha vida seria tão mais simples se conseguisse dizer não algumas vezes.

Não foi dessa vez que consegui driblar a minha necessidade de deixar todos felizes. A encrenca está armada e preciso me safar.

O castelo está dividido em alas, até onde sei, o príncipe herdeiro está na ala norte, assim como outros membros da família real. Eu não tenho acesso aos seus aposentos, todavia, não herdei apenas a diplomacia, elegância e indecisão de libra, a determinação é um dos meus pontos fortes.

Só havia um problema, estava em um castelo e quanto mais salões atravessava, mais salões surgiam. Como não podia sair perguntando onde era o aposento do noivo, descobri onde ficava a cozinha; e que cozinha! Havia uma média de cem funcionários transitando por ali e com espaço de sobra.

Como não sou de ferro e os aperitivos estavam com uma aparência divina, consegui provar alguns antes que um rapaz, que não aparentava ter mais de vinte anos, me conduzisse na surdina a entrada da ala norte.

É bom saber que, mesmo tendo alcançado a marca dos trinta, bastava um sorriso doce, o que é fácil com meus cachos loiros e olhos azuis tão angelicais, acompanhado de um sutil balançar de pernas e *voialá*.

Todavia, o garoto estava morrendo de medo de ser flagrado, o que nos levou a trocar o elevador por lances e mais lances de escada. O aposento da Sua Alteza ficava no terceiro andar. Terceiro! Estava na metade da escadaria sem fim quando chutei de lado a elegância e desci do salto. Literalmente.

O garoto me indicou a porta que me levaria até o príncipe herdeiro, entretanto se recusou a me acompanhar; acho que os trinta anos estão começando a pesar, penso frustrada.

Sozinha, exaurida e segurando os sapatos nas mãos, abri uma pequena fresta das portas duplas em madeira maciça. Quase coloquei um pulmão para fora para consegui, de tão pesada que era. Nenhum guarda à vista. Esgueirei-me para dentro do cômodo e fechei-a cuidadosamente, evitando fazer barulho.

O que me traz para o momento presente. Estou diante de um lustre esplendoroso que ocupa o centro da sala. Cortinas suntuosas revestem parte das paredes e um quadro de grandes proporções ocupa uma parede inteira, exibindo a árvore genealógica da Família Real. Abismada e um tanto assustada com a quantidade de olhos me encarando, esqueço que não deveria estar aqui. Neste momento sou surpreendida por uma mão no meu ombro.

— Quem é você? — A voz grave, com um sotaque sensual, sussurra no meu ouvido.

— Eu — viro abruptamente e não sei mais o que ia dizer, porque o sujeito me olha com uma altivez que beira a afronta.

Ele é um homem alto, cabelos castanhos, cavanhaque bem desenhado, nariz afilado, ossos das maçãs do rosto levemente proeminentes, olhos claros, algo entre o verde e o cinza e um olhar de superioridade que me deixa nervosa.

— Você? — diz, estreitando os olhos.

— Eu... — deixo escapa um suspiro. — Eu preciso falar com o príncipe herdeiro.

— Impossível.

— Preciso vê-lo o quanto antes.

— Você não é irlandesa — comenta, correndo os olhos pelo meu corpo.
— E o príncipe herdeiro é certinho demais para se envolver com uma aventureira.

— Como é? — retruco furiosa.

— Americana, claro — sorri, ignorando a minha reação de fúria. — Parece que você se esforçou muito para estar aqui — comenta, apontando para os meus pés descalços.

— Se você não vai me ajudar a falar com o príncipe herdeiro, saía da minha frente!

— Não disse que não vou ajudá-la — argumenta.

— Você vai?

— Ainda não decidi — resmunga, dando-me as costas.

— Por favor — apelo.

— Se você se ajoelhar... — ele pausa, vira-se para mim e alisa o cavanhaque. — Vou pensar que você está com segundas intenções.

— Você é... um... — engulo minha raiva, porque não sei quem diabos ele é. — Você não vale o meu tempo. — Dou de ombros e avanço em direção a um corredor.

— Tem certeza de que está escolhendo certo?

O toque de ironia não passa despercebido, mesmo assim interrompo minhas passadas, porque ele descobriu a minha fraqueza. Não sou boa em fazer escolhas e menos ainda quando alguém as questiona, isto me desestabiliza.

— Sinto muito se você quer jogar, não tenho tempo para sentar e brigar. A menos que você queira assistir a um escândalo envolvendo a Família Real, preciso encontrar o príncipe herdeiro.

— Você me comparou a um cachorro? — Ele franze o cenho.

— Quem sabe não lhe dou um biscoito se você me ajudar? — provoco.

— Se depois a gente brincar de deitar e rolar, estou dentro. — Ele dá um sorriso, enquanto os olhos sustentam os meus e sinto um arrepio na base do meu pescoço.

— Você está pensando que sou...

Não tenho tempo de reagir. De repente ele vem andando, suas mãos deslizam na minha lombar e a respiração me invade, assim como seu cheiro. O que ele está fazendo?

— Coopere comigo — murmura e no segundo seguinte seus lábios cobrem os meus.

Ele não encontra resistência e não para no selinho, envolve-me numa teia de carícias, o polegar movendo-se em círculos na base da minha coluna, provocando um formigamento no ponto onde toca a minha pele. A sua língua recorta os meus lábios, procurando uma brecha e, involuntariamente, entreabro-os.

Solto os sapatos. Meus braços, que até então estavam inertes, se erguem e agarram-no pelos bíceps. Um grande erro, porque ao sentir a rigidez da sua musculatura, meus pensamentos vão para outra parte do seu corpo. Parecendo ler a minha mente, ele espalma uma das mãos na minha bunda e me aperta contra sua pélvis.

Um resmungo em gaélico me impede de aumentar o nível de estupidez das minhas ações. Não falo o idioma, mas o ouvi bastante nas últimas horas para reconhecê-lo.

O sujeito que me agarrou e que agarrei de volta, em um momento de completa insanidade, interrompe o beijo, no entanto não me solta, permanecendo com as mãos e os olhos firmes em mim e roçando os meus lábios responde, também em gaélico, ao seu interlocutor, que nos deixa a sós em seguida.

— Nunca mais faça isto. — Dou um tapa em seu rosto.

— Você preferia ser escoraçada do castelo? — pergunta, indiferente a minha rispidez. — Não seja por isso, posso resolver — diz, afastando-se e elevando o timbre.

— Por favor, a futura duquesa fugiu — revelo, desejando que seja o bastante para convencê-lo a me ajudar.

— O quê? — Ele sorri. Não, ele gargalha. — Dara fugiu?

— Se Dara for o nome da noiva do príncipe herdeiro, a resposta é sim. E quem é você?

— Sua única chance de chegar a ele. — O homem a minha frente dá de ombros. — E o que você tem a ver com a fuga?

— Nada — apresso-me em dizer. — A não ser o fato de ela ter roubado o meu carro — confesso, timidamente.

— Dara roubou o seu carro? — Ele solta uma risada alta. — Você precisa me contar tudo em detalhes.

— Não tenho tempo para a sessão de *stand up*. — Pego os meus sapatos no chão.

— Vamos, quero ver a cara do Sean quando souber que a preciosa Dara deu no pé.

— Sean?

— Sua alteza. — Ele revira os olhos.

— Quem é você? — insisto.

— Ninguém — retruca, me arrastando por uma porta a nossa esquerda, a qual nem havia notado.

Entramos em um cômodo muito similar ao anterior, mas ao invés do quadro, há espelhos, um grande sofá, estilo vitoriano e um carpete recobrimdo todo o piso.

— Você vai esperar no meu quarto — diz, destrancando outra porta e apontando para o seu interior.

— Não! — Cruzo os braços. — Primeiro você me beija, depois quer que eu entre no seu quarto. Qual o próximo passo?

— O próximo terá que ficar para depois, se quisermos impedir que o príncipe herdeiro seja humilhado publicamente.

— Você é sempre babaca assim ou é uma ocasião especial?

— Estou me esforçando por você. — Ele pisca. — Entre, vou buscar o Sean.

— Se você tentar algo...

— Você vai me dar outro tapa, entendi.

— Não, vou fazer pior. — Abaixo os olhos para as suas calças, para que não reste dúvidas sobre o que estou falando.

— Você é encantadora. — Ele segura minha mão e a beija.

— Você é estranho — comento, entrando no quarto.

O sujeito misterioso e de beijo irresistível fecha a porta e me deixa sozinha em um lugar que poderia abrigar meu apartamento, *atelier* e loja. Seja quem ele for, ninguém é a reposta errada.

O quarto é requintado e luxuoso. O que eu esperava? Estamos em um castelo. Móveis em estilo vitoriano, cama com dossel, um frigobar próximo da cama, muitos travesseiros e tantas portas que não sei mais por onde entrei. Diferente do restante do castelo, ali as paredes são revestidas de pedras e toda a decoração em tons terrosos.

— O que de tão importante você tem para me contar?

Viro a tempo de ver o meu desconhecido afastar-se da porta que acabara de abrir, revelando o príncipe herdeiro.

— Vossa Alteza — faço reverência.

— Não, por favor — diz o sujeito.

— Jonathan, não tenho tempo para os seus trotes — pontua o príncipe herdeiro, dando-nos as costas.

— Jonathan? — Olho-o perplexa. — Você é o Lorde Sinclair? O caçula da Família Real?

— Não faça um caso com isto — pede, tocando o meu braço. — Sean, melhor ficar e ouvir o que a Srta... — Ele me olha, pedindo que me apresente.

— Campbell.

— Isto, a Srta. Campbell tem informações sobre Dara.

— O que houve com ela? — O príncipe herdeiro gira nos calcanhares e me olha aturdido.

— É complicado. — Aperto os lábios.

— Ela fugiu — diz Jonathan.

— Deixe-a falar, irmão.

— Estou ansioso. — Ele dá uma piscadinha.

— Sou a estilista que fez o vestido de noiva da futura duquesa de Hamilton. Vim para ajudá-la com os ajustes finais, então ela recebeu um vídeo e ficou desolada. Ela me convenceu a levá-la para dar uma voltar e pensar sobre o casamento, mas me enganou, pegou o meu carro e deu o fora.

— Dara desistiu do casamento por causa do vídeo? — pergunta o lorde, sem conter a gargalhada.

— Que vídeo? — questiona o príncipe herdeiro.

— Fiz um vídeo ontem, do trote com as garotas — o outro responde, debochado.

— Você enviou um vídeo do trote que armou para mim? — O príncipe soa enfurecido e avança na direção do lorde.

— Era uma piada. — Ele ergue as mãos, sem esconder o sorriso de paspalho. — Que culpa tenho se vocês não têm humor?

— Que tipo de piada é essa? — pergunto confusa.

— Você precisa entender que na nossa posição é comum casamentos por conveniência e nesses casos os contratos pré-nupciais asseguram ao noivo o

direito de ter amantes no castelo.

— Como é?! — exclamo.

— Você sabe que nos amamos, Jonathan, não é um casamento de aliança.

— Parece que sua noiva não tem tanta certeza — ele debocha.

— Desculpe-me, mas por que raios você faria isto? — inquiri.

— Diversão. — Ele dá de ombros. — Não pensei que Dara fosse dar o fora.

— Você vai trazê-la de volta! — O príncipe herdeiro aponta o dedo no rosto do lorde.

— Olhe como você fala comigo — ele adverte, sem nenhum tom de brincadeira na voz. — Irei atrás dela se, e somente se, a Srta. Campbell for minha acompanhante no casamento.

— Não posso permitir, seria um desrespeito a nossa família você aparecer de braços dados com uma desconhecida.

— Então explique aos nossos pais que não haverá casamento.

O príncipe herdeiro cerra os punhos e os olhos, ficando frente a frente com o irmão. Eles têm a mesma estatura e cabelos no mesmo tom, são as únicas semelhanças, o príncipe herdeiro tem o maxilar destacado pela barba bem-feita e os olhos verdes. Ambos são lindos e ficar no quarto com eles disputando o poder está mexendo com as minhas ideias.

— Se for com ela, você terá muito o que explicar.

— Problema meu.

— Problema seu.

— Vossa Alteza, perdoe-me, mas não vou para lugar nenhum com ele. — Aponto para o lorde.

— Gostei dela — diz, sorrindo para o irmão.

— Não se preocupe, tenho algumas horas para convencê-la a aceitar o meu convite — comenta o lorde. — Vamos rastrear seu carro pelo GPS e encontramos minha cunhada dramática.

— Se é um convite, posso recusá-lo.

— Claro, nunca a obrigaria.

Estava começando a me arrepender de ter concordado em acompanhá-lo

na caça à noiva. Primeiro porque enquanto estava no seu banheiro para me recompor, antes de iniciarmos a caçada, abri uma das gavetas para procurar um *band-aid* para colocar no meu calcanhar e encontrei alguns itens interessantes, que ataçaram a minha curiosidade.

Segundo que andar ao lado dele pelos corredores do castelo era desconcertante, não andávamos dez metros sem que alguém o cumprimentasse, fazendo-me lembrar do meu comportamento inapropriado. Eu beijei e estapeei um lorde. Como alguém pode cometer tantos erros em tão pouco tempo?

Nós fomos para uma garagem subterrânea, onde havia uma coleção de carros, dos clássicos aos esportivos. Fiquei surpresa quando ele escolheu uma McLaren F1 e mais surpresa ainda quando ele abriu a porta para mim.

— Eu sinto muito — murmuro quando ele entra no carro.

— Por que você está se desculpando? — Ele franze o cenho.

— Por tudo, eu acho. Você é... desculpe-me de novo, Lorde Sinclair. Não sabia quem era, não deveria tê-lo...

— Srta. Campbell, pode me chame de Jonathan.

— Chloe — digo.

— Odeio toda essa baboseira de nobreza, então se você puder voltar a me tratar como um babaca qualquer, agradeço.

— Não se esforce muito. — Sorrio.

— Aperte o cinto. — Ele pisca.

O motor da McLaren roncou alto e Jonathan pisou firme no acelerador. Não voltamos a falar até termos deixado o carro. Encontramos o meu estacionado em um parque e deduzimos que Dara não teria se afastado.

— O que você gosta de fazer, Chloe?

— Muitas coisas. — Dou de ombros.

— Interessante. — Ele zomba. — Rock ou ópera? Esportivos ou clássicos? Filmes ou livros? Sexo casual ou romance?

— Não sou boa em fazer escolhas — confesso. — Acho que escolher nos engessa. Por que tenho que gostar de *rock* ou ópera? Por que não posso apreciar ambos?

— Exatamente! — exclama, como se estivesse fascinado com a minha

resposta. — Por que se limitar quando o mundo nos oferece tantas possibilidades?

— Como a possibilidade de causar um alvoroço no casamento Real?

— Ou a possibilidade de desfrutar de uma noite inesquecível ao seu lado.

— Você é bom com as palavras.

— É o que dizem, mas dizem muitas coisas, Chloe — comenta, movendo a mão no ar. — Você deve ter ouvido muitos comentários sobre o “*lorde baderneiro*”, a ovelha negra da Família Real. — Ele aponta para si. — Minha mãe diz que nascemos com o nosso destino traçado, que o alinhamento dos astros influencia a nossa personalidade, a forma como enxergamos a vida e até o modo como amamos.

Jonathan interrompe a caminhada quando estamos passando por um trecho sobre uma ponte, ele se aproxima do peitoril e apoia as mãos na barra de madeira. Indecisa, permaneço parada no meio dela, observando-o de costas.

— Não devemos continuar procurando-a?

— Se quiser, vá sozinha — diz ríspido.

Aproximo-me e olho para o nosso reflexo no lago. Eu estou andando por aí com um lorde que muda de humor mais rápido do que as minhas decisões.

— Você tem algum tipo de transtorno de personalidade?

— Se você perguntar para minha mãe, ela vai dizer que sim, geminiano com ascendente em capricórnio — comenta, fazendo-me rir. — O que é engraçado?

— Libriana com ascendente em capricórnio. — Levanto a mão. — Não sei qual odeio mais.

— Não entendo nada de signos, mas a minha mãe fez mapa astral de todos os filhos e o meu é o que mais a preocupa.

— Gêmeos com ascendente em capricórnio parece, no mínimo, uma combinação perigosa.

— Sim, é algo chamado de contra-antiscia, são signos opostos, de natureza que se repulsam, então se gêmeos por si só é um signo dual, combinado com capricórnio, a inconstância e ambivalência assumem proporções assustadoras. Toda vez que aprontava quando criança, minha mãe repetia que era culpa da contra-antiscia, eu logo aprendi, mas não sabia falar corretamente e dizia

contra-anticristia, o que depois virou “anticristo”, para loucura da minha avó — conta, olhando para a água e sorrindo, como se as lembranças estivessem refletidas no lago.

— Coitada da sua avó — digo entre risos. — Sei um pouco sobre ser inconstante — emendo. — Imagine como é ser estilista e indecisa, você tem ideia de quantos *croquis* desenho para fazer um único vestido?

— Odeio com todas as minhas forças os “protocolos reais”, é cansativo e repetitivo, tenho a sensação de estar perdendo tempo. Gosto de me sentir livre, de viver o momento, fazer o que quero.

— Vem daí a sua fama de “*lorde baderneiro*”?

Ele balança os ombros.

— Nosso tempo está acabando. Vamos andando?

Concordo e voltamos a caminhar.

— Tenho uma possível noiva, um casamento por aliança. Meu pai acha que como o acordo nupcial me permite sexo casual com quantas amantes queira ter, ambos sairemos ganhando.

— Você não está feliz com esse acordo?

— Você estaria? Passar a sua vida ligada a uma pessoa que não significa nada para você? O fato de não ser alguém afetivo, não significa que eu não tenha sentimentos.

— Você perguntou se prefiro sexo casual ou romance. — Olho de soslaio para ele. — Quero um romance, se possível de cinema. — Sorrio tímida. — No entanto, nunca tive uma relação que não fosse sexo casual, porque sou afetivamente fria, não consigo revelar as minhas emoções.

— Você nunca teve um namorado?

— Não — confesso. — Tive um amigo com quem fiz sexo casual por muitos anos, mas sempre foi isto, embora o ame, descobri que é um amor diferente. Inacreditavelmente, ele ter se apaixonado me libertou, percebi que o que sentia por ele não era nem de longe parecido com o amor que ele tinha encontrado. Hoje, ele está casado há seis anos e sou madrinha da sua filha caçula.

— Como é o amor que ele encontrou? Aquela é a Dara? — pergunta, segurando-me pelo braço.

— Sim, peguei um uniforme para ela sair disfarçada.

— Ainda quero saber como ela roubou o seu carro.

— Libra tem um defeito terrível, que esqueci de mencionar, não consigo dizer não.

— Mesmo?! — Ele dá um meio sorriso.

— Sim, é uma coisa bem estúpida, mas libriano tem uma necessidade de agradar e deixar todos felizes nos impedindo de dizer um simples não.

— Você vai comigo ao casamento? — pergunta, levantando a sobrancelha.

— Por favor, Chloe, ajude-me a suportar o tédio que será essa cerimônia.

— Isso não se faz — argumento. — Você está usando uma informação que lhe dei contra mim.

— É a contra-antiscia. — Ele pisca. — O diabinho sentado no meu ombro é incansável.

— Primeiro precisamos convencer a sua cunhada a voltar para o castelo.

— Se eu conseguir fazê-la voltar, você concorda em ser a minha acompanhante?

— Você tem dez minutos, se o seu tempo expirar, o nosso acordo estará desfeito — proponho.

— Teremos uma noite inesquecível, Chloe — afirma, meneando a cabeça.

Nós nos aproximamos do banco onde Dara está sentada, com uma caixa de *donuts* no colo, comendo e chorando. O rosto todo lambuzado.

— Se meu irmão a ver neste estado, vai desistir do casamento.

Dara esfrega a palma da mão na boca, limpando-se e olha na minha direção.

— Peguei um dinheiro no seu carro, depois devolvo.

— De duquesa à ladra? Por que você está sentada aqui se empanturrando de *donuts* e chorando?

— Jonathan, vá para o inferno! — diz, com olhos raivosos. — Sei que foi você quem convidou aquelas mulheres.

— Óbvio que fui eu. — Ele estende o celular para ela. — Você deveria confiar mais no seu futuro esposo.

— Para que eu quero isso?

— Dê play no vídeo, este está completo e você vai vê-lo saindo e deixando as garotas sozinhas.

— Você é inacreditável! — Ela levanta, deixando cair a caixa de *donuts* e soca o peito dele. — Como pôde?

— Foi uma piada, Dara! — Ele segura os punhos dela. — Você está me sujando. Vai voltar para o castelo e casar com o meu irmão ou não?

— Claro que vou! E vou lhe obrigar a passar toda a noite de braços dados com a prima Fiona, a minha vingança por essa piada idiota.

— Desculpe-me, duquesa de Hamilton, o seu desejo não é uma ordem. — Ele pega a minha mão, deposita um beijo e entrelaça nossos braços. — Tenho companhia e a certeza de uma noite memorável.

De volta ao castelo, fiquei com Dara, enquanto Jonathan desapareceu pelos corredores.

Não conseguia tirá-lo dos meus pensamentos, lembro-me do beijo, da conversa à beira do lago, da promessa de uma noite inesquecível, mas não acredito que ele vai voltar para me acompanhar.

Quando termino de vestir a noiva, deixo-a com a cabeleireira e saio sorrateiramente. Corro para o carro, sentindo os meus olhos embaçados por lágrimas.

Não vou ficar mal por um estranho, isso não vai acontecer. É este lugar, só pode ser, preciso cair fora e logo o esquecerei. Puxo a chave da bolsa e, quando ergo os olhos, eu o vejo recostado na porta do carona, segurando um vestido de galã.

— É uma piada?

Jonathan deixa o vestido no capô e elimina a distância entre nós. Ele enlaça minha cintura, furtando-me um suspiro e acaricia os meus lábios.

— Um romance de cinema começa com um beijo? — murmura.

— Não. — Sorrio. — Começa com uma discussão.

— Um tapa?

— Com certeza. — Circundo seu pescoço.

— Você não respondeu, como é o amor que o seu amigo encontrou?

— Digno de cinema.

Ele sorri, levanta-me do chão e me beija.

Como nos filmes!

ESCORPIÃO

Bianca Sousa é libriana com ascendente em leão. Ar e fogo respectivamente. Combinação interessante, não?! Romântica por natureza, também adora uma aventura de tirar o fôlego. Escritora de fantasia, romance e terror, gosta de diversificar os temas e gêneros de suas obras literárias. Autora de: “Eterna: o som do amor” (best-seller da Amazon em 2014), “O canto do cisne”, “Laços”, “Réquiem”, entre outros. Mora em São Paulo com o marido, os dois cachorros e um gato.

Escrito nas estrelas

Assim que abriu os olhos naquela manhã ensolarada de março, a tristeza arrebentou-lhe o coração como uma onda quebrando à beira mar. Mariana deu um longo suspiro antes de se levantar da cama e checar o celular que deixara carregando durante à noite, só para constatar que hoje era o dia mais detestável do ano.

Seu aniversário e também o aniversário de morte da sua mãe.

Passou a mão pelo rosto para tirar o amassado de sono e em seguida colocou os óculos a fim de ler o que os astros reservaram para ela. Foi direto em *Peixes* no aplicativo de horóscopo que tinha baixado:

“Emoções a mil! O dia promete surpresas. Alguém do passado pode retornar.”

“Ok” pensou, ressabiada. Em seguida, no mesmo aplicativo, leu o ensinamento do dia:

“O escorpião pediu ao sapo que o levasse através do rio. Temendo ser picado durante a viagem, o sapo nega. O escorpião sabiamente argumenta que se picasse o sapo, estaria condenando os dois a afundar no rio. Por fim, o sapo concorda em atravessá-lo, mas no meio do caminho o escorpião o ferroa. Quando perguntado por que fizera isso, o escorpião responde: esta é a minha natureza.”

Sem palavras, resolveu checar a previsão do tempo para ver se seria melhor do que as outras que acabara de ler.

“Previsão do tempo: Sol forte durante todo o dia e tempestade à noite.”

“Chuva. Estrada molhada. Carro derrapando. Sua mãe... morta” os pensamentos inoportunos pipocavam em sua mente e, não conseguindo conter a torrente de emoções, chorou. *“Perdoe-me, mãe”* pediu enquanto soluçava. Queria tanto a ter impedido de entrar naquele carro ou estado lá com ela... talvez pudesse tê-la salvado.

— Querida, os pães estão fresquinhos! — o pai gritou da sala enquanto fechava a porta com os pés, pois as mãos estavam ocupadas. — Feliz aniversário, filha! — acrescentou, por fim, se dirigindo à cozinha.

A rotina de pai e filha era sempre a mesma, porém agradável. Mariana podia imaginar o pai voltando com os pães recém-assados e o jornal do dia debaixo do braço — porque era das antigas e detestava excesso de tecnologia —, indo direto para a cozinha passar café preto bem forte, como ambos gostavam.

— Jááá vo-vou, pai — gaguejou a resposta numa tentativa fracassada de ocultar o choro. Correu para tomar banho, pois logo teria que ir para o trabalho também.

Na cozinha, Sr. Pascoal chacoalhava a cabeça, triste demais para dizer alguma coisa. Pedir à filha que não chorasse, já era batido demais, além de falso. Ele mesmo chorara um pouco ao acordar. Não era fácil ser viúvo, já faziam seis anos da morte de sua amada esposa, mas ainda sentia muito a falta dela. Porém como pai decidiu fazer as coisas diferentes desta vez.

Quando a filha entrou na cozinha, fingiu que lia o jornal enquanto bebericava o café. Precisaria ser convincente para que ela aceitasse o que ele tinha em mente. Deliberadamente, tirou os olhos do artigo para encarar Mariana do outro lado da mesa se servindo de café e de um pedaço de pão.

— Como se sente com 21 anos?! — perguntou, sorridente.

A jovem pousou a xícara de café com o máximo de cuidado em cima da mesa, antes de sussurrar um “Normal...”. O pai não se intimidou:

— Estava pensando hoje em...

— Sem presentes, pai! — Mariana o interrompeu.

Ele riu por sob o bigode felpudo.

— Deixe eu terminar de falar, *apressadinha*! — Deu uma bronca leve porque queria um clima tranquilo. Continuou: — Quando der o horário na livraria, espere por mim. Quero levá-la para jantar.

Mariana deixou os ombros caírem em derrota.

— Isso é burlar a regra. Já disse, sem presentes!

— E já está mais do que na hora de darmos um passo adiante. Não acha?
— Como ela permaneceu quieta, ele continuou: — Sua mãe ia gostar disso.

Então, por favor, vamos festejar o seu aniversário.

Mariana teve dificuldade para engolir o café, parecia ter se solidificado. A verdade na ponta da língua prestes a ser dita em voz alta:

— Eu não mereço.

O pai se empertigou na cadeira, deixou o jornal de lado.

— Não diga uma bobagem dessas!

— Se mamãe não tivesse ido buscar o presente que eu tinha pedido... ela não teria sofrido o acidente de carro que a matou. Se eu tivesse lido a droga da previsão para *aquário*... eu poderia tê-la salvado.

— Foi um acidente! — O pai rebateu, já cansado daquela história.

Mariana acreditava piamente que poderia ter impedido o acidente se tivesse lido o horóscopo da mãe antes que ela saísse de casa. Ela se lembrava dos dizeres até hoje:

“Cuidado redobrado! Mercúrio pede para ser mais cauteloso. Talvez ficar em casa seja uma boa opção.”

— Ela não teria morrido por causa de um presente idiota! — Amargou a verdade, já aos prantos. Lá se ia o controle emocional outra vez...

— Agindo assim, você faz a morte dela ter sido mesmo em vão. Não percebe que a vida da sua mãe era fazer nossa família feliz? E veja como você retribui.

Surpresa, Mariana tentou conter o choro. Detestava fraquejar por qualquer coisa, mas ela era assim, afinal de contas. Emotiva demais e gentil demais para responder com um “não” bem seco como gostaria, então disse:

— Tenho aula na faculdade hoje.

— Faltar um dia não fará mal às suas notas.

— Que péssimo exemplo você é — ela disse para aliviar a tensão e funcionou. O pai sorriu debaixo do bigode.

— Então, espere-me na livraria quando acabar o expediente. Passo lá para pegá-la.

— Está bem — falou derrotada, mas se sentindo um tiquinho mais feliz. Saber que o pai não a culpava de maneira nenhuma pela morte da mãe sempre a fazia se sentir melhor com ela mesma.

Já na rua, a caminho do trabalho, Mariana andava de fone de ouvido

aproveitando sua banda de *Rock Indie* favorita no Spotify, os *Popcons*. Além dessa paixão, era viciada em livros, achava-os bem mais interessantes do que a vida real. Enquanto lia, podia estar e ser, onde e quem, ela quisesse. Um passaporte mágico para bem longe da sua vida triste e sem graça. Amava tanto os livros que decidiu estudar Letras na Universidade. Pouco tempo depois, conseguiu um emprego na *Livraria do Bairro*, pertinho da sua casa. Gostava particularmente do trajeto porque podia ser espectadora do mundo — a música dos *Popcons* servindo de trilha sonora.

Cumprimentava os vizinhos conhecidos, ria das carinhas sonolentas das crianças que estudavam no período matutino entrando nas peruas escolares, acariciava a cabeça dos cachorros de idosos que podiam levá-los para passear àquela hora, enquanto o ônibus passava na rua lotado de pessoas indo trabalhar. Mariana sabia da sorte que tinha por trabalhar perto de casa e com aquilo que mais amava.

Tudo bem que não ganhava lá essas coisas, mas se divertia à beça. Como agora, por exemplo, enquanto arrumava a vitrine, pôde ouvir de perto a conversa de sua amiga de trabalho Beca com um cliente:

— Estou procurando... — Ele pausou a frase no meio, um pouco perdido, tentando se lembrar de algo. — Eu me chamo Antônio — disse por fim.

— Eu me chamo Beca. Prazer, Antônio. Qual livro procura?

— Eu me chamo Antônio.

Como boa ariana, Beca não tinha tanta paciência. Uniu as mãos em frente do rosto como se fizesse uma oração. Mariana entendia o significado daquele gesto, ela pedia paciência.

— Certo, Antônio. Preciso que me diga o nome do livro que você veio comprar.

O cliente, já sem paciência, disse enfático:

— O livro que eu procuro é este: Eu me chamo Antônio. Aliás, meu nome é Carlos.

Beca ficou lívida. Visivelmente desconcertada pela gafe, começou a se abanar com um livro que estava na pilha ao lado.

— Oh! É este mesmo! Obrigado — o cliente disse, pegando um da pilha e indo ao caixa.

— Essa vai para o *Hall da Vergonha*! — Mariana disse, vitoriosa.

Era uma brincadeira interna dos funcionários colocar em um quadro branco, que ficava na área de convivência deles, os momentos mais embaraçosos de todos.

— *Até tu, Brutus!* — Beca encenou, levando a mão ao peito como se tivesse levado um golpe fatal.

— Esperei tanto por este momento! Enfim, a vingança tarda, mas não falha. Digo... justiça! — Vangloriou-se cheia de graça.

Beca se aproximou para ajudá-la com o restante dos livros na vitrine. Aproveitou para cutucá-la e dizer:

— Mas nada vai superar “O Robert”.

Mariana abriu e fechou a boca algumas vezes, um claro sinal de revolta ao se lembrar que o livro que o cliente procurava na verdade era “O Hobbit”.

— Ele não sabia a pronúncia correta. Não foi culpa minha, *Eu-me-chamo-Beca!*

— Mas aconteceu com você, por isso continua tão engraçado!

— “Eu Me chamo Antônio” vai fulgurar no topo da lista.

— Nossa... que vingativa você é! Mais parece a minha irmã escorpiana, rancorosa e vingativa!

Falar em escorpião a fez se lembrar da mensagem lida mais cedo. Ignorou o arrepio e decidiu focar no trabalho.

O dia passou rápido e quando Mariana e os demais funcionários viram, já era hora de fechar a livraria. Contudo, o gerente pediu para que ficassem mais um pouco. Gostaria de conversar com cada um em particular. Todos ficaram apreensivos, imaginando se seriam demitidos ou revendo o dia mentalmente em busca de algum erro. O gerente foi chamando um por um, como havia dito que faria, deixando Mariana por último. Como se precisasse de mais um motivo para ficar ansiosa no dia de hoje. Olhou o relógio na parede, logo seu pai passaria para buscá-la para o maldito jantar. Talvez a reunião de última hora não fosse tão mal assim. Poderia usar isto de desculpa para não ir. Pegou o celular a fim de avisar o pai do imprevisto, quando as luzes da livraria começaram a piscar como em um livro de terror.

— Pessoal? — Arriscou. Torcia que fosse alguém brincando com ela.

Lá fora, a noite já caía e o vento de chuva açoitava as janelas da livraria.

— Gente, tem alguém aí? — Tentou mais uma vez, antes de levar adiante a ideia maluca de quebrar a vidraça da loja com um exemplar de *Game of Thrones* para fugir dali.

— SURPRESA!!!!

Foi tomada de assombro quando todos os seus colegas de trabalho apareceram cantando “Parabéns a você” com um bolo confeitado e velas que faiscavam. Com certa confusão, viu seu pai fazendo coro ao fundo. “Trapaçeiro!” pensou, mas o que lhe tirou o ar por completo foi ouvir aquela voz, depois de tanto tempo, sem ser pelos fones de ouvido.

No canto reservado exclusivamente para sessões de autógrafos com autores, a luz forte de um holofote exibia a banda *Popcons* tocando ao vivo para ela. Quando seu olhar se cruzou ao do vocalista, a garganta apertou, os olhos arderam e o turbilhão de sentimentos que achou ter guardado tão bem voltou com força brutal, ruminando suas defesas. Uma lágrima fujona iniciou a choradeira e então Mariana saiu correndo pelas portas do fundo, agora liberada já que todo o pessoal se encontrava no centro da livraria. Pôde ouvir os murmúrios assustados por sua atitude inesperada, contudo, não ousou olhar para trás. Ver a cara de pena deles seria desolador.

Lá fora, olhou para o céu, a chuva começava a cair conforme a previsão do tempo.

— Mari?

Permaneceu de costas, sem coragem de encarar o dono daquela voz que conhecia tão bem, não somente porque a ouvia todos os dias, mas também porque fora íntima dele por muitos anos durante a época do colégio.

— Vá embora, Jorge!

— Não — ele disse, notavelmente embargado pelos próprios sentimentos.

Quando o baixista apareceu no local de ensaio dizendo ter aceitado tocar no aniversário de uma fã, ele e os caras não ficaram nada animados com o trabalho, mas uma vez que o compromisso fora feito, aceitaram ir. Chegando lá, Jorge sentiu uma espécie de intuição, como se algo importante estivesse para acontecer, mas não comentou nada com a banda. Não queria parecer idiota. No entanto, aqui estava ele, em frente à menina que roubara seu coração anos atrás e nunca mais o devolvera.

— Você sumiu.

— Eu disse que seria como se nunca tivesse me conhecido. — Seu tom era mordaz.

Ok. Ele merecia.

— Eu sinto muito — disse sincero, mas não ganhou nada além de silêncio.
— Senti sua falta — acrescentou, esperando despertar nela algo positivo.

Ela suspirou alto, desagradada por ele parecer sincero. A chuva engrossou, o que a fez se abraçar a fim de reter algum calor no corpo molhado. Ouviu os passos apressados dele chegando perto.

— Vamos entrar. Não quero que pegue um resfriado.

— Como se você se importasse.

— Você sabe que sim.

Mariana bufou como quem ri de uma piada sem graça.

No impulso, Jorge se aproximou dela muito mais do que a etiqueta exigia, mais do que a cortesia pedia. Como nos velhos tempos, desejava conferir se ela era real. A mão pairou no ar sobre os ombros dela, as gotas de chuva criando uma espécie de aura dourada em sua volta, por conta da iluminação incidida dos postes de rua. Mariana respirou profundamente — o movimento de encher os pulmões fizera os dedos dele resvalarem na pele desnuda de seu ombro. Ela se arrepiou inteira, virando-se de frente para o cantor.

Jorge arfou com o contato repentino. Sentiu os olhos umedecerem ao vislumbrar a figura delicada e etérea como uma fada. Muito mais linda do que se lembrava. O tecido do vestido colado no corpo cheio de curvas que ele não conhecia. Solto todo o ar que prendera até então. Mariana desabrochava como uma flor na primavera. Riu da própria pieguice. Só ela mesmo para fazê-lo se sentir como um adolescente *apaixonado*. Engoliu a palavra. Não sabia nomear o sentimento que carregava neste instante, só sabia que queria uma chance para dar um ponto final ou uma vírgula à história deles.

— O que faz aqui, Jorge?

Ele se obrigou a ser coerente para responder à pergunta dela:

— Fui contratado para fazer um show privado para nossa *maior fã do mundo todo*!

— Quem o contratou? — perguntou, já imaginando a resposta.

— Beca, sua amiga.

Mariana ficou visivelmente constrangida. Teria uma conversinha com a garota — e seu pai — mais tarde.

— Não fosse isso, acharia que você preferiria tomar chuva a me ouvir cantar.

— Continuo não querendo ouvi-lo. Melhor ir embora.

Jorge deu um longo suspiro exasperado.

— Mari, já faz muito tempo. Deixe isso para lá.

— Para mim, é como se tivesse sido ontem que você quebrou o meu coração em tantos pedaços que achei que nunca mais conseguiria encontrar os restos. Mas é claro que “aquilo” significou nada para você.

O olhar de Mariana era duro, perfurava a alma de Jorge.

— Eu era um otário, ok? Não sabia o que estava fazendo...

Ele procurava com avidez um livro de História do Brasil que pudesse conter todas as respostas que procurava para o trabalho que não fizera e o qual teria que entregar na próxima aula. No desespero, acabou derrubando alguns livros na cabeça de alguém do outro lado da prateleira. Ouviu um “ai” abafado e foi logo pedir desculpas a quem quer que fosse, quando a viu pela primeira vez. “Menina linda” pensou embasbacado. O cabelo longo escondia parcialmente o rosto da menina que tinha olhos expressivos em um tom marrom intenso, feito chocolate derretido, já a boca em formato de coração fazia biquinho sem esforço, como se pedisse um beijo. Naquele instante, sem se dar conta, Jorge caiu de amores.

— Está bem?

— Já me aconteceram coisas piores.

Ele riu, surpreso pelo humor sombrio dela. A garota tinha espírito, apesar de tentar se apagar propositalmente.

— É nova aqui?

— Não.

— Jura? Que estranho! Nunca a vi antes.

— *Estou na sua turma de português e matemática. Realmente é estranho que nunca tenha dado pela minha presença.*

Jorge coçou a nuca em constrangimento.

— Sou meio desligado.

— Deu para notar — disse, como se finalizasse a conversa ali.

Desesperado para continuar, perguntou no impulso:

— O que está lendo?

Ela abraçou o livro, escondendo-o. Jorge achou graça.

— Nada demais — ela disse.

— Então me conte.

— É só um livro...

— Percebi, mas o que quero saber mesmo é o título dele — disse com toda a confiança que não tinha e se sentou ao lado dela sem cerimônia.

Chocada pela ousadia dele — “Quem o tinha convidado?” —, Mariana se endireitou no lugar e um pouco a contragosto mostrou a ele o exemplar surrado de “Mago aos 16”. Jorge pegou-o com cuidado redobrado, folheou algumas páginas notando as dobras de orelhas na ponta delas.

— Aparentemente o antigo dono não fazia uso de marcador de página.

— Talvez não soubesse da existência deles. — Tentou ser engraçado e deu certo. Ela riu. Regozijando-se internamente, ele continuou a vasculhar o livro. Leu a sinopse, contracapa e então surpreendendo a si mesmo perguntou:

— Você me empresta?

Mariana arregalou os olhos, aturdida com a ideia. Como emprestaria seu livro favorito de todos os tempos a um completo estranho?

— Mas eu nem o conheço! — Deu voz aos pensamentos.

Jorge sorriu charmoso com o canto dos lábios, a franja caindo sobre os olhos. Sabia o efeito que isso tinha na maioria das garotas do colégio. Esperava que funcionasse com ela também. Queria muito impressioná-la.

— Aqui — ele insistiu oferecendo a ela um pedaço de folha de caderno rasgada. — Anote seu telefone. Usarei esta folha como marcador de página para não estragar o livro e poderemos trocar mensagens para fins de reconhecimento. Seu “bem” estará em boas mãos. O que acha?

Mariana aspirou bem fundo, “em choque” não era bem seu estado. Encontrava-se mais para morta com farofa mesmo.

— Acho bom — disse por fim.

Depois desse primeiro encontro, passaram a conversar diariamente, fosse por mensagem, fosse nos encontros secretos na biblioteca da escola na hora do intervalo. Quando se encontravam às escondidas para compartilharem suas opiniões sobre as histórias que ela indicava para ele, era como se uma redoma mágica fosse criada em volta dos dois e nada podia perturbá-los. Com o tempo, Mariana percebeu que tê-lo por perto era como se o sol voltasse após uma longa temporada de chuva.

Para Jorge, foi um desafio e tanto. Primeiro porque acabou tirando zero no trabalho de História do Brasil e ficou em recuperação. Segundo porque não gostava de ler e tinha pegado para si a missão de ler aquele calhamaço para impressionar uma menina. “Aonde estava com a cabeça?”, repreendeu-se quando chegou em casa e verificou a quantidade de páginas que teria que encarar, contudo, a história o prendeu de tal maneira que depois daquele livro, muitos outros vieram. A mudança foi visível para seus pais, que vendo o comportamento exemplar do filho, resolveram dar a ele a guitarra que tanto vinha pedindo. Começou a fazer aulas de música e pouco depois montou uma banda com os amigos da escola. Tocava nos intervalos para impressionar os colegas, isso quando não estava na biblioteca com Mariana. Gostava muito de ficar com ela, mas também tinha que manter as amizades. De modo que se revezava entre ela e os caras. Certo dia, porém, pegaram-no de conversa com a “esquisitona da biblioteca”. Quando questionado o porquê, ele disse:

— Tenho pena dela. É por isso.

— Ah, está explicado! Por um momento a gente achou que pudesse estar a fim da esquisitona. Puft! Mas se liga, sabe a Patrícia do 2ºB? Ela está a fim de você. Arrumamos tudo para que ficasse com ela hoje na hora da saída.

Jorge assentiu, suor frio escorrendo pela testa. Tinha uma reputação a zelar afinal, era popular e bad boy. Sua sorte era que Patrícia era mesmo muito gata e não foi nada difícil dar uns “amassos” nela na hora da saída. No dia seguinte, só se falava disso em toda a escola, desviou das conversinhas fiadas e, tentando ser o mais discreto possível, foi procurar Mariana na biblioteca, mas pela primeira vez não a encontrou lá. Na aula de português e matemática também não a viu. As tantas mensagens que ele mandou, ela não respondeu. Desesperado, uma das últimas mensagens que

trocaram foram:

“Pfv, fale cmg” :(

“Pode parar com o teatro. Eu ouvi tudo. Tem pena de mim. Vergonha. Vá ficar com a Patrícia que é o tipo certo para você. Fique tranquilo que vou sumir. Vai ser como se eu nunca tivesse existido.”

“Mari, pfv, me atende!!!” Ele tentou ligar para ela inúmeras vezes após a última mensagem, mas ela nunca o atendeu. Também mudara de escola e assim, perderam de vez o contato.

Voltando ao tempo presente, Jorge questionou:

— Ajuda você saber que me machuca o fato de a ter magoado?

Sem conseguir conter as lágrimas, ela sorriu, mesmo triste:

— Por que eu ficaria feliz com sua desgraça?

— Porque talvez isto atenua a minha sentença.

Ela sacudiu a cabeça em negação.

— Não se trata de vingança, Jorge.

— Eu nunca quis feri-la.

— Claro que não... só o fez porque é isso quem você é. Escorpiano. Traíçoeiro, egoísta e impetuoso.

Incrédulo pelo insulto, respondeu exasperado:

— Eu era um moleque quando aquilo tudo aconteceu, pelo amor de Deus! Será que pode me dar algum crédito? Acreditar que mudei?

— Um escorpião não muda.

— Não sou um escorpião. Sou um homem em frente à uma mulher pedindo outra chance.

“Belas palavras” Mariana pensou, mas tomando coragem disse:

— Sabe porque toda essa merda me quebrou mais do que deveria? Porque eu já estava quebrada muito antes de você aparecer, mas então, quando você chegou, eu pensei que tudo bem reabrir meu coração. Os livros da série que eu lhe emprestei na época foram os últimos presentes da minha mãe.

Jorge emudeceu, ciente do quanto aquele gesto tinha um significado muito mais profundo. A confiança que ela dera e ele perdera.

— Mas isso já não importa mais. É tudo passado, deve permanecer lá, como você disse.

— Peixes e escorpião combinam — falou apressado, tentando a todo custo recuperar o que perdera.

Mariana ficou sem palavras.

— Pois é. Esse é o tipo de coisa que cheguei a fazer porque sabia o quanto isso era importante para você. Não imagina como fiquei feliz quando vi que até o universo conspirava a nosso favor.

Mariana sentiu o coração aquecer, aquele calor já tão conhecido e quase esquecido...

— Não devo.

— Mari, permita-se. Você é tão linda e jovem. Merece tudo o que a vida puder lhe dar. Merece a mim! — brincou, convencido. Ela riu de leve e ele adorou descobrir que ainda podia fazê-la sorrir. — Nós nos reencontramos depois de tanto tempo... talvez seja o universo lhe dizendo para ficar comigo.

Mariana ponderou. Sinceramente, podia estar prestes a fazer a maior burrada de toda sua vida, mas a verdade era que queria aquilo mais do que tudo. Acreditar que podia ser feliz, que merecia.

“Que os astros me ajudem” pediu mentalmente, já perdida no brilho encantador dos olhos dele. Em seguida, mirou a boca máscula que tanto sonhou em beijar e se permitiu fazer o que queria há tanto tempo. Beijou-o com todo o coração. Recebeu de volta tanta ternura e saudade que pensou que desmaiaria.

A chuva já não a incomodava tanto. De repente, havia ganhado novo significado. Reabriu os olhos devagar, absorvendo todas as sensações do momento.

— Talvez você esteja certo. Talvez nossos caminhos realmente estejam escritos nas estrelas.

SAGITÁRIO

Graciele Ruiz é virginiana com ascendente em sagitário, sabe aproveitar a vida, mas sempre com os pés no chão. Apaixonada por livros, desde muito cedo começou a escrever para dar vida às vozes que viviam em sua cabeça. Criadora de mundos utópicos, é autora da série «A Saga de Datahriun» e diversos contos. Nasceu em Campinas, mas atualmente vive em São Paulo, também formada em Ciências Econômicas e atuante na área.

Entrelaços

Samuel colocou um pouco mais de sal e experimentou o molho, fechou os olhos sentindo o gosto em sua boca. Estava bom. Voltou a mexer e olhou para trás, ela continuava sentada na bancada, segurando uma taça de vinho branco que já estava quase no fim. O olhar dela vagava pela cozinha, parou para observar um bilhete na geladeira e sorriu.

— Não sabia que ainda morava com sua mãe — disse ela, pegando a garrafa de vinho e enchendo a taça novamente. — Bem que reparei que aquela decoração na sala não poderia ser ideia sua.

Ele revirou os olhos e voltou a prestar atenção no seu molho. Nada passava despercebido ao olhar de Clara e ela nunca perdia a chance de alfinetar alguém. Deveria ter imaginado que chamá-la para jantar em sua casa não seria uma boa ideia, mesmo com a mãe viajando.

— Sabe como é difícil comprar um imóvel com o salário de *freelancer*... — ele disse, encolhendo os ombros.

Ela assentiu tomando um gole do vinho. Samuel desligou o fogo e colocou o molho no macarrão. Estava muito cheiroso.

— E você? — ele continuou, enquanto levava o macarrão para a mesa. — Está morando onde?

— Jardim Paulista.

Ele arregalou os olhos, mas Clara não percebeu, estava concentrada na comida.

— É mais perto do trabalho — ela completou e Samuel assentiu.

Ele pegou um prato para servi-la. Clara pegou a garrafa, aproximou-se da mesa e encheu uma taça de vinho para ele.

— Ainda está trabalhando com aqueles negócios de investimentos? — Ele perguntou, passando o prato para ela. Clara riu.

— Sim, mas em outro lugar.

Samuel levantou sua taça de vinho e eles brindaram.

— O que você fez durante todo esse tempo? — ela perguntou.

Ele deu de ombros.

— Viajei por aí...

Clara pegou um pouco do macarrão e levou a boca. Estava bom. Um pouco salgado talvez. Limpou o molho que escorria dos lábios com o guardanapo antes de perguntar:

— Por aí onde?

Samuel tomou um gole de vinho.

— Morei seis meses na Irlanda, juntei uma grana e viajei pela Europa, passei pelo Reino Unido, Dinamarca, Alemanha e França, na Espanha meu dinheiro estava quase no fim, então fiquei sabendo de um amigo que estava morando em Portugal, eu fui para lá, ele me arrumou um emprego e fiquei por dois anos.

Ela ergueu a sobrancelha e Samuel continuou:

— Voltei para o Brasil faz seis meses.

Clara assentiu.

— Aproveitou bastante... Sempre quis conhecer a Alemanha.

— Por que não vai?

Ela balançou a cabeça.

— Não lembro qual foi a última vez que tirei férias...

Clara voltou a se concentrar no macarrão, enquanto o olhar do Samuel se concentrava nela. O cabelo castanho ondulado, o tom da pele cobreado, os lábios finos e as unhas bem pintadas de vermelho. Ter Clara em sua frente novamente era como voltar ao passado. Ela continuava igual, mas ao mesmo tempo, diferente.

— Não consigo entender porque a gente terminou...

Clara ergueu os olhos. Samuel engoliu em seco. *“Ele tinha dito aquilo em voz alta? Merda.”*

— Não? — ela disse, erguendo a sobrancelha.

Samuel bebeu um gole de vinho e se recompôs. Tinha que seguir em frente.

— Não mesmo, eu sei que a gente tem algumas diferenças...

— Algumas? — ela interrompeu.

— É, Clara, algumas, mas a gente se divertia *pra caramba*! Você sorria bem mais...

Ela franziu a sobrancelha, encostou-se na cadeira e cruzou os braços. Ele sabia que aquilo não era um bom sinal.

— É exatamente esse o problema, Samuel, você só pensa em se divertir! — Ela ergueu o tom de voz, ele revirou os olhos. — Trinta anos, não tem um emprego estável e mora com a mãe, você acha que é o tipo de companheiro que eu quero para a minha vida?

Samuel balançou a cabeça.

— Por que você tem que ser assim?

— Assim como?

— Tão centrada, preocupando-se com problemas que nem existem. A vida está aí para ser vivida...

— Lá vem você com seu papo de liberdade... — Clara revirou os olhos.

— E imaginar que por causa de uma semana você não nasceu libiana. — Samuel sorriu.

— O quê?

— Libra, o signo.

Clara descruzou os braços e se aproximou. Os pratos em cima da mesa estavam esfriando, mas ele já tinha perdido o apetite.

— Eu sei o que é o signo de libra, mas o que isso tem a ver com esta conversa? — Ele riu.

— Você é tão virginiana que até seu ascendente deve ser virgem. — Ela balançou a cabeça, não acreditando nas palavras dele.

— Isso é ridículo. A gente aqui, discutindo um assunto sério e você querendo falar de signos.

— É aí que está o problema, não era para estarmos discutindo.

— Isso sempre acontece... — Clara suspirou, baixou o olhar e arrumou uma mecha do cabelo atrás da orelha.

Ele se inclinou sobre a mesa.

— O que sempre acontece? — ele perguntou.

Ela sorriu com o canto dos lábios e ergueu os olhos.

— Você me tira do sério.

— E isso não é bom?

Clara balançou a cabeça enquanto pegava uma porção de macarrão. Samuel tomou mais um gole de vinho, em seguida foi a vez dela. Eles ficaram em silêncio por um tempo.

O olhar de Clara vagava pelo cômodo propositalmente evitando encontrar o de Samuel. Ele mantinha o seu fixo sobre ela e isto fazia seu coração acelerar. Às vezes queria que ela se deixasse levar, ser um pouco irresponsável. Mas sabia que isto não iria acontecer, ela se cobrava demais.

— O que você quer, Clara?

— Em relação a quê? — Ela o fitou, confusa.

— A nós. — Ele ergueu os braços.

Clara sustentou seu olhar por um tempo. Samuel sentiu o coração acelerar ainda mais. Queria levantar da mesa, pegá-la em seus braços e beijá-la. Tomou mais um gole de vinho. Não poderia ser imprudente, não queria ir rápido demais para não correr o risco de perdê-la mais uma vez.

— Eu não sei — ela disse por fim.

Samuel franziu a sobancelha.

— Que estranho...

— O quê?

— Acho que nunca a ouvi dizer esta frase. — Clara riu.

— Isto não é verdade.

Samuel sorriu com o canto dos lábios.

— A Clara que eu conheço sempre sabe o que quer.

Ela pegou a taça da mesa e tomou o restante do vinho.

— Talvez eu não seja mais a Clara que você conheceu...

Seus olhares se sustentaram por um longo tempo, Samuel sentiu os pelos arrepiarem e levou os braços para baixo da mesa, para que ela não visse. O silêncio era tão grande que conseguia ouvir os ponteiros do relógio na parede. Em sua mente ele repetia a cena em que se levantava e a beijava, mas

continuava estático, sentado na cadeira. Ele normalmente não era assim. Clara o hipnotizava.

Ela deu um longo suspiro e se levantou da cadeira. Samuel automaticamente fez o mesmo.

— Acho que é melhor eu ir... — ela disse, indo até a bancada para pegar sua bolsa.

Samuel balançou a cabeça, confuso.

— Por quê?

— Está tarde — ela se limitou a dizer.

Ele ergueu o olhar para o relógio que marcava dez e vinte. Sabia que Clara não dormia cedo, então ela só estava arrumando uma desculpa para ir embora. Não podia deixar isto acontecer.

Samuel virou-se para ela, Clara procurava as chaves do carro na bolsa. Ele tinha que pensar rápido, não podia deixá-la ir. Sabia que se perdesse aquele momento dificilmente teria outra chance.

Ele fechou os olhos e por um instante estava sentado no sofá da sua antiga casa com Clara ao seu lado, a cabeça dela apoiada em seu ombro enquanto ele acariciava seu cabelo, cinco anos atrás.

Ela encontrou o que procurava. Colocou uma mecha do cabelo atrás da orelha antes de dizer:

— Obrigada pelo jantar e...

— Eu tive uma ideia!

Clara franziu o cenho e ele percebeu que, mais uma vez, tinha pensado em voz alta sem querer, mas isto não importava agora. Samuel atravessou a mesa e se aproximou dela.

— Melhor guardar suas chaves, você bebeu quase a garrafa inteira, então eu dirijo — ele disse enquanto ia até a sala para procurar a chave do seu carro.

Ela, confusa, o seguiu enquanto dizia:

— Claro que não, eu não moro tão longe daqui. Posso ir sozinha...

Ele a olhou com o canto do olho e sorriu.

— Mas nós não vamos para sua casa...

Ela arregalou os olhos.

— Está maluco?

Samuel achou a chave e se dirigiu até a porta.

— Venha que eu explico no caminho. — Clara bateu um dos pés e cruzou os braços.

— Eu não vou a lugar algum enquanto você não me disser o que está pensando.

Ele suspirou.

— Venha Clara, não estrague a surpresa.

Ela balançou a cabeça em negativa.

— Não gosto de surpresas.

Samuel assentiu vencido e se aproximou dela.

— Lembra-se de quando me contou que nunca tinha visto o sol nascer na praia? Acho que é um bom momento para fazermos isto...

— Bom momento? — ela disse com o tom de voz mais alto do que o necessário. — Você tem certeza de que fui eu quem bebeu demais? Porque não é o que está parecendo aqui!

Ele riu.

— Qual o problema?

Clara ergueu a sobrancelha e deu um passo para trás.

— A gente não pode pegar o carro e ir para praia assim do nada!

Samuel se aproximou.

— Por que não?

— Porque eu tenho responsabilidades, o meu trabalho...

— Clara — ele a interrompeu —, amanhã é sábado, você não trabalha.

Ela, em choque, mantinha os lábios abertos e a expressão confusa.

— Ainda assim, eu não posso...

Samuel deu mais um passo em direção a ela.

— Você pode o que quiser — disse, estendendo uma das mãos em sua direção. — Venha.

Clara olhou para Samuel e em seguida para sua mão estendida. Ele conseguia ver em seu olhar a batalha mental que ela estava travando com seu senso de responsabilidade.

Por dentro, ele só conseguia pensar: *“Por favor, pegue a minha mão.”*

Ela sabia que aceitar aquele convite maluco colocaria em risco muitas coisas em sua vida. Clara suspirou e, revirando os olhos, fechou seus dedos em torno da mão dele. Samuel sorriu.

— Não deixe eu me arrepender — ela disse.

Ele a levou até a porta. Saíram do apartamento e chamaram o elevador. Ele sorria enquanto esperavam, sentia-se estranho, como se tudo isso fizesse parte de um sonho. Apertou a mão dela contra a sua.

Não era um sonho.

Ela estava aqui.

Clara batia os pés contra o chão, impaciente, enquanto esperavam o elevador. Aquilo era loucura. Não tinha outra palavra. Ainda dava tempo de desistir? Ela sentiu a mão de Samuel apertando a sua, levou seu olhar até o dele. Ele sorria, o mesmo sorriso que dava toda vez que se encontravam. O sorriso que a fez se apaixonar. Ela sorriu também. Achava incrível o brilho nos olhos que ele tinha, a vontade de viver, aquela espontaneidade contagiante. Ele não mudara nada.

“Por que eles terminaram, mesmo?”

O elevador chegou e Clara balançou a cabeça mandando os pensamentos embora.

A porta se fechou e eles continuaram em silêncio. Ela conseguia sentir sua respiração acelerando, fechou os olhos por alguns instantes e pensou na coincidência em encontrá-lo naquela livraria na semana passada. Estava distraída, andando pelas prateleiras, tentando encontrar algo que lhe chamasse a atenção e sem querer esbarrou em alguém. Quando virou para se desculpar, ficou em choque e nenhuma palavra saiu.

Qual a probabilidade de algo assim acontecer?

Ela poderia dizer que foi o destino, se acreditasse nessas coisas.

O elevador chegou ao subsolo e eles saíram no estacionamento. Ela notou que eles ainda estavam de mãos dadas. Samuel a levou até o seu carro e abriu a porta para que ela entrasse. Clara sorriu.

— Como se eu já não o conhecesse...

Samuel ergueu a sobrancelha.

— Ah — ele riu de volta —, é que a porta emperra de vez em quando.

Clara assentiu, ele entrou do outro lado e deu partida. Olhou para o ponteiro da gasolina e esperava que fosse o suficiente para chegarem a Santos. O perfume dela já começava a dominar o ambiente. Ele deu ré e saiu do estacionamento.

Chuviscava do lado de fora. Samuel torcia para que o céu cheio de nuvens não atrapalhasse a vista na praia. Ou que a chuva parasse até chegarem lá. Lembrou-se da primeira vez que a encontrou, ela andava apressada até o ponto de ônibus da faculdade, tentando escapar da chuva. Ele se aproximou e estendeu seu guarda-chuva para ela. Clara sorriu e agradeceu, foi a primeira vez que ele ouviu a sua voz.

A chuva era um bom sinal.

Samuel levou a mão até o rádio e o ligou. Ela sorriu e encostou a cabeça no banco.

— Não acredito — ela sussurrou.

Ele encurvou a sobrancelha e olhou rapidamente para ela, antes de fixar os olhos no trânsito novamente.

— O quê?

Clara balançou a cabeça.

— Até parece que você fez de propósito...

— Fiz o que de propósito? — ele insistiu.

— A música, *Scalene* é a minha banda favorita.

Samuel riu.

— Ter bom gosto musical não é exclusividade sua.

Clara sorriu também. Mas não era engraçado ser justamente *Entrelaços* que estava tocando? Sua música favorita, da sua banda favorita. Ela olhou de canto para Samuel. Impossível ser armação, ele não tinha como saber disso e muito menos que ela estaria no carro dele hoje.

Ela virou a cabeça para a janela enquanto ouvia a canção, seus lábios se moviam conforme a letra: “*Em seus braços eu me perco / Entrelaços perigosos? Mas me entrego tão sem medo / Se há risco, é de eterno ser*”.

Clara apertou sua mão contra o banco. Isso estava errado. Eles já tentaram uma vez e não deu certo. Eram tão opostos, com objetivos diferentes não

tinha como funcionar. “*Nem sempre quando há risco é eterno, não é?*”

Ela suspirou e cruzou os braços.

— O ar está gelado? — Ouviu Samuel perguntar.

Clara balançou a cabeça.

— Não, está ótimo.

Ele assentiu. Ela estava muito quieta e isto não era um bom sinal. Daria qualquer coisa para saber no que ele estava pensando.

— Preciso lhe contar uma coisa — ela disse de repente.

Ele ergueu uma sobrancelha. “*Pedido atendido de maneira rápida demais*”, pensou. Só esperava não se arrepender do seu desejo.

— Claro.

Clara respirou fundo. Samuel não gostou da pausa.

— Eu estou noiva.

Com o susto da revelação ele freou. O corpo dela foi jogado para frente de encontro ao cinto de segurança. O carro atrás buzinou, por pouco não bateu.

— Meu Deus, você está bem? — perguntou Clara.

Samuel passou a mão pelo cabelo, respirou fundo. Engatou a primeira e abrindo o vidro para se desculpar com o motorista de trás.

— Desculpe-me. Estou bem — ele disse um pouco abatido.

Clara colocou a mão em seu ombro. Ele a afastou.

— Eu devia ter lhe contado antes.

Samuel riu.

— Você acha?

Clara abaixou o olhar.

— Desculpe-me.

Ele balançou a cabeça.

— Eu não sei o que dizer... — Samuel fez uma pausa, jogou os cabelos para trás mais uma vez e continuou: — O que é que você está pensando, Clara? Qual foi a sua intenção em aceitar o meu convite para jantar?

Ela permaneceu em silêncio. Samuel continuou:

— Eu não estou entendendo mais nada.

Ela abaixou o olhar e respondeu como um sussurro.

— Eu não sei...

Ele riu.

— Ótimo, se você não sabe, imagina eu...

Clara continuou em silêncio. Ele continuou:

— Devo pegar o próximo retorno e levá-la para casa?

— Não! — ela respondeu rapidamente. — A gente deve continuar...

Samuel bateu com uma das mãos no volante.

— Continuar com o quê? Isto não está fazendo o menor sentido.

— Eu sei, não está mesmo! — ela desabafou com os olhos cheios de lágrimas. — Estou de casamento marcado com um cara que tem duas faculdades, um emprego estável, uma carreira maravilhosa pela frente e ainda assim quando eu vi você... Eu...

— Você? — instigou Samuel.

Clara respirou fundo e virou o rosto para a janela olhando as estrelas.

— Percebi que não amo meu noivo.

Ele balançou a cabeça e ligou a seta do carro.

— Tá bom, eu preciso parar, não dá para dirigir assim.

Samuel guiou o carro até o acostamento, ligou o pisca alerta e se virou para Clara. Ela tinha os olhos brilhando e evitava seu olhar.

— Neste momento eu não sei dizer se estou com raiva ou se estou feliz.

Ela sorriu.

— Você deveria estar com raiva.

Samuel levou sua mão até o queixo de Clara e virou seu rosto em direção ao dele.

— Você disse que me ama?

Seus olhos estavam fixos um no outro. O coração dele pulsava tanto que parecia querer pular para fora. Ela suava frio e não conseguia controlar sua respiração com a proximidade deles. Continuaram se olhando por um momento. Os olhos de Samuel desceram para os lábios de Clara e ela sabia no que ele estava pensando. *“Por que ela tinha que ser tão confusa?”*

— Eu não disse isto — ela soltou por fim.

Samuel ergueu seu olhar para os olhos dela novamente.

— Você não pode racionalizar o amor, Clara.

Ela sorriu. Ele tinha razão, era exatamente isto que ela estava tentando fazer. Achar a fórmula mágica do cara perfeito e responsável que a faria feliz. Isto nunca funcionaria, não com Samuel tão perto.

Ela conseguia sentir a respiração dele próximo a dela. O coração do Samuel acelerou ainda mais. Ele levou uma de suas mãos ao pescoço dela e inclinou seu corpo em sua direção. Seus lábios se encontraram como se fosse a primeira vez que se beijavam.

Clara sentiu um arrepio correndo pela espinha, fazia muito tempo que não se sentia assim. Tinha se esquecido de como era essa corrente que passava pelo seu corpo todas as vezes que beijava Samuel. Algo que ela não conseguira sentir com mais ninguém.

Os lábios dela contra os dele tinham um toque macio. O mundo parecia girar em câmera lenta. As mãos de Samuel desceram de sua nuca e passaram por suas costas, até pararem em sua cintura. Ele a trouxe mais para perto.

Seus lábios se separaram e o beijo terminou em um abraço. Ele colocou o cabelo dela para trás da sua orelha e sussurrou em seu ouvido:

— Espero que agora você sabia o que quer.

Ela sorriu e sussurrou de volta.

— Quero você.

Samuel a beijou mais uma vez antes de se separarem. Ele desligou o pisca-alerta e voltou para a estrada.

Clara ainda sentia suas mãos suando frio, um sorriso bobo não deixava os seus lábios enquanto ela pensava que tudo isto continuava sendo uma grande e maravilhosa loucura. Nem queria pensar no trabalho que daria para cancelar todo o casamento e ter que explicar o que aconteceu ou como aconteceu. Balançou a cabeça para afastar os pensamentos. Deixaria este problema para depois.

Ela virou para o lado e reparou que Samuel sorria.

— Do que está sorrindo? — ela perguntou.

Samuel balançou a cabeça e respondeu:

— Besteira.

— Agora me diz!

— Dizem que sagitário e virgem não combinam, talvez nós sejamos a prova de que estão errados.

Clara riu.

— Essa coisa de signos não existe.

Samuel riu de volta.

— Você que pensa que não.

Ela deu de ombros e levou sua mão até a perna dele. Ele a pegou e deu um beijo. Ainda tinham um longo caminho até a praia e uma longa noite de espera até o sol nascer. Mas aquela, tinha sido a primeira noite em muitas em que Clara havia se deixado levar e Samuel estava disposto a abrir mão da sua liberdade para estar ao lado dela.

CAPRICÓRNIO

Renata Maggessi é carioca e escolheu São Paulo como morada há mais de uma década, onde vive com seu marido e sua filha. Formada em Jornalismo e pós-graduada em Literatura Brasileira, é apaixonada por tudo o que envolve leitura e escrita. Iniciou sua carreira literária a partir de diversas publicações em antologias de contos, entre as quais, “Arquivos do Mal” (Teto de Isopor), “Era uma Vez” (Três reinos) e “Os supremos” (A origem de Sonda). “Nunca diga Nunca” é seu quarto trabalho pela Editora Coerência.

Nunca diga nunca

Cheguei ao meu apartamento às 20h e fui direto para o chuveiro. Eu havia combinado de encontrar as meninas em uma nova balada da Vila Olímpia e precisaria descansar um pouco ou nem todos os corretivos do mundo esconderiam as minhas olheiras. Saí do banheiro, deitei na cama e logo peguei no sono. Às 23h, o alarme do celular me despertou. Fiz uma maquiagem leve, vesti meu macacão tomara que caia, calcei minha sandália salto 7 e fui para a sala, onde Cristina comia um pote de pipoca enquanto assistia a um filme na TV. Nós duas fomos criadas juntas. Ela era filha da minha madrinha, que faleceu vítima de câncer de mama. Nessa época, Cris tinha 5 e eu 10 anos, e minha mãe acabou nos criando como se fôssemos irmãs.

— Vamos, Cris! A Raquel e a Taís insistiram para que você fosse.

— Obrigada, mas hoje não. Combinei com umas amigas de ir a um barzinho na Vila Madalena.

— E o que está fazendo sentada aí no sofá com toda essa sua calma?

— De Pinheiros a Vila Madalena é, literalmente, um pulo.

Após nos despedirmos, saí, pedi um táxi e informei o endereço. A fila para entrar estava quilométrica, mas como Raquel é prima da *hostess*, além da entrada “na faixa”, não precisaríamos ficar mofando na fila.

— Até que enfim você chegou! — Bufou Raquel. — Já entraram vários gatões.

— Espero que sejam daqueles que miam e soltam pelos, porque a última coisa que quero é algum homem no meu cangote hoje — falei.

— Ah, pois eu quero todos a minha volta! E você, Taís? Quer algum gato para esquentar os seus pés à noite?

— Não. De homem já bastam meus filhos!

— Mas Léo e Alex têm 3 anos! — reclamou Raquel.

— Meninas, vamos que estão nos chamando.

Apresentamos as identidades e entramos; foi quando descobri que aquela seria a noite *retrô*: tocaria de tudo, desde que fossem músicas dos anos 80 e 90. Acabei me amaldiçoando por ter colocado um salto tão fino, mas não me fiz de rogada. Assim que encontramos nossa mesa que, com a ajuda dos deuses, ficava próxima ao bar e à pista, tirei o salto e, descalça, fui dançar ao som de *Thriller*. Eu, Taís e Raquel estávamos fazendo os passos — não sei como ainda lembrávamos daquilo — quando um garotão resolveu se aproximar. É claro que nem dei bola, afinal, ninguém mexe comigo quando estou dançando *Thriller*.

Diversas músicas depois e um cabelo totalmente ensopado de suor, resolvi me sentar. Passei pelo bar, peguei um chope e sentei à nossa mesa. Assim que o fiz, o tal rapazote que ficou ao meu lado dançando e que eu achei que tivesse despistado, aproximou-se e, na maior cara de pau, sentou-se à mesa. Olhei para o lado esquerdo e vi Raquel se atracando com um homem. Olhei para o lado direito e vi Taís conversando com outro. Assim que me olhou, ela levantou o copo para mim, como se estivesse brindando. Mais uma vez, a geminiana Taís mudou de ideia. Olhei de novo para o carinha na minha frente. Ele não devia ter mais do que 20 anos. Nada contra rapazes mais novos, mas, sério, não dá...

— Oi, tudo bem? Você dança muito! É difícil acompanhá-la. Prazer. Meu nome é Lucas.

— Prazer. Joana.

— Belo nome... Joaninha.

Ao ouvir o diminutivo do meu nome, uma clara alusão ao inseto, revirei os olhos. Para fugir da conversa, tomei meu chope de um gole só e voltei para a pista. O garoto se levantou e foi atrás. Dancei tudo o que eu pude: R.E.M., Europe, Madonna... até que “*Say you, say me*” começou a tocar e, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, o cara me abraçou e começou a dançar colado comigo. Eu não queria ser indelicada... Ou melhor, queria sim. Sem pedir licença, saí, peguei um chope e fui para a mesa.

— Poxa, gata, o que houve?

— Não houve nada, só não estou a fim.

— Ah, você não vai me deixar na seca, não é, Joaninha?

— Olhe, Mateus...

— Mateus, não. Lucas.

— Mateus, Pedro, Lucas ou qualquer outro apóstolo, eu realmente não estou a fim de ficar nem com você nem com ninguém. Tem tanta menina aí da sua idade, por que logo eu?

— Porque você é a mais linda.

— Obrigada pelo elogio, mas eu passo. — Peguei minha sandália, passei pela Taís e avisei que estava indo embora. Esperei Raquel largar o pescoço do homem e dei tchau.

Acordei cedo no sábado. Cristina já estava de pé.

— Jô, ontem eu conheci um cara tão lindo... Ai, acho que estou apaixonada!

— *Pelamordedeus*, Cris! Deixe disso! Esse seu ascendente em câncer já está passando dos limites.

— Deixe disso você, Jô! Você precisa abrir esse seu coração capricorniano.

— Meu coração está totalmente aberto. Para o meu trabalho, para você e para as minhas amigas, afinal, sou uma legítima capricorniana, inclusive no ascendente. Sou fidelíssima aos meus princípios.

— Ouça o que eu vou dizer: um dia alguém derreterá esse gelo todo e você será a pessoa mais feliz do mundo!

— Por mais que mamãe tenha morrido, eu continuo obediente aos seus ensinamentos. Ela me dizia: “*minha filha, seu emprego é seu marido. Jamais deixe homem nenhum comandar você*”. Justamente por isso que sou uma das CEO do Grupo Octógono. Ali, sou maior e melhor do que qualquer homem.

Nesse momento, meu celular tocou. Pelo toque, sabia que era o Antônio.

Tony e eu nos conhecemos há três anos em uma festa anual da Octógono. Enquanto eu estava sendo promovida a CEO da Tertius, ele já era CEO há mais de cinco anos da Secundum. O cara de pau chegou a me confessar que, quando me viu, achou que eu fosse uma secretária. Quando lhe disseram que eu era a mais nova executiva do Grupo, seus olhos cresceram. A partir daquele dia, passei a vê-lo com frequência. Temos uma espécie de

relacionamento aberto. Não colocamos rótulos. Nós nos encontramos quando queremos e saímos com nossos amigos sem precisarmos dar satisfação. Para mim, isso é mais do que satisfatório. De vez em quando, é bom ter alguém para esquentar os pés e receber um cafuné.

— Oi, Tony!

— Oi, Jô! Estava pensando em passarmos o dia juntos aqui no meu apartamento. À noite, pensei em vinho e *fondue*. Se quiser, eu passo aí e pego você.

— Eu topo, mas não precisa me pegar.

Se eu dissesse que nunca me amarrei na vida, estaria mentindo. Eu me apaixonei aos 15 anos e curti uma fossa enorme quando ele me deixou. Depois daquilo, prometi a mim mesma que jamais me apaixonaria novamente, que só voltaria a ficar com um homem se eu tivesse controle sobre ele e sobre mim. Justamente por isso que gostava do meu relacionamento com o Tony.

Peguei meu carro e segui para Higienópolis.

Ao meio-dia estacionei na minha vaga cativa. Peguei o elevador e, assim que ele parou no 10º andar, vi que o Tony me esperava na porta do seu apartamento. Ele me conduziu até a sala e nos beijamos. Com 40 anos e o cabelo começando a ficar grisalho nas têmporas — o que lhe conferia ainda mais charme —, Antônio deixava muito garotão no chinelo. E como era cheiroso! Depois de fazermos amor, ele abriu um champanhe e fomos degustá-lo na banheira de espuma da suíte.

Ele me tratava como uma princesa: esfregava minhas costas, fazia massagem nos meus pés, beijava meu pescoço. E fazia amor como ninguém. Mas eu não conseguia (ou não queria?) me apaixonar. A bem da verdade, minha vida era tão corrida, tão cheia de reuniões e viagens a trabalho que eu não tinha tempo para tolices.

Já eram 20h quando saímos do quarto. Eu vesti uma camisola preta rendada sob um penhoar da mesma cor, *look* perfeito para ficarmos a sós. Enquanto o *réchaud* derretia o queijo, Tony pôs Bryan Adams para tocar e abriu um *Pinot Noir*. Poderia ser impressão minha, mas ele parecia nervoso. Assim que os queijos derreteram, ele pegou um pedaço de pão italiano, pôs no garfinho e molhou na mistura de queijos. Com cuidado, levou à minha

boca. Em seguida, deu-me um beijo. Ficamos nessa até ele me conduzir novamente para o quarto. Depois de fazermos amor, ele deitou-se de lado com a mão segurando o peso da cabeça.

— Jô, precisamos conversar. O que nós somos?

— Como assim? — Fiz-me de desentendida.

— O que nós somos? Qual o nosso relacionamento?

— Não estou entendendo, Tony. Por que isso agora?

— Joana, — Ao dizer meu nome, ele se sentou, virou de costas, abriu a gaveta do criado-mudo e voltou com uma caixinha na mão. Gelei. —, recebi uma proposta de trabalho e vou me mudar para a Espanha, gostaria que você fosse comigo. — Nesse momento, ele abriu a caixinha e pude ver o maior solitário que jamais tinha visto na vida. — Como minha esposa.

Eu paralisei. Literalmente. Eu não conseguia falar nem me mexer.

— Antônio... Tony... Você... Eu... Nós... Eu não posso. Eu não quero. Eu não tenho como largar tudo. Eu estou feliz desse jeito. Eu sou feliz assim. Por que estragar tudo com uma joia — aponte para o solitário — e com um papel? Eu acho que não sou a mulher certa para você. Você precisa ir atrás da sua felicidade, mas eu não poderei estar ao seu lado. Não dessa forma. Eu nunca largaria o que eu construí para viver à sombra de alguém. Eu sou assim. Quando começamos a nos relacionar, eu abri o jogo. Você não foi enganado. Tony, acho melhor pararmos por aqui. Eu estou vibrando pela sua conquista. Estou mesmo. Você é o cara mais fantástico que eu já conheci na vida e adoraria que o nosso relacionamento durasse por toda a eternidade, mas não desse jeito.

— Do seu jeito, não é?!

— Sim, do meu jeito. Tenho certeza de que você encontrará sua car metade.

— Eu já encontrei, mas ela não quer que eu seja a dela — sussurrou.

Tony olhou diretamente nos meus olhos e perguntou:

— Essa é sua última palavra?

— Desculpe-me, mas é — ao dizer isto, levantei, coloquei minha roupa e saí. Dirigi “no automático” para casa e, em poucos minutos, estacionei meu carro na garagem do prédio. Tomei um banho, sentindo minhas lágrimas

misturarem-se à água quente que caía do chuveiro. Nem eu mesma entendia o porquê da tristeza, mas só saí do box depois que senti minha alma mais leve.

Ontem fez dois anos desde o meu último encontro com Tony. Fiquei sabendo, pela minha secretária, que ele está morando em uma cidade no norte da Espanha. A verdade é que se eu quisesse saber dele, bastaria ler os diversos e-mails que ele enviou e que eu apenas coloquei em uma pasta do Outlook. Não, não deletei. Achei melhor deixar guardado. Por quê? Sempre me perguntei isso e nunca encontrei a resposta, apesar da convicção de ter feito a escolha certa, afinal, uma capricorniana e um sagitariano jamais poderiam dar certo. Ele é diversão e eu sou trabalho. Ele é sociável e eu sou seletiva. Não falamos a mesma língua. Aliada a esses pensamentos, a imagem de Tony veio à minha mente e a minha lua em peixes voltou a banhar meus olhos em lágrimas.

Parei de devanear e comecei a me maquiar. Haveria uma grande festa da Octógono e todos os grandes executivos estariam lá. Seria o momento certo para trabalhar o meu *network*. A campanha tocou. Com certeza, era Raquel. No convite dizia que poderíamos levar uma companhia. Se Tony ainda pertencesse ao grupo e, claro, estivesse no Brasil, seríamos a companhia um do outro, mas... Raquel entrou no *closet*. Admirei seu *look* e fiz um elogio que aumentou ainda mais sua já enorme autoestima leonina. Aproveitei sua presença e pedi para me ajudar a fechar o zíper do vestido.

Na festa, conheci vários profissionais de diversas áreas. Eu estava com 32 anos e, se quisesse decolar ainda mais na carreira, o momento seria propício. Raquel, por sua vez, conheceu o novo CEO da Quartius, mais uma empresa do Grupo. Trocaram olhares, bateram papo e, no fim da noite, saíram com o telefone um do outro. Fiquei contente por minha amiga. Quem sabe seu final feliz não estaria próximo?

Saí apressada do cabeleireiro. Eu precisava voltar para casa e me arrumar para o casamento da Raquel. Não é que o namoro deu certo e a minha amiga realizaria o seu grande sonho? Eu e Taís seríamos as madrinhas. Léo e Alex os pajens. Estava tudo dando tão certo que se algo saísse do *script* eu não saberia o que fazer.

O casamento foi realmente lindo, com tudo o que Raquel sempre sonhou. Até planos para filhos já existiam: pretendiam voltar “grávidos” da lua de mel. Afinal, ela, que era meses mais velha do que eu, já estava com 35 anos.

Eu estava sentada à mesa observando as pessoas: Taís — a virginiana coração de pedra, como brincávamos — engrenou namoro, há dois anos, com um cara que conheceu no Tinder e pretendiam juntar os trapinhos — quem diria! Cristina seria a próxima a subir ao altar. Os preparativos para seu casamento com o professor de violão que ela conheceu pelos bares da Vila Madalena estavam a todo vapor. De repente notei que eu estava sobrando. Nunca vi as coisas dessa forma, mas, agora, me bateu um medo de ser aquela velha amargurada que ninguém quis. A bem da verdade, quiseram, mas eu joguei para escanteio. Se arrependimento matasse... Uma lágrima furtiva rolou pelo meu rosto no exato momento em que Raquel se aproximou de mim.

— Joana, venha! Quero uma foto nossa. Eu, você e a Taís! As três. Juntas. Unidas.

Tirei a névoa de dentro do meu peito e abri o meu melhor sorriso para o fotógrafo.

Noite de sábado, 12 de junho, dia dos namorados. Cristina foi passar o fim de semana com o noivo, Taís estava redecorando a casa para receber o “namorado”, Raquel estava curtindo o barrigão de cinco meses e eu aqui. Eu havia encontrado o príncipe encantado que a minha mãe me disse ser o melhor: minha carreira. Olhei ao meu redor e vi o meu lindo apartamento. Tinha tudo o que desejava — pelo menos era o que dizia a mim mesma. Por mais que minha mente dissesse que eu me bastava, em noites frias, deitada sob os cobertores, na minha cama *king size* e assistindo a uma série qualquer na Netflix, percebia o quanto me fazia falta alguém para esquentar os pés e fazer um cafuné quando a TPM resolvia atacar. Com certeza isso deveria ser muito melhor do que comer três caixas de bombons em uma só noite e ficar chorando o resto da semana por causa de mil quilos a mais na balança.

Não sei se devido à TPM, à minha lua em peixes ou por já ser uma balzaquiana, mas eu estava ficando mais emotiva. O único relacionamento que levei a sério foi com o Tony, justamente porque, quando nos

conhecemos, ele disse que não pretendia nunca mais morar com ninguém, já que havia sido casado duas vezes antes de nos conhecermos. Aquilo era perfeito. Eu não abria mão da minha carreira nem da minha vida por causa de outra pessoa e, ao mesmo tempo, quando queria, ele estava à minha espera.

Por que ele tinha que estragar tudo? Por que EU tinha que estragar tudo? Eu? Não, eu não fiz nada. Foi ele com aquela ideia idiota de casamento e de me fazer mudar daqui. Como eu poderia deixar a Cris? Éramos como irmãs e, quando mamãe faleceu, prometi cuidar dela. E as minhas amigas? O que eu faria sem elas? Ao me fazer esta pergunta, pude notar que, na minha cabeça, nada mudaria, mas as coisas mudaram. E só eu estava ficando para trás.

Peguei o *notebook*, acessei o Outlook e abri a pasta onde guardara todos os e-mails do Tony. É verdade que eles foram escasseando. Faz mais de 2 anos que recebi o último. Abri um *Cabernet Sauvignon* e li um por um.

Após fechar a pasta, aproveitei que eu estava com férias a vencer e enviei uma solicitação ao presidente da empresa. Em seguida, comecei a pesquisar pacotes de viagem. Ainda que eu fosse solteira, não seria solitária. Primeiro pensei em uma excursão, mas logo desisti. Pelo menos uma vez na vida não queria ficar presa a horários. Agendei as passagens para dali a dois meses — o final do verão na Europa é bem agradável — e, até lá, eu conseguiria treinar alguém para me substituir durante 30 dias.

Senti que estava realmente de férias quando o avião pousou no Charles de Gaulle, em Paris. A vontade era de ver tudo de uma vez, mas fiz um roteiro e iria segui-lo. Eu pretendia conhecer algumas cidades da França e da Espanha e, se possível, dar uma chegada a Portugal.

Meu primeiro passeio foi ao Louvre. Apesar de já ter visitado o museu duas outras vezes, esta foi a primeira sozinha. Fiquei admirando as obras de arte como nunca havia feito antes, sem pressa. Dessa vez, consegui ver todos os detalhes da Santa Ceia e do sorriso da Mona Lisa.

Depois de visitar o *Louvre* e a Torre *Eiffel* e de lanchar em alguns dos cafés mais charmosos do mundo, parti para outras cidades daquele lindo país: Marselha, Cannes, Toulouse e Estrasburgo. Lourdes foi a minha despedida da França. Ali, fiz uma homenagem à minha avó: Maria de Lourdes. O Santuário era realmente belo, assim como minha saudosa avozinha. Seguindo

a tradição, como uma boa turista, banhei-me nas frias águas que brotavam da rocha na esperança de sair renovada, no corpo e na alma.

Dali, parti para a Espanha. No meu roteiro, estavam três cidades: Sevilha, Madri e Bilbao. Talvez, se eu tivesse feito o caminho contrário, economizaria tempo e dinheiro, mas eu havia estudado aquele roteiro e o seguiria à risca. Eu teria dez dias para visitá-las, depois, iria para Fátima, uma homenagem à minha mãe, Maria de Fátima e terminaria em Lisboa, de onde retornaria ao Brasil.

Chegando a Sevilha, visitei os cinco lugares recomendados pelo hotel. Na noite do terceiro dia, desembarquei em Madri. Deixei quatro dias para conhecê-la. Visitei a *Plaza Mayor*, as ruelas do Centro Histórico, o Mercado San Miguel, os *Jardines Sabatini* e o Templo de *Debod*, só para citar alguns. Que cidade linda! A minha vontade era de ficar ali.

Logo que cheguei à Espanha, em todo lugar que eu ia, olhava os transeuntes na esperança de ver o Tony. Desde que li seus e-mails, a saudade apertou, mas preferi não entrar em contato com ele. Se fosse da vontade dos astros, o destino nos colocaria frente a frente.

Na noite do quarto dia, segui para Bilbao, onde conheci pontos turísticos maravilhosos, entre eles, o *Guggenheim*, o *Museo de Bellas Artes*, o Rio *Nervión* e a *Playa Plentzia*, minha última parada antes de aterrissar em Portugal. Entrei em um dos restaurantes para almoçar e observar os transeuntes. Foi quando eu o vi. No outro lado do restaurante. Ele, o meu Tony, em uma mesa com uma linda morena. Meu coração acelerou. Eu fiquei sem reação. O que eu deveria fazer? Ir até lá? Fingir que não o vi? Quando eu havia decidido que não o incomodaria, nossos olhares se cruzaram. Primeiro, ele fez uma expressão de espanto. Depois, falou algo com sua acompanhante, levantou-se e... veio na minha direção?

— Desculpe a minha intromissão — disse ele, assim que se aproximou —, mas eu precisava ver se não se tratava de uma miragem. Joana, como você está linda!

— Oi, Tony! Vejo que você está bem — falei, olhando de soslaio para a morena.

— Sim, estou. Mas poderia estar melhor.

Aquela afirmação me desconsertou.

— Você se importa de vir comigo? — Sem esperar meu aceite, ele afastou minha cadeira e me conduziu pelo braço até a mesa onde estava sua acompanhante. Olhei para a mão esquerda dela e vi uma grossa aliança. Eu não conseguia ver a mão esquerda de Tony, que estava nas minhas costas, apenas a direita, que estava sobre a minha.

— Carmen, gostaria de lhe apresentar Joana — falou ele com um lindo sotaque basco.

— Sente-se conosco, “Juana” — falou ela, pronunciando o J com som de R —, Javier já deve estar chegando. — Olhei, sem entender nada, para Tony.

— Carmen é esposa de um grande amigo meu. Foi ele quem me incentivou a vir para cá. — Assim que disse isto, uma cópia do ator espanhol José Garcia adentrou o restaurante e deu um beijo de novela em Carmen.

Ainda meio desnorteada, aceitei o convite e ficamos os quatro conversando, como se fôssemos velhos conhecidos.

Quando o sol estava começando a se pôr, Javier e Carmen despediram-se e eu e Tony resolvemos passear pela *Playa Plentzia*. Tirei minhas sandálias, dobrei a calça até os tornozelos e ficamos passeando pela beira da água.

— Agora me diga: o que traz a senhora *workaholic* a um lugar tão longe do seu escritório?

— Estava começando a me sentir uma velha chata e precisei tirar umas férias antes de acabar levando a minha secretária à loucura. — Rimos.

— E até quando a senhorita pretende ficar nesta humilde cidade?

— Para ser sincera, precisava ter entregado as chaves do hotel às 15h. Meu voo sai hoje às 23h.

— E vai voltar para o Brasil?

— Não, visitarei Fátima e, depois de amanhã, Lisboa. Volto para São Paulo na segunda-feira.

— Uma pena que tenhamos nos encontrado apenas hoje. Você poderia ter me avisado sobre a sua vinda.

— Eu não queria incomodar. Não recebi mais e-mails seus.

— Você nunca os respondeu. Parei de escrever. Isso não significa que deixei de pensar em você.

Aquela declaração tirou meu chão.

— Do que você tem medo, Jô? Abra seu coração. Sou todo ouvidos.

— De acabar como a minha mãe. De morrer de desgosto por ter largado tudo por causa de um homem e ele, simplesmente, me trocar por outra e eu ficar ali, sozinha, sem emprego, com uma filha nos braços e não saber para onde correr.

— E por que eu, que a amo e a conheço como ninguém, pediria para você largar tudo? Joana, as pessoas podem ser felizes sozinhas, sim, ninguém precisa de ninguém para ser feliz, porém, duas pessoas que se amam podem ser mais felizes juntas, principalmente, se unirem as suas felicidades. Eu jamais pediria para você abrir mão da sua carreira. Mais do que uma mulher linda, você é uma profissional incrível e extremamente inteligente. E foi justamente isso que me chamou a atenção em você. É claro que conheci algumas mulheres aqui, mas nenhuma conseguiu tirar você da minha cabeça e do meu coração. Pense nisso com carinho. Pense por quanto tempo for preciso. Eu estarei aqui à sua espera. Vamos ao hotel para que você possa pegar sua bagagem. Eu a levarei ao aeroporto.

Despedimo-nos com um beijo demorado quando o alto-falante anunciou, pela terceira vez, o meu embarque. Na manhã seguinte, fui ao Santuário de Fátima e rezei. Rezei para que Nossa Senhora me mostrasse o caminho para a minha felicidade. Na segunda-feira, já em Lisboa, peguei meu voo para o Brasil.

Dois meses se passaram desde a minha chegada. Cristina estava linda em seu vestido de noiva. Como era de se esperar, a cerimônia foi perfeita e o brilho nos olhos dos noivos mostrava a felicidade pela qual eles estavam passando. O filme da minha vida passou pela minha cabeça. E, sim, eu também teria o meu final feliz.

Abri a última caixa. Pronto. Minha mudança estava completa. Olhei para minha mão direita e admirei o brilhante. Tony veio por trás, abraçou-me e beijou meus cabelos. Mudei-me para Bilbao para encontrar a minha felicidade. Enviei vários currículos e uma grande multinacional europeia resolveu apostar em mim. Não falamos em casamento, mas sim em companheirismo. Eu percebi que não podemos escolher este ou aquele lado

para sermos felizes. Os dois lados do coração devem estar ocupados. Dessa vez, preferi me render ao ditado que vovó sempre proferia: “*jámais diga por este rio não passarei e desta água não beberei*”, em outras palavras, “*nunca diga nunca*”.

AQUÁRIO

Glau Kemp é escritora de terror e suspense que não tem medo do escuro, mas, às vezes, fecha os olhos quando vai ao banheiro de madrugada. É também colunista no site Boca do inferno e editora da revista Amazing. Gosta de se aventurar em outros gêneros e tem um lado “fofo” pouco conhecido. Autora de “Quando o mal tem um nome”, um thriller sobrenatural ambientado na cidade de Aparecida/SP.

Unicórnios e vísceras

Eduardo saiu de casa com um olho roxo, noventa e dois reais e apenas uma cueca boa na mochila. As palavras do seu pai ecoavam em seus ouvidos e doíam mais do que o soco bem dado na lateral do queixo, o primeiro em dezoito anos de vida: *“Essa menina vai ferrar sua vida, Eduardo. Ela é uma fruta podre que ninguém quis e você sabe...”* Edu não esperou o final da frase e tudo aconteceu muito rápido. Ele empurrou o pai enquanto sua mãe cobria a boca com as duas mãos. Jorge bateu com o ombro na geladeira e derrubou o elefante de cerâmica que foi presente de uma tia avó já falecida, caiu no chão e quebrou ao meio de uma forma sinistra: a cabeça para um lado e o corpo para o outro. Os três olharam para o bibelô decapitado e o pai de Eduardo fechou as mãos com força, foi a primeira vez que Jorge bateu no filho. Talvez tenha sido a falta de hábito, eles nunca usaram a força ou castigos físicos na educação do filho. Mas foi um soco de verdade e o impacto abafou o grito da mãe. O rapaz nunca soube se o grito e a reação desesperada eram por causa da briga entre pai e filho ou a morte do elefante que deveria trazer sorte. Isso aconteceu em 21 de janeiro, aniversário de Camila, a menina que segundo o pai dele iria ferrar com a sua vida.

Ele estava certo.

Camila ferrou com tudo!

I – Dias atuais

A felicidade é muito confortável. É fácil se acostumar com ela. No primeiro ano de faculdade de Eduardo e Camila ela se instalou, costurando a rotina pesada do curso de medicina com o amor dos dois.

Faltava dinheiro para as coisas básicas e nos meses que os pagamentos das bolsas estudantis atrasaram, Eduardo quase engoliu o orgulho e ligou para casa para pedir ajuda, mas ele já estava acostumado a pensar nos pais no passado, como se estivessem mortos. Eles foram deletados do sonho, porque Camila era parte desse sonho, uma parte que sua família não aceitava.

Ele nunca imaginou se casar cedo. Sempre teve a cabeça no lugar e muitos planos, mas essa garota mudou tudo. Era um dom. Onde ela chegava os planos se alteravam com naturalidade para se adequar a ela, e Eduardo já não conseguia pensar em nada que não a envolvesse em sua vida.

— É sério, cara. — Felipe se esparramou no chão entre almofadas e livros. — Só é possível ficar de verdade com alguém se morar com a pessoa. Igual você e a Camila. Desde que entrei para a faculdade não consigo marcar um segundo encontro com ninguém. Não tenho tempo nem de cortar o cabelo. — Felipe tomou uma golada grande de café e continuou procurando a resposta do questionário de bioquímica. — Porra, se algum paciente depender do ciclo de Krebs para sobreviver é morte certa.

— Fale sério, você não consegue sair pela segunda vez com uma garota porque só fala merda. — Felipe empurrou Eduardo que mudou de assunto, precisava se concentrar nos livros. — Essa parte é fácil. — Passou uma folha cheia de esquemas coloridos.

— É fácil para você, porque a Camila faz todo trabalho duro. Aposto que ela te ensina tudo de calcinha e sutiã e se você acerta as respostas ela vai tirando a roupa. — Felipe fez um olhar sonhador, o aparelho nos dentes deixava seu sorriso ainda mais juvenil e Eduardo não conseguia ter ciúme da paixão declarada do amigo pela namorada, ele era simplesmente apaixonado por todas as mulheres do mundo.

— Porra, Felipe, apenas tente não pensar na minha namorada sem roupa. — Eduardo puxou a folha da mão do amigo.

— É justo. Vou parar na calcinha e no sutiã. Ou no topless. É bem comum na Europa. — Deu uma piscada. — Mas é sério, bem que ela podia explicar essa merda para nós. A prova é amanhã.

— Daqui a pouco ela chega da monitoria. — Eduardo respondeu, tentando encontrar uma posição mais confortável. O sobrado que morava com Camila estava caindo aos pedaços e um sofá fazia falta.

— E você como um marido zeloso de uma monitora dedicada vai fazer o que para o jantar? — Felipe olhou para a cozinha. — Tô morrendo de fome. Diga que não é *miojo*.

— Não é *miojo* é um macarrão instantâneo com salsicha. — Eduardo levantou e abriu a porta do armário em cima da geladeira vermelha e antiga.

— Eu pensei muito e, tirando essa pindaíba que a gente vive, eu quero isso para mim. — Eduardo pegou uma caixinha preta dentro do pote de feijão.

— Cacete... — Felipe levantou com um pulo e pegou a caixa.

— Cuidado! Eu parcelei em muitas vezes.

— Cara, você tem vinte e dois anos, nenhum dinheiro e vai se casar?

— Vou pedir a Camila em casamento. Quero que ela seja minha noiva oficialmente.

— Ela é gostosa mesmo, você tem que fazer alguma coisa para ela não ir embora e casar com um cirurgião plástico cover do Doutor Hollywood. As opções são: ficar rico, aumentar o pênis ou o casamento. — Eduardo riu e os dois amigos se abraçaram. Abriram uma cerveja e comeram todo o macarrão com salsicha.

O casal foi parar naquele sobrado caindo aos pedaços por conta do destino, mas Eduardo queria que Camila se sentisse especial, não um peso para os outros, ou falta de opção como ela falava. A namorada foi criada pelo pai até os doze anos, mas depois ele foi embora um dia para nunca mais voltar. Ela não tinha ninguém no mundo além do namorado. Foi abandonada pela mãe assim que nasceu e chegou até a morar em um abrigo antes de ir para a casa de uma tia que também não queria cuidar dela e a maltratava. E lá no fundo, depois de brigar com a família e se mudar para o Rio de Janeiro às pressas, ele também só tinha Camila e isto bastava para ser feliz.

— Vocês se conheceram na escola não foi? — Felipe perguntou, soltando um arroteo alto.

II – Três anos antes

Eles se conheceram no primeiro dia de aula no ensino médio. No lugar das tradicionais apresentações, a professora de literatura propôs que os alunos fizessem mímica, uma brincadeira para descontrair. Cada um deveria dar pistas de algo que gostasse muito. A maioria foi desvendada antes de um minuto, os alunos gesticulavam assuntos gerais e fáceis, como a paixão por música, livros ou carros. Mas na vez de Camila ninguém conseguiu acertar a primeira opção, até a professora tentou alguns palpites e nada. Sem revelar a resposta da primeira mímica, a garota começou a gesticular sua segunda opção.

— Bom... — Disse colocando os cabelos castanhos atrás das orelhas e olhando para os colegas com uma expressão surpresa de quem não acreditava no que estava acontecendo. — É uma coisa que eu amo. — Olhou para a professora que assentiu com a cabeça. — Vou fazer a mímica de uma coisa que eu gosto muito. Que é até um sonho meu.

Camila fez um gesto de quem vestia algo como um casaco e abotoava os botões até os joelhos. Depois pediu para um colega se levantar e apontou o dedo para a barriga dele. Lentamente passou o dedo rijo pelo abdômen e depois...

— Costureira! — Uma menina falou, mas Camila fez que não com a cabeça e suas sobrancelhas unidas demonstravam que a opção se mostrava muito improvável.

Com as duas mãos, a garota, já impaciente, fez um gesto de abrir como se afastasse duas partes de uma cortina na barriga do garoto. Nesse momento os olhos de Eduardo brilharam. Ela encenava segurar algo comprido e pegajoso, sem pensar, Eduardo murmurou.

— Vísceras...

— É isso! É isso! — Camila pulou com um lindo sorriso nos lábios e alguns alunos riram, mas a maioria se entreolhou achando estranho.

— Perdão. — A professora pôs a mão no ombro do aluno em pé ao lado de Camila. — Qual é o seu sonho, querida. — Perguntou meio desconfortável.

— Ela quer ser médica. — Eduardo respondeu.

Camila se sentou ao seu lado e sussurrou.

— A primeira opção era fácil também.

— Muito bem, turma! — A professora bateu palmas chamando a atenção deles. — Todos em silêncio agora.

— Unicórnios. — Camila disse movendo os lábios sem emitir som. Fez um coração com as mãos e confirmou. — Amo unicórnios.

Eduardo olhou para frente, rindo da lembrança da menina tentando imitar um unicórnio. Simplesmente não tinha como acertar, foi algo como uma dança do acasalamento muito bizarra.

Primeiro, eles ficaram amigos. Camila falava sem parar e toda semana

trazia um assunto novo e empolgante, pelo menos para ela. Eduardo, que sempre foi tímido, se sentia confortável ao seu lado. Ela era inteligente, bonita e engraçada. Era muito meiga e durona. E eles tinham um sonho em comum: queriam cursar medicina. A diferença era que ela faria o sonho acontecer e já no primeiro ano do ensino médio estudava para o vestibular, enquanto Eduardo jogava vídeo game. Mas ela entrou na vida dele como um furacão e tudo mudou. Até que no dia da prova de biologia ele foi o primeiro a sair da sala e esperar o restante da turma no corredor. A garota saiu em seguida e perguntou.

— Qual era a resposta da letra A?

— Eu não sei. Deixei esta em branco. Mas eu queria mesmo escrever que o garoto não deveria entrar no valão para tomar banho, assim ele não iria pegar nenhuma doença. Na verdade, o governo tinha que sanear o bairro.

Camila segurou o rosto de Eduardo com força e o beijou. Ele foi pego de surpresa e deu um passo grande para trás fazendo os dois caírem no corredor. Com o barulho, a professora apareceu na porta.

— O que vocês acham que estão fazendo? — ela cochichava, mas sua voz era furiosa.

— Eu acho que beijei meu primeiro namorado.

— Levantem-se. — A professora ajudou Camila. — Francamente, não esperava isso de vocês.

Eduardo e Camila se olharam e riram.

Eles também não esperavam.

III – Dias atuais

Quando o celular tocou e uma voz desesperada falou do outro lado, Eduardo já havia tomado duas cervejas. Sentia-se relaxado e cheio de planos, mas o que ele ouvia não fazia sentido algum.

Camila havia sofrido um acidente.

Acidente Grave!

Seramente ferida!

Aquelas eram as palavras usadas para fazer alguém ir até o hospital e chegando lá descobrir que na verdade a pessoa estava morta e enrolada em um saco preto, pronta para ter seu corpo reconhecido por um ente querido.

— Que merda é essa, Felipe? — Eduardo passou o celular para o amigo, que meio sonolento arregalou os olhos ao ouvir a mesma voz do outro lado. — O que está acontecendo?

— Sinto muito, cara... — Felipe disse ao desligar o telefone com os olhos marejados. — Pegue sua carteira. Eu vou com você ao hospital.

Eduardo olhou para o relógio de parede e viu que eram duas horas da manhã. Eles tinham dormido.

“Isso é um pesadelo.”

Tudo aconteceu exatamente como em um filme, uma situação vivenciada por outra pessoa, ele se sentia fora do corpo. Eduardo andou de um lado para outro, segurando um papel para preencher com os dados de Camila e ela estava mesmo aguardando por ele, mas sem o saco preto. Aparentemente, faltavam sacos no necrotério.

Ele entrou na sala fedorenta e gelada com Felipe ao seu lado e a reconheceu. A cabeça muito inchada e a boca aberta. Ela não se parecia em nada com a mulher que ele pediria em casamento. E foi nisso que pensou.

— Você trouxe o anel, Felipe? — perguntou, quebrando o silêncio.

— Quê? — Felipe pôs a mão no ombro do amigo.

— O anel de casamento. O padrinho leva o anel.

— Eduardo... — Felipe confirmou com a cabeça e o funcionário do necrotério anotou algo em uma prancheta. — É ela, vamos embora. Vou levá-lo para casa, amanhã vai ser um dia muito cheio.

— Não, Felipe... — Eduardo começou a chorar, os lábios tremendo e a voz rasgada como se uma faca de serra cortasse a garganta. — Vai ser tudo vazio.

IV – Dias atuais

Felipe foi um grande amigo. Arrecadou dinheiro entre os professores e alunos e fez um funeral digno para Camila, poupando Eduardo de tomar qualquer decisão sobre como e onde a namorada deveria ser enterrada.

“Ela era o tipo de garota que gostava de Unicórnios e Vísceras.

Seria uma grande cirurgia geral, porque sabia ser meiga e carinhosa, mas não tinha nojo de uma ferida purulenta. Camila cuidava das pessoas com delicadeza e firmeza. Ela era boa com todo mundo, menos políticos. Detestava políticos, principalmente aqueles que, claramente, liam o discurso

no horário eleitoral obrigatório.

Amor... Não me odeie por estar lendo meu discurso agora.

Ela acreditava em Deus, no universo, nas forças cósmicas e em dietas milagrosas de setes dias, mesmo tendo um conhecimento enorme sobre o corpo humano, a evolução das espécies e o surgimento do universo. Ela sempre acreditou em tudo em que eu não acredito.

Minha namorada foi a melhor pessoa que eu conheci. Semana passada, ela chegou em casa com um aquário e um peixe dentro. Se alguém do departamento do qual ela roubou esse peixe estiver aqui saiba que não irei devolvê-lo, o nome dele é Oscar e é tudo que eu tenho agora. Camila o roubou porque viu que, durante a pesquisa, ele recebia um pequeno choque toda vez que alguém batia no vidro e o peixe não entrava na caverna número um.

Ela ensinou o Oscar a entrar na caverna número dois. Ela disse que a número um lhe trazia lembranças ruins. Essa era a minha namorada, em uma semana ela adestrou um peixe de laboratório.

Ela gostava de apontar para as estrelas e dizer que via nossa história escrita nelas, sempre felizes. Camila era do signo de aquário e eu sou de peixes. Um dia, antes de morrer, ela me comparou ao Oscar. Disse que também estava me adestrando.

Hoje eu me sinto como esse maldito peixe.

Sem meu aquário.

Anestesiado pelo choque.

Amo você, Camila.”

O silêncio permaneceu após Eduardo descer do púlpito. Os amigos pegaram nas alças do caixão e ninguém falou mais nada. Depois, terra preta cobrir a madeira envernizada, a tragédia havia acabado para as pessoas no funeral, menos para Eduardo. Ele levou a dor da perda para casa e a revolta com um motorista bêbado que avançou o sinal de trânsito e matou a única mulher que amou.

V – Três meses depois

Acordou assustado, achando que o telefone tocava. Sequela do dia em que recebeu a pior ligação do mundo. Desta vez realmente tinha um barulho

vindo da sala. Eduardo levantou, olhos já fundos e arroxeados às três da manhã. Bebeu um copo de água e parou na pia da cozinha. Um copo com água pela metade estava dentro dela, e a lembrança veio com velocidade contaminando todo o seu corpo com a emoção. Camila sempre fazia aquilo, deixava copos com água pela metade na casa e ele reclamava, mas a resposta dela era a melhor possível.

“Você lembra do filme Sinais? A família foi salva por copos de água pela metade.”

Eduardo tinha certeza de que não havia deixado o copo ali, mas nas últimas semanas coisas estranhas aconteciam e ele começou a achar que estava ficando louco.

Jogou a água do copo fora e pôs os dois no corredor. Ao passar pelo aquário bateu no vidro, mas o peixe não gostava dele e nunca entrava em nenhuma das cavernas. Desistiu de dormir e foi estudar os nervos craniais. Estudar era a única coisa que o separava da tristeza completa, assim, as horas passavam e o corpo e a mente chegavam à completa exaustão e lá não havia tristeza. Só assim conseguia dormir.

O barulho baixo ecoou mais uma vez na sala e Eduardo começou a achar que havia ratos no sobrado, mas ao chegar lá, achou que o som vinha do aquário. Andou devagar até ficar cara a cara com Oscar, ouviu o som novamente, desta vez mais alto, parecia que alguém batia no vidro. Oscar nadou até a caverna número dois e ficou lá dentro.

Desesperado, Eduardo andou para trás.

“Que merda é essa?”

Ligou para Felipe, sem se importar com o horário:

— Felipe! O Oscar acabou de entrar na caverna número dois!

— Quê? — O amigo ainda muito sonolento perguntou atordoado. — Você está bem? Está machucado?

— Machucado? Não! Acordei com um barulho e tinha um copo com água pela metade na pia e agora o Oscar entrou na caverna número 2. Essa merda desse peixe não faz isto.

— Fique calmo. Não vai fazer uma besteira. Você quer que eu vá ficar com você?

— Merda, Felipe, eu não sou maluco!

Desligou o celular e chutou as almofadas do chão. Precisava ficar calmo, mas desta vez os nervos craniais não pareciam ajudar. Foi até o armário e pegou a caixinha do anel dentro do pote de feijão. Deitou na cama e ficou olhando o caçador de sonhos pendurado na lâmpada. Camila havia comprado na rodoviária quando se mudaram para o Rio de Janeiro quase sem dinheiro nenhum.

“Nosso sonho é muito grande, Eduardo, vamos precisar de ajuda. Isto é um investimento”.

As lágrimas turvaram os olhos, que fechados permitiram o sono chegar. Acordou com Felipe batendo na porta. Ele trazia um saco de pão e um embrulho estranho.

— E aí, cara? — Felipe não sabia esconder os sentimentos de preocupação com o amigo. — Tenho a solução para os seus problemas.

— Foi mal ter te ligado... — Eduardo coçou a cabeça envergonhado. Felipe esticou um pedaço de papel com um número de telefone.

— Você precisa de um colega de quarto. Esse tal de Gusta está vindo de São Paulo transferido para cá. Ele está procurando um lugar. Sem contar que vai aliviar nas despesas.

— Não sei...

— Vai ser bom e se não der certo você manda o cara embora. — Felipe entrou e deixou o embrulho no chão.

— O que é isso, parece um quadro? — Perguntou, examinando a encomenda.

— Sua vizinha, que é bem gostosinha, disse que era seu. Encontrei com ela na escada.

Eduardo abriu e ficou alguns segundos olhando para o objeto sem entender.

— O que é isso, cara? — Felipe já abria as gavetas procurando uma faca para cortar pão. — É aqueles negócios de astrologia, mas você não acredita nessas merdas... — Felipe parou de falar quando viu Eduardo cobrir o rosto com as duas mãos. — Cacete! Não foi você quem comprou?

Eduardo balançou a cabeça negando.

— É um mapa astral... Ela me falou uma vez que iria me provar que o

universo conspirava a nosso favor e que tudo estava escrito nas estrelas. Nossa história...

VI – Dias atuais

Quando Gusta chegou ao sobrado, arrastando uma mala de oncinha e esticou a mão se apresentando, Eduardo não sabia o que fazer e fuzilava Felipe com os olhos.

— Oi, eu sou a Augusta. Muito obrigada por me receber. Conseguir uma vaga em uma república no meio do semestre é impossível.

— E aí — disse Felipe, preenchendo o silêncio constrangedor. — Deixe eu ajudá-la com isso. — Pegou a mala.

— Mano, você tem um peixe? — Gusta se abaixou em frente ao aquário e bateu no vidro. Mas Oscar não se mexeu. — Só tem um quarto né? Como vamos fazer? Sei que você estava esperando um homem, mas se eu coloco no anúncio que sou uma mulher aparecem um monte de tarados.

— O Edu vai deixar a cama para você. Eu tenho um colchão lá em casa e vou trazer para ele.

Os amigos se entreolharam, mas ela não percebeu, prestava atenção no quadro.

— É muito bonito! Nunca vi um assim, parece pintado à mão. Deve ter demorado muito para fazer. Aquário e peixes. — Olhou para Eduardo com um sorriso no rosto. — Olhe os ascendentes. E a lua? — Gusta estava muito empolgada. — Um par perfeito, mesmo. E a data...

— Venha. — Felipe interrompeu antes que a conversa terminasse com Eduardo chorando. — Vou te mostrar as coisas.

— É difícil ver futuros médicos acreditando em pseudociências. — Gusta foi praticamente arrastada por Felipe.

Eduardo não entendia nada que estava escrito ou desenhado ali, era como Camila, lindo e misterioso. A presença de uma mulher diferente no sobrado alterou a rotina de uma forma que Edu não esperava. Mas se ele não se acostumava em tê-la por perto, ela também reclamava de coisas que o assustavam.

“É muito estranho, meu batom está sempre aberto.”

“Esse chuveiro dá choque em você? Nossa, só em mim então?”

Em uma tarde de sábado, Eduardo estava assistindo a um jogo de futebol com Felipe. A televisão abafou os gritos de Gusta no banheiro.

— MEU DEUS! — Ela apareceu na sala segurando uma mecha grande dos cabelos dourados. — QUE MERDA!

— Você está bem? — Eduardo perguntou, em parte preocupado, mas o sorriso era eminente.

— É essa casa! Ela não gosta de mim — gritou prestes a chorar. — As coisas não funcionam comigo, quebram e fazem barulhos estranhos. A prancha não estava esquentando e de repente ficou no máximo! Sem contar que toda vez que sento no vaso para fazer xixi a descarga liga sozinha.

— A *casa* não gosta de você? — Felipe levantou as sobrancelhas e foi neste momento que Gusta notou o modo estranho que ele falou a palavra casa.

Ela voltou para o banheiro e os meninos perceberam que ela estava chorando. Foram as declarações dela que convenceram Felipe.

— Eu não consigo dizer isto em voz alta sem me sentir ridículo. — Eduardo sussurrou. — Mas eu acho que a Camila não gosta da Gusta.

Felipe coçou a cabeça.

— Somos homens da ciência, futuros médicos, lembra? Não acreditamos em fantasmas.

— Que outra explicação você tem? — Eduardo suspirou, deixando os ombros escorregarem pelo encosto da cadeira branca de plástico. — Minha quase noiva morta não gosta da minha colega de quarto.

— Só não vai cair na asneira de ter alguma coisa com essa garota. — Felipe avisou.

VII – Dias atuais

Ele achou que nunca mais amaria ninguém, e depois de Felipe falar que era uma má ideia se relacionar com Gusta, Eduardo simplesmente não conseguia pensar em outra coisa. “*E se for verdade que o fantasma da Camila está com ciúme?*” Tentava evitar a colega de quarto ao máximo. Decorou os horários dela e se programava para evitá-la. Certa manhã ouviu um telefonema sem querer.

— Amiga, eu não sei o que fazer. Eu me apaixonei por ele, mas agora que

descobri a história da namorada não sei o que fazer...

Eduardo se escondeu atrás do balcão da cozinha quando ela saiu do quarto enxugando o cabelo e falando ao celular.

— É uma situação muito complicada. Ele é um cara maravilhoso. No começo, até achei que a casa era mal-assombrada ou algo assim.

Eduardo contornou o balcão engatinhando, enquanto Gusta ia até a cozinha.

— Mana, a maneira como eu vim parar aqui é muito incrível, foram três apartamentos em um dia, você não acha que é estranho? Não foi coincidência. Era para ser assim. Eu tinha que conhecer o Eduardo.

Edu ficou parado, pensando nas palavras dela e se distraiu. Gusta o flagrou abaixado ouvindo a conversa. Eles ficaram se olhando sem dizer nada.

— Se você achar melhor que eu vá embora... — Augusta falou com os olhos vermelhos. — Eu vou entender...

Ele refletiu um instante, como a vida seria insuportável se ficasse sozinho de novo, e não apenas sozinho, sem Gusta. Aquela garota alegre e de sotaque carregado que inventava músicas para decorar as fórmulas químicas. Uma emoção desmedida chegou até o exterior e Edu não chorou, mas entendeu que poderia ser feliz de novo com outra pessoa, talvez até mesmo com Gusta.

— Por favor, fique.

— Você acha que tudo isso que aconteceu, da prancha, do chuveiro... tem algo a ver? — Gusta deu um passo à frente, deixou o celular em cima do balcão, mas não conseguia encará-lo. Olhava para o quadro do mapa astral.

— Não acredito nessas coisas e, além disso, Camila era uma pessoa boa.

— Mas se eu te contar uma coisa... — Ela encarou Eduardo. — O mapa astral que ela mandou fazer.

— O que tem ele? — Eduardo olhou para o quadro e depois para ela.

— Não sei como contar isso para você, mas ele serve para mim também. Eu nasci no mesmo dia e hora da Camila.

Eduardo sorriu, talvez aquela merda toda realmente estivesse escrita em algum lugar fora da sua compreensão.

Eles se beijaram.

Gusta esbarrou no aquário e Oscar entrou na caverna número dois. O peixe

viveu por mais um ano e nunca mais entrou em nenhuma das duas cavernas.
Fim.

PEIXES

Laritza Oliveira nasceu em Guaxupé/MG. Começou a ler aos seis anos de idade e descobriu que queria ser escritora aos doze, quando escreveu seu primeiro livro, publicado dois anos mais tarde. Já tem cinco livros publicados e ama um bom romance. Atualmente, reside em Palmas/TO. Divide seu tempo entre a faculdade, a família, os livros e seu canal no youtube.

Dois iguais se completam?

Ele vai me encontrar.

MEU DEUS! ELE VAI ME ENCONTRAR!

Depois de anos fantasiando como seria o meu primeiro “encontro” com meu *crush* supremo, eis que acontecerá. Em uma das nossas conversas amigáveis — cheias de indicações de músicas com letras que confundem profundamente meu coração pisciano — ele simplesmente disse que seria bom se a gente marcasse de se encontrar. Um breve surto de cinco minutos foi o tempo que demorei para responder.

Sei que deveria ter uma certa maturidade aos 22 anos — e até tenho —, mas se tratando dele não consigo. Eu o conheci quando estava no segundo ano do ensino médio. Ele era do terceiro. Não trocamos sequer uma palavra por meses, mas estava ali, no ar. Aquela atração. Ou talvez fosse só coisa da minha cabeça.

O dia que finalmente falei com ele foi um desastre. Todos os seus colegas riram de mim. Meses se passaram e, mais alguns micos depois, nós finalmente começamos a conversar. Virtualmente, é claro. A essa altura, o meu livro já estava pronto. É isso mesmo, eu escrevi um livro — hoje já publicado e com três continuações — onde o protagonista é inspirado nele.

Ele sabe disso. Conversamos diversas vezes sobre os livros e ele até os leu — e elogiou bastante. Apesar de sempre conversarmos pela internet, nunca consegui me aproximar. O ano terminou, ele se formou e continuamos a nos falar. O laço entre nós dois foi se formando a ponto de até trocamos algumas confidências.

Era final fevereiro quando descobri que nascemos no mesmo mês, março, ou seja, somos do mesmo signo. Nunca acreditei muito nessas coisas, até começar a pesquisar sobre o assunto. Só não ache que sou “uma guru” do assunto, pois minhas capacidades são: entender o signo, ascendente, a lua e olhe lá!

Sou de peixes, ascendente em escorpião e lua em aquário. Essa grande combinação forma a pessoa mais emotiva, vingativa e criativa do mundo. Talvez seja exagero, mas essa aí sou *euzinha*, Luísa.

Claro que a única informação que sei sobre ele é o seu signo, mas é o que basta. Nós dois somos tão diferentes e tão iguais ao mesmo tempo. Nossos gostos se chocam, misturam e orbitam nessa atmosfera de flerte. Por anos, eu sonho com o momento em que o verei novamente e também temo. E se ele estiver muito diferente do que me lembro? E se ele apenas quiser ser meu amigo apesar de todos esses anos de conversa? E se nós nos beijarmos e simplesmente não rolar química?

São muitas possibilidades que me atormentam e tiram o meu sono à noite.

— Tem certeza que é uma boa? — minha melhor amiga me pergunta.

Suspiro. *Sim. Não.* Eu simplesmente não sei.

Eu conheci Laura no primeiro ano do ensino médio. Ela era novata e estava lendo “Dezesseis Luas” quietinha no seu canto. Não sou muito de tomar iniciativa na hora de fazer amizades, mas quando vejo um leitor já corro para conversar. Foi por causa desse livro que nossa amizade nasceu, por causa de “A Seleção” que nosso laço se fortaleceu e por causa de muitos outros livros estamos até hoje firmes e fortes. Nós nos falamos do bom dia até o boa noite. Minha mãe morre de ciúme às vezes.

A verdade é que não consigo imaginar minha vida sem a amizade da Laura. Nós nos apelidamos de “L&L Confusões” depois de anos de muitas tretas e, claro, confusões. Ela é 100% ariana e apesar de todos acreditarem que não funcionaria, funciona. São sete anos de comprovação.

— Eu não sei, La. — Suspiro novamente.

— Olhe, você passou seis anos sendo babaca por causa desse idiota. Já chega!

Sim, ela é essa delicadeza sempre, mas eu amo demais essa garota.

— Eu vou, amiga. — Levanto-me decidida. — Machucar não vai, não é?

Consigo imaginá-la revirando os olhos e pensando: “*Deus! Eu salguei a Santa Ceia para merecer isso?*”. Mas tudo que ela diz é:

— Você quem sabe.

Damos o assunto por encerrado e começamos a conversar sobre nossas

séries. Mesmo que ela tenha se formado em medicina — não só em *Grey's Anatomy* — sempre encontra um tempinho para ler ou assistir uma série nova. Eu desligo apenas quando recebo uma mensagem do Raphael — também conhecido como “O *crush* supremo” — dizendo que estará no shopping às quatro da tarde. Dou um pequeno surto e respondo que nos veremos lá. Marcamos de nos encontrar no *SubWay*.

Ele sabe que eu amo o lanche de lá e que fica pertinho do cinema. Provavelmente vamos assistir algum filme depois de conversarmos. Aproveito para checar a programação. Está passando desde filmes de terror até desenho animado. Tem um em questão que quero muito ver, mas não acho que ele vai aceitar, visto que nunca pega minhas referências a personagens da *Disney* ou *Pixar*.

“Na pior das hipóteses vamos ver um filme de terror”, penso comigo mesma.

Após tomar um banho bem demorado e caprichar bem no perfume e desodorante — ninguém quer ter cecê quando está ao lado do *crush*, não é? —, eu vou para o tormento da minha vida: Meu guarda-roupa. Não que eu seja desorganizada, o problema é escolher o que vestir. Minhas roupas sempre variam de acordo com o meu humor. Não sei de qual parte astrológica herdei isso, mas nunca sei qual é a melhor escolha para o meu humor diário.

Opto por uma calça jeans clara, uma regata com estampa do Frayola — eu amo *Looney Tunes* a vida toda! — e um coturno. Penso se devo colocar um vestidinho florido e rasteiras, mas não quero mostrar desespero. Talvez esse “encontro” seja apenas uma conversa entre amigos. Talvez não...

Saio de casa faltando dez minutos para as quatro da tarde. O trânsito está aceitável, mas mesmo assim chego atrasada. Estaciono sabe lá Deus como e corro para dentro do shopping. Ao chegar no *SubWay* vejo todas as mesas lotadas, mas nenhum sinal dele. Checo meu celular e vejo que seu visto por último foi há cinco minutos. Mando uma mensagem avisando que cheguei. No instante que bloqueio a tela do meu celular uma das mesas com duas cadeiras fica vazia e corro para garantir nosso lugar.

Fico remexendo na minha bolsa, fuçando em aplicativos aleatórios do meu celular e morrendo de medo de algum funcionário vir me expulsar por estar matando tempo usando uma mesa que é para os clientes. Meia hora depois do

horário que cheguei Raphael fica online. Ele visualiza minha mensagem, mas não responde de imediato. Odeio de paixão quando ele faz isto! Estou amaldiçoando sua foto de perfil — como sempre faço quando estou com muita raiva dele — quando escuto uma voz masculina.

— Você se importaria se eu me sentasse aqui? — pergunta com um sotaque diferente.

Olho para frente e vejo um ruivo barbudo segurando uma bandeja com um sanduíche de 30cm e um copo de 700ml. Ele tem olhos castanhos e covinhas que aparecem no seu sorriso cortês.

— Não. — Engulo em seco.

— Obrigado. — Ele aprofunda o sorriso e se senta.

Procuro não ficar olhando para ele e me concentrar na conversa aberta — ainda sem resposta daquele idiota —, mas meu olhar se atrai para ele algumas vezes. Para ele e para o sanduíche maravilhoso que está em sua mão. Meu estômago ronca e torço para que o ruivo não tenha escutado. Como minha sorte sempre é grande, ele ouviu e está empurrando a bandeja entre nós me oferecendo metade do seu sanduíche. Tudo isso sem dizer uma palavra.

— Eu não...

— Aceite. — Mais um sorriso com covinhas. — Não ia conseguir comer tudo mesmo.

— Obrigada, eu acho. — Tento sorrir sem parecer apavorada.

Ele se levanta por um instante e vai até o balcão. Quando volta está com um copo extra — onde coloca metade do seu refrigerante para mim — em sua mão há um pacotinho que pressuponho ser um cookie. Minhas queridas amigas lombrigas torcem para ser de gotas coloridas e minha consciência lembra que esse cara é um completo desconhecido que está nos alimentando de graça sabe-se lá porquê.

— Então... — Sua voz chama minha atenção enquanto estou abocanhando um bom pedaço com azeitonas pretas. — Está esperando alguém?

— Não exatamente. — Limpo um pouco de molho da minha calça. Desastre é meu nome do meio com certeza. — Acho que está mais para levei um fora.

Ele ri e termina seu sanduíche. Após um gole de refrigerante diz:

— Acho que então eu tive sorte.

Desvio meu olhar do dele e me concentro no sanduíche. Laura vive me dizendo que faço isso. Esquivar de caras legais por causa de um babaca, talvez seja meu passatempo favorito, mas não posso enganar meu coração sofredor. Quem sabe hoje...

— Então... — começo assim que termino de mastigar o último pedaço do meu sanduíche — Você é daqui mesmo?

— Não. Cheguei esta semana.

— Faculdade? — Arrisco, apesar de ele não parecer ter menos de vinte anos.

— Pós-graduação, na verdade — diz e pega o pacote onde está o cookie de gotas coloridas — Quer metade?

Não posso evitar. Um enorme sorriso surge em meu rosto e ele parte o cookie em duas metades.

— Quero. — Pego uma das metades. — Esse é o meu favorito.

— O meu também. — Ele parte um pedaço e coloca na boca.

Eu faço o mesmo. Não consigo morder muito as coisas. Isso é resultado de três anos usando aparelho nos dentes. Eu me acostumei a quebrar ou cortar os alimentos nas mãos e só depois colocá-los na boca.

— Aparelho? — Levanto as sobrancelhas.

— Sim. — Vejo suas bochechas corarem. — Durante todo o ensino médio. Não foi minha melhor época.

— Jogue a primeira pedra quem teve um ensino médio perfeito.

Ele ri e juro que vou apertar as bochechas barbudas dele a qualquer momento.

— Hoje foi seu dia de explorar a cidade e se sentar no *SubWay* com uma estranha?

— Na verdade, hoje é meu aniversário.

— Ah. — É só o que consigo dizer.

Termino de comer minha metade de cookie enquanto ele conta.

— Estava em meu apartamento pensando em como é deprimente estar sozinho no dia do aniversário, então decidi passear um pouco. Vim no meu lugar favorito para comer em shoppings e dei sorte de ele ser exatamente ao

lado de um cinema.

Ele poderia ser mais perfeito?

— Peguei meu lanche e dei sorte novamente de encontrar apenas um lugar vazio ao lado da...

— Luísa. — Sorrio.

— Luísa. — Ele balança a cabeça como se estivesse mentalizando meu nome. — Eu sou Pietro.

— Prazer em conhecê-lo — cumprimento-o — E feliz aniversário.

— Valeu. — Ele pisca para mim.

Se meus conhecimentos não estiverem errados, ele é de Touro.

— Muito obrigada por dividir seu lanche comigo. — Pego minha carteira.
— Só me diga quanto foi que eu pago metade.

Ele coloca uma de suas mãos sobre a minha e diz:

— Da próxima vez você paga.

— Ok. — Dei de ombros.

Nós nos levantamos sem saber o que fazer direito.

— Luísa, você quer assistir *Monstros S.A. 2* comigo?

Nessa hora, eu quase não consigo segurar meu sorriso de tão estrondoso.

— Claro! Eu estou muito ansiosa para ver esse filme desde que era uma criança.

Nós começamos a conversar sobre os filmes da *Pixar* enquanto caminhamos para o cinema. Ele não liga que eu pague nossos ingressos. Na hora de escolher nossos lugares ele diz ao mesmo tempo que eu:

— H 13 e 14!

Nos entreolhamos e rimos.

— Eu quero a poltrona 13. — Aponto meu dedo para seu nariz enquanto semicerro os olhos.

— Eu sempre sento na 14, relaxe.

Ele diz que vai comprar um combo de pipoca e refrigerantes. Trocamos ameaças de quem vai roubar o balde do filme primeiro e saímos da bilheteria. Enquanto ele espera na fila da pipoca, vou para o cantinho onde ficam os pôsteres dos filmes e ligo para Laura.

— Como foi? — Ouço o som da televisão do hospital e de algumas pessoas tossindo.

— Ele não veio.

— Eu sabia! — Ela se irrita. — Aquele babaca vai ver o dia que eu encontrá-lo na rua. Vou socar a cara dele e esfaquear o...

— Amiga, acalme-se. — Dou risada do seu surto.

— CALMA NADA DONA LUÍSA!

Ouço quando várias pessoas pedem para ela fazer silêncio e, alguns resmungos depois, sei que está ao lado de fora, por causa do silêncio.

— Ok, fale logo o que aconteceu. Tenho dois minutos até minha supervisora perceber minha falta.

— Eu conheci um cara.

— Ok... Isto não é novidade. — Tinha quase certeza de que ela estava trocando o peso de um pé para o outro. — Você dispensou ele grosseiramente?

— Não, minha amiga. — Sorrio e olho para Pietro. — Ele pediu para se sentar à minha mesa no *SubWay*, dividiu seu sanduíche, refrigerante e cookie de gotas coloridas comigo. Conversamos e hoje é o aniversário dele.

— TEM UM TAURINO, P...

— Sim, sua louca. — Damos risadas histéricas juntas. — Ele é taurino e ama desenho animado. Vamos ver Monstros S.A. 2!

— Ele é para casar, amiga. Diga sim, por favor!

— Calma... É só um primeiro encontro. — Digo e começo a perceber a loucura do que acabei de falar. — MEU DEUS EU TÔ EM UM ENCONTRO COM UM CARA QUE CONHECI HOJE!

— Com um conhecido que você não ia desencalhar, né, Luísa? — Debocha. — Eu a apresentei a todos os meus amigos da faculdade e do hospital.

— Eu não curto médicos. — Provoco.

— Eu ainda vou deixar você morrer de gripe. — Ameaça rindo. — E o babaca máster?

— Não sei... — Suspiro.

Neste exato momento meu celular apita.

— Amiga, espere aí.

— Não tenha pressa, é só o meu futuro esperando dentro do hospital.

Ignoro seu sarcasmo e abro a mensagem do Raphael:

“Desculpe-me. Não pude ir. Aconteceu um imprevisto.”

— Amiga, você não vai acreditar...

— O babaca respondeu?

— *Yep.* — Reviro os olhos. — Devo mandar ele se ferrar?

— *Nós* devemos mandar ele se ferrar! — Ela se anima.

— Ok, eu deixo.

— Esperei eternamente por esse dia! Obrigada, Deus!

Nós rimos e nos despedimos.

Pietro está pegando nossa pipoca e aproveito para digitar uma última mensagem para responder:

“Ah, Raphael! Vá se ferrar!”

No mesmo instante recebo uma mensagem da Laura:

“Eu coloquei aquele bastardo no lugarzinho que ele merece!”

Dou risada e respondo:

“A diversão em xingá-lo é toda sua, amiga!”

Não espero por sua resposta. Desligo meu celular e vou até Pietro que está tentando pegar os copos e o balde de pipoca ao mesmo tempo. Pego um dos copos e tomo um gole, constatando o que já imaginava: é meu favorito. Sorrio para ele que retribui com a mesma intensidade. Seus olhos castanhos têm a mesma cor que os meus. Ele pode ser de um signo totalmente diferente, mas “nosso santo bateu” e eu não duvidaria que isso vai durar.

— Vamos lá?

Concordo alegremente. Nós entramos na sala 1 e vamos para os nossos lugares. Antes dos trailers começarem a sala se enche de crianças acompanhadas dos seus pais. Somos os únicos da nossa idade ali. Talvez parecesse estranho, mas fazia total sentido. Nós comentamos os trailers fazendo piadas e quando o filme começa, concentramos nossas bocas na pipoca e no refrigerante. Por vários momentos nossas mãos se tocam.

Quando a pipoca acaba e os refrigerantes também o filme está na metade.

A mão dele encontra a minha e entrelaça nossos dedos. É algo simples e tão natural que tenho vontade de bater em mim mesma por desperdiçar tantos anos gostando de alguém quando haviam caras como Pietro por aí. O bom é que nunca é tão tarde.

O filme acaba, fazendo com que eu me emocione. O primeiro marcou anos da minha infância e ver a continuação foi algo mais marcante ainda. Pietro insiste em ir comigo até o meu carro no estacionamento. Pergunto como ele veio e, quando diz que veio de Uber, eu me ofereço para levá-lo em casa. É uma cena engraçada ver um cara de porte forte como ele meio exprimido no meu *Up!*.

Ele não mora muito distante da minha casa. Quando paro em frente ao seu prédio o ruivo me olha e dá um daqueles sorrisos que eu tinha aprendido a adorar em poucas horas. Justo agora o meu aleatório do *Spotify* resolve jogar para *Better Together* do Jack Johnson. Este não-encontro está melhor do que eu poderia imaginar.

— Agora você sabe onde eu moro. — Ele quebra o silêncio.

— Acho que posso invadir seu apartamento para matá-lo de madrugada — brinco.

Ele ri e pega meu celular no painel do carro. Não coloco nenhuma senha ou padrão nas tecnologias que uso. Vai saber quem vai conseguir descobrir minhas ideias loucas de quando eu morrer? Ele digita seu número no meu celular e adiciona o contato.

— Agora você pode falar comigo também e me avisar que horas vem me esfaquear.

— Quem disse esfaquear? — Faço minha melhor expressão de psicopata.
— Eu mexo com fogo, *baby*.

— Bom saber. — Ele se inclina para perto de mim.

Eu respiro fundo em antecipação. Por um instante nossos olhos castanhos se encaram e desviam o olhar para os lábios do outro. Uma eternidade depois nossos lábios se tocam. É um beijo tranquilo, mas que mexe completamente comigo. Ele se afasta cedo demais e diz saindo do carro:

— Mande mensagem!

Eu fico alguns instantes em choque, com tudo acontecendo rápido demais. Ainda bem que estacionei na vaga de visitantes. Preciso viajar nas

lembranças deste dia por longos minutos. E ainda não parece real. O toque de chamada de Laura — *Wannabe* das Spice Girls — me tira do meu transe.

—E como nosso taurino se saiu?

— Quem diria que dois iguais se completam? — Não posso evitar o sorriso bobo em meus lábios. — Dois iguais bem diferentes.

Nós rimos e começo a narrar todos os detalhes daquela tarde incrivelmente insana.

GIOVANNA VACCARO

procura

UM
CORAÇÃO



editora
coerência

Procura-se um amor & Procura-se um coração

Vaccaro, Giovanna

9788592572754

170 páginas

[Compre agora e leia](#)

PROCURA-SE UM CORAÇÃO O tempo que Ariane tem de vida é bem menor do que se imagina. Desde os seis anos, sofre com a doença arterial coronariana, uma deficiência cardíaca genética; rara em pessoas jovens, mas fatal. Mantendo-se com a ajuda de remédios, ela conta com o apoio de seu pai e sua irmã, juntamente com sua melhor amiga. Para agravar a situação, após uma crise de insuficiência cardíaca, ela recebe a notícia de que deverá passar, o mais urgente possível, por um transplante de coração, caso contrário, seus dias estarão por um fio. Porém, ela tem uma nova razão para pulsar: Miles. Ariane se envolve em uma paixão "quase" perfeita — diante do difícil drama que enfrenta! Juntos, eles tentarão encontrar uma saída e farão de tudo para congelar o tempo e eternizar cada segundo que lhe resta, como um fio de esperança que surge em seu futuro tão incerto.

PROCURA-SE UM AMOR Miles tem sua vida estabilizada em Indiana — considerando todos os fatos que o fizeram se mudar para essa cidade —, porém ele se vê preso à novos começos quando é obrigado a voltar para sua cidade natal: Nova York. Contrariando todas as expectativas, Miles reencontra Ariane, por quem tinha uma queda desde criança. Ao saber que ela tem seus dias contados, ele decide arriscar tudo o que tem para ajudá-la. Ou

pelo menos tentar.

[Compre agora e leia](#)

ANNE VALERRY

uma linda
h i s t ó r i a
de
Amor



Uma linda história de amor

Valerry, Anne

9788553270033

220 páginas

[Compre agora e leia](#)

A bela francesa Adelle quer vender a mansão dos Duprat, e quem se interessa por ela, é o irresistível argentino Julian Mendoza. Tudo acontece em um momento em que Adelle está visivelmente machucada pela dor e pelo sofrimento. Julian se encanta pela sua beleza, e com o seu jeito sedutor, acaba conquistando-a irremediavelmente. Embora seja imprescindível saber, que para amar, é preciso muito mais do que simplesmente querer, a maneira do amor acontecer, será sempre por conta do infalível destino. Porém, existem muitos mistérios e contratempos nessa trama que não são tão comuns. Existem detalhes ricos que serão desvendados, revelando que tudo pode acontecer entre um homem atraente e uma mulher apaixonada. Então, depois de conhecê-los, e de se envolver nesse drama romanesco, através da avó Valentine Chapelle, a inexperiente e jovem Marie, finalmente, compreende que o amor verdadeiro ainda existe e que pode ser eterno. Um fascinante romance que irá aflorar suspiros de paixão, e que poderá se tornar uma grande inspiração, para se viver uma linda história de amor.

[Compre agora e leia](#)

ROBERTO JÚNIOR

Ritmo

PERFEITO



Ritmo perfeito

Júnior, Roberto

9788553270279

420 páginas

[Compre agora e leia](#)

Lara está prestes a sair do ensino médio e, diferente da maior parte dos colegas, não pensa na faculdade, só tem certeza de uma coisa: será uma grande estrela da música. Sua vida quase pacata começa a mudar quando Samuel Evans, o bonitão do colégio que, além de tudo, é músico, inicia uma amigável aproximação. Ela só não imagina que a súbita proximidade de Sam tem a ver com uma aposta firmada entre ele, Sophia e Juliano — a patricinha e o valentão do colégio. Lara vê seu sonho se tornar mais próximo quando surge o concurso musical Ritmo Perfeito. Mas ela ainda precisará convencer seu pai de que seus sonhos valem a pena, tornar-se mais sociável, ajudar seus únicos dois amigos, que têm problemas pessoais, e, sobretudo, entender-se de uma vez por todas com Samuel Evans.

[Compre agora e leia](#)

SINÉIA RANGEL

*Borboletas
na janela*



 editora
coerência

Borboletas na janela

Rangel, Sinéia

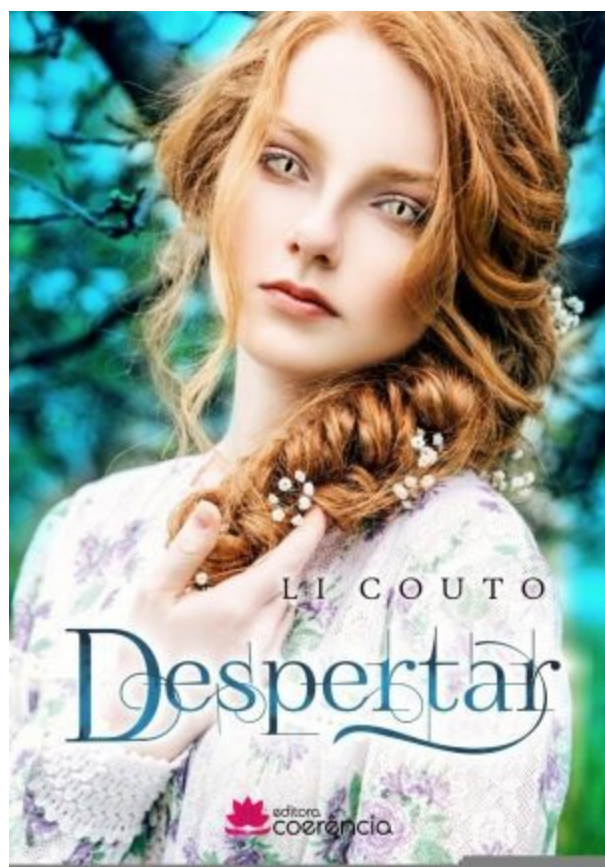
9788553270323

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Miguel Barcellar não esperava que o passado fosse invadir seu escritório, vestindo uma saia lápis, saltos Luiz XV, batom carmim e com um segredo que mudaria a sua vida. Há cinco anos ele se tornou pai. Em alguma parte do mundo, havia um filho que ele nunca conheceu, um garoto que foi entregue para adoção logo após o nascimento. Leon cresceu entre abrigos e lares temporários, até que conheceu Elena. Com histórias de vidas parecidas, foi criado um vínculo de irmãos e uma promessa: nunca abandonariam ao outro. E quando essa promessa parece impossível de ser mantida, o destino faz a sua magia. Pais e filho se encontram. Uma família conta a sua história. E as borboletas voam.

[Compre agora e leia](#)



Despertar

Couto, Li

9788553270040

250 páginas

[Compre agora e leia](#)

Paola sofre de uma maldição que altera sua aparência transformando seus olhos como de um tigre. Aumentando sua insegurança ainda mais aflorada pela adolescência, a tornando uma jovem reclusa e solitária numa pequena cidade do interior. Durante uma crise de transformação, que ocorre toda vez que seus sentimentos vem à tona, ela conhece Arthur um jovem rapaz, que a ajudará a encontrar uma maneira de eliminar este mal de sua vida. E durante esta jornada eles se apaixonam. Sem saber o que está por vir a seguir.

Colocando-a num dilema de acabar como o restante das mulheres de sua família ou se confiará num poder desconhecido colocando Arthur em perigo. Despertar é uma história de poder, amor, aventura e descobertas.

[Compre agora e leia](#)